



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Paulo Junior Batista Lauxen

A dimensão pedagógica da filosofia, segundo Pierre Hadot

Florianópolis

2023

Paulo Junior Batista Lauxen

A dimensão pedagógica da filosofia, segundo Pierre Hadot

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador(a): Prof.(a) Lúcia Schneider Hardt,
Dr.(a)

Florianópolis

2023

Lauxen, Paulo Junior Batista

A dimensão pedagógica da filosofia, segundo Pierre Hadot / Paulo Junior Batista Lauxen ; orientadora, Lúcia Schneider Hardt, 2023.

92 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Filosofia. 3. Ensino de Filosofia. 4. Pierre Hadot. I. Hardt, Lúcia Schneider. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Paulo Junior Batista Lauxen

A dimensão pedagógica da filosofia, segundo Pierre Hadot

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 30 de Agosto de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Lúcia Schneider Hardt, Dr.(a) (Orientadora)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Diogo Norberto Mesti da Silva, Dr. (Examinador)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.(a) Andrea Díaz Genis, Dr.(a) (Examinadora)
Instituição Universidad de la República (UdelaR-Uruguai)

Prof.(a) Rosana Silva de Moura, Dr.(a) (Membro Suplente)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. João Paulo Poli, Dr. (Membro Suplente)
Instituição Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.(a) Lúcia Schneider Hardt, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo suporte de todo tipo. Em particular, agradeço ao meu sobrinho Arthur, pela companhia e pelas conversações sobre as questões mais importantes. Pelo mesmo motivo, sou grato também aos meus amigos. Por fim, agradeço ao financiamento concedido pelo CNPq. Sem todos esses elementos, essa pesquisa não teria sido possível.

“O que é, em última instância, o mais útil ao homem enquanto homem? É discorrer sobre a linguagem ou sobre o ser e o não ser? Não é, antes, aprender a viver uma vida humana?”

(HADOT, 2014a, p. 329)

RESUMO

No presente trabalho elaboramos algumas considerações acerca da dimensão pedagógica atribuída à filosofia pelo historiador e filósofo francês contemporâneo Pierre Hadot (1922 – 2010). Com esse propósito em vista, tomando como procedimento metodológico a revisão bibliográfica e como referencial teórico as próprias obras desse autor, assim como os trabalhos desenvolvidos por seus intérpretes sobre as questões pertinentes para a pesquisa desse tema, nosso estudo se desdobra em três momentos principais. Em primeiro lugar, esclarecemos em seus aspectos mais gerais a concepção de filosofia mobilizada por esse autor, que ocupa o lugar de pano de fundo tanto em suas reconstituições históricas das filosofias antigas, quanto em suas próprias proposições filosóficas para o tempo presente, isto é, o modelo da filosofia como modo de vida e exercício espiritual. Após determinarmos que, para esse autor, o imperativo fundamental da filosofia foi (e, talvez, ainda deveria ser) não somente o desenvolvimento teórico e conceitual, mas sobretudo a busca concreta pela boa vida ou sabedoria, em segundo lugar, desenvolvemos então algumas considerações sobre o modo filosófico de viver específico que, para Pierre Hadot, a filosofia deveria nos preparar, cujo componente fundamental é a consciência cósmica. Seguindo a hipótese de que a relevância desse componente cósmico se refere principalmente ao ulterior objetivo ético hadotiano por um modo de vida não-egoísta, em terceiro lugar, esclarecemos as perspectivas desse autor sobre a dimensão pedagógica da filosofia. Para ele, a tarefa educativa da filosofia emerge no ínterim da consequente preocupação com as outras pessoas provocada pela ruptura do egoísmo ocasionada na conscientização cósmica. Assim sendo, a tarefa de transformação existencial própria da filosofia, em última instância, conduz o filósofo à tarefa pedagógica de oferecer o ensinamento filosófico aos outros. Ao final do trabalho esclarecemos que esse ensino filosófico, baseado no modelo da filosofia como modo de vida, deve possuir um impacto sobre os indivíduos e a sociedade que não é apenas teórico e conceitual, mas principalmente concreto e existencial.

Palavras-chave: filosofia como modo de vida; exercícios espirituais; consciência cósmica; educação.

ABSTRACT

In the present work, we elaborate some considerations about the pedagogical dimension attributed to philosophy by the contemporary French historian and philosopher Pierre Hadot (1922 – 2010). With this purpose in mind, taking the bibliographical review as a methodological procedure and the author's own works as a theoretical reference, as well as the works developed by his interpreters on the pertinent questions for the research of this theme, our study unfolds in three main moments. First, we clarify in its most general aspects the conception of philosophy mobilized by this author, which occupies the background both in his historical reconstitutions of ancient philosophies, and in his own philosophical propositions for the present time, that is, the model of philosophy as a way of life and spiritual exercise. After determining that, for this author, the fundamental imperative of philosophy was (and perhaps still should be) not only the theoretical and conceptual development, but above all the concrete search for the good life or wisdom, secondly, we then develop some considerations about the specific philosophical way of living that, for Pierre Hadot, philosophy should prepare us, whose fundamental component is cosmic consciousness. Following the hypothesis that the relevance of this cosmic component refers mainly to the ultimate hadotian ethical goal of a non-egoistic way of life, thirdly, we clarify the perspectives of this author on the pedagogical dimension of philosophy. For him, the educational task of philosophy emerges in the interim of the consequent concern for other people provoked by the rupture of selfishness caused by cosmic awareness. Therefore, the task of existential transformation proper to philosophy, in the last instance, leads the philosopher to the pedagogical task of offering philosophical teaching to others. At the end of the work, we clarify that this philosophical teaching, based on the model of philosophy as a way of life, must have an impact on individuals and society that is not only theoretical and conceptual, but mainly concrete and existential.

Keywords: philosophy as a way of life; spiritual exercises; cosmic consciousness; education.

LISTA DE ABREVIATURAS

O título das obras de Pierre Hadot abaixo listadas, depois da primeira ocorrência no texto, serão abreviados da seguinte maneira:

<i>FMV</i>	A filosofia como maneira de viver: Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson
<i>EF</i>	Exercícios espirituais e filosofia antiga
<i>NEV</i>	Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais
<i>OFA</i>	O que é a filosofia antiga?

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA E EXERCÍCIO ESPIRITUAL, SEGUNDO PIERRE HADOT	14
2.1	PIERRE HADOT E SUA OBRA	14
2.2	O MODELO DA FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA	17
2.3	A ESCOLHA PELA VIDA FILOSÓFICA	23
2.4	O DISCURSO FILOSÓFICO.....	27
2.5	A SABEDORIA.....	33
2.6	OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS.....	37
2.7	A IMPOSSIBILIDADE DA SABEDORIA.....	41
3	A DIMENSÃO CÓSMICA DA FILOSOFIA, SEGUNDO PIERRE HADOT	44
3.1	A CONSCIÊNCIA CÓSMICA	44
3.2	A PERCEPÇÃO DO TODO.....	49
3.3	A VIDA COTIDIANA.....	52
3.4	A PERCEPÇÃO ESTÉTICA.....	54
3.5	O OLHAR DO ALTO	58
3.6	A UNIVERSALIDADE DA RAZÃO	64
4	A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA, SEGUNDO PIERRE HADOT	69
4.1	O EGOÍSMO NA FILOSOFIA.....	69
4.2	A PREOCUPAÇÃO COM OS OUTROS	72
4.3	A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA	74
4.4	A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA OBRA DE PIERRE HADOT	80
4.5	A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA NA CONTEMPORANEIDADE.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente mobilizados por uma problemática que, na verdade, é pessoal e profissional, no presente trabalho buscamos desenvolver um estudo sobre alguns das perspectivas próprias do filósofo francês e contemporâneo Pierre Hadot (1922 – 2010), particularmente no que se refere aos aportes pedagógicos que ele atribui à filosofia quando essa é pensada a partir do antigo modelo da filosofia como modo de vida. Perguntávamo-nos, de fato, tanto na posição de estudantes, quanto na condição de professores, se a filosofia não poderia (e, quiçá, se não deveria) ocupar uma função que possuísse, para além de sua indiscutível relevância teórica e conceitual, também maior impacto sobre as nossas vidas concretas, mas também sobre os desafios que atualmente enfrentamos, seja no domínio geral de nossa sociedade (como, por exemplo, os problemas relacionados às interações excessivamente utilitárias e desiguais entre as pessoas), ou no domínio específico da Educação (como, por exemplo, o desafio de promover uma formação ética eficaz entre os jovens). Incitados por inquietações desse tipo, encontramos na obra de alguns pensadores contemporâneos, entre os quais podemos destacar, além do próprio Pierre Hadot, também o filósofo Michel Foucault, uma peculiar perspectiva acerca da filosofia que parece se desdobrar no sentido de pensar a prática filosófica precisamente nesse registro de sua responsabilidade para com a vida e o mundo concretos, para além de seu compromisso restrito com os desenvolvimentos do conhecimento. Nesse sentido, optamos em desenvolver um estudo sobre essas perspectiva possíveis acerca da filosofia especificamente na obra de Pierre Hadot, não obstante reconheçamos a relevância de outros autores, atuais ou de outras épocas, que também refletiram acerca dessas questões.

Recorrendo ao procedimento metodológico da revisão bibliográfica, tomamos como referencial teórico as abordagens sobre a filosofia desenvolvidas na obra desse autor, mas também as considerações de seus intérpretes acerca das questões aqui colocadas em pauta, de modo que pudéssemos desenvolver o estudo elaborado na presente dissertação. Nos três capítulos que compõe este nosso trabalho, buscamos evidenciar ao menos em seus aspectos mais gerais em que sentido esse pensador, tendo como pano de fundo a ideia de que a filosofia seja um modo de vida, atribui a essa atividade uma dimensão que é pedagógica. Nessa direção, o nosso primeiro capítulo busca esclarecer essa peculiar perspectiva

avançada por Pierre Hadot, de acordo com ele inspirada em seus estudos históricos acerca da antiguidade filosófica, segundo a qual a filosofia é pensada não somente como um exercício teórico, conceitual e abstrato, mas sobretudo como um modo de vida e exercício espiritual. Percorrendo em alguns tópicos temas centrais para a reconstituição dessa concepção hadotiana sobre a filosofia – como, por exemplo, as temáticas sobre o objetivo filosófico pela sabedoria, sobre os meios de buscar essa finalidade através dos exercícios espirituais ou sobre a importância do discurso filosófico nesse contexto – tentamos mostrar, em síntese, que a diferença da maneira como a filosofia é hoje correntemente concebida e praticada, para Pierre Hadot, ela um dia foi (e, talvez, outra vez deveria ser) não somente uma atividade voltada para a teoria e para o conceito, mas sobretudo uma maneira de ser e de existir orientada pela busca da boa vida.

Tendo considerado no primeiro capítulo desta dissertação que, para Pierre Hadot, o imperativo fundamental da filosofia não foi (e, quiçá, não deveria ser) apenas o conhecimento teórico, mas a busca por efetivamente viver melhor, em nosso segundo capítulo passamos ao estudo da ideia propriamente hadotiana acerca do que configura essa boa vida a ser buscada pela filosofia através dos exercícios espirituais. Nesse momento, ressaltamos que, para esse autor, o objetivo existencial da filosofia deve ser pensado principalmente no registro da sua ideia de uma consciência sobre nossa existência no mundo, para a qual ele cunha o conceito de consciência cósmica. Elaborando algumas considerações sobre temas importantes de seu pensamento relacionados à essa ideia, como, por exemplo, sobre as dificuldades colocadas pelo cotidiano à vida filosófica ou sobre as oportunidades oferecidas pela percepção estética para esse propósito, buscamos esclarecer que ele pensa a boa vida principalmente em referência à consciência de nosso lugar no universo. Entretanto, com base em algumas indicações oferecidas pelo próprio autor, seguimos a hipótese de que o ulterior objetivo existencial que ele tem em vista para a filosofia é, em última análise, um modo de vida não-egoísta. Assim sendo, parece que a pertinência da consciência cósmica deve ser considerada, na perspectiva desse autor, à luz desse objetivo pela superação do egoísmo.

Seguindo a conjectura de que Pierre Hadot sublinha a relevância existencial da consciência cósmica sobretudo porque nela acredita encontrar um antídoto potente para o nosso excessivo egocentrismo, no último capítulo que compõe nosso

trabalho, buscamos mostrar que é precisamente nesse ínterim que emerge a dimensão pedagógica da filosofia, segundo esse autor. Ao se abrir para as necessidades das outras pessoas (movimento possível no decurso da vitória sobre o demasiado fechamento em si mesmo, conquistada na tomada de consciência cósmica), o filósofo é incitado ao compromisso de agir em benefício da sua comunidade, o qual se desdobrará em um projeto filosófico-educativo. Compreendemos assim de que maneira se instaura a responsabilidade que Pierre Hadot imputa aos filósofos, isto é, a tarefa de não somente ensinar teorias e conceitos, mas de interferir na vida individual e coletiva através dos ensinamentos práticos da filosofia. Com esses desenvolvimentos elaborados ao longo desses capítulos, portanto, esperamos que se torne mais clara a relação que parece existir no pensamento de Pierre Hadot entre o seu modelo da filosofia como modo de vida, a sua ideia de uma vida filosófica cósmica e o compromisso pedagógico que ele atribui aos filósofos. Pois, tentando resumir a complexa conjugação entre esses temas em poucas palavras, é porque o filósofo busca viver de maneira mais consciente sobre o seu lugar no universo, conforme convida Pierre Hadot, que ele então buscará ser um educador da humanidade.

Tendo em vista esses nossos propósitos com o presente estudo, esclarecemos que o trabalho que aqui desenvolvemos se insere no contexto das preocupações próprias do campo específico da Filosofia da Educação, porém, desde que esse campo seja concebido a partir da perspectiva do modelo da filosofia como modo de vida. Conforme propõe alguns autores dessa área, dentre os quais destacamos Andrea Díaz Genis e Sílvia Gallo, essa perspectiva peculiar sobre a filosofia proposta por Pierre Hadot

(...) nos leva a pensar uma filosofia da educação mais abrangente, que entenderá a filosofia como pedagogia do gênero humano, que ainda que não descarte seu vetor teórico e conceitual, entende que filosofia e educação identificam-se, tendo como foco problemático a vida mesma (GENIS; GALLO, 2015, p. 95).

Portanto, posicionamos o nosso trabalho no campo da Filosofia da Educação pensado sob o registro dessa peculiar perspectiva, de modo que, na esteira das considerações do próprio Pierre Hadot, concebemos que a tarefa dessa área (e, portanto, a nossa tarefa com o presente estudo), mais do que se voltar para a elaboração de discursos filosóficos, mas sem prescindir desse esforço, articulando-o

a este objetivo que o ultrapassa, deve perspectivar e favorecer a reflexão e a prática de uma formação que pretende ter relevantes impactos não somente teóricos, mas também práticos. Assim sendo, esperamos que a abordagem que buscamos encetar no presente estudo possa oferecer alguns aportes que talvez contribuam para a reflexão teórica, mas também para a prática, de uma educação preocupada com as questões concretas colocadas pela vida e pelo mundo.

Por fim, é indispensável ainda salientar nesta Introdução de nosso trabalho esta importante delimitação metodológica para o nosso estudo sobre a obra de Pierre Hadot. Ao desenvolver suas considerações acerca dos temas aqui mobilizados (como, por exemplo, a ideia da consciência cósmica), esse autor se reporta às tradições antigas de filosofia, fazendo uso de suas reconstituições históricas das filosofias do passado como uma estratégia metodológica de comunicação indireta de suas próprias posições. De fato, conforme ele próprio exprime a esse respeito ao colocar sua obra em paralelo com os trabalhos de seu contemporâneo Michel Foucault, não obstante seus textos à primeira vista pareçam ser obras de erudição histórica, no fundo, eles tem pretensões propositivas próprias e atuais:

Sua [de Michel Foucault] descrição das práticas de si (como, aliás, minha descrição dos exercícios espirituais) não é somente um estudo histórico, mas pretende implicitamente oferecer ao homem contemporâneo um modelo de vida (HADOT, 2014a, p. 293).

Tendo em vista essa peculiar maneira de proceder em seus escritos, pela qual avança posições implicitamente em suas descrições históricas, salientamos que, de nossa parte, pretendemos aqui desenvolver um estudo não sobre as perspectivas historiográficas desse autor sobre o passado filosófico, mas, ao invés disso, sobre as posições filosóficas propriamente hadotianas. Entretanto, devido ao fato de que suas próprias ideias são apresentadas implicitamente em suas descrições históricas, ocasionalmente poderemos nos referir em nosso trabalho às filosofias do passado. Nossa intenção com isso, porém, não é a de discutir as posições filosóficas da história tendo como referencial a obra de Pierre Hadot, mas apenas melhor esclarecer as posições próprias desse autor.

2 A FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA E EXERCÍCIO ESPIRITUAL, SEGUNDO PIERRE HADOT

2.1 PIERRE HADOT E SUA OBRA

O historiador, filólogo e filósofo francês contemporâneo Pierre Hadot¹ (1922 – 2010) propõe em sua obra uma peculiar interpretação da história da filosofia ocidental, em particular da filosofia greco-romana do período antigo. Além disso, propõe também uma concepção singular sobre o que é a filosofia, concebendo-a, analogamente aos filósofos antigos, como um modo de vida. Dedicando-se principalmente à antiguidade filosófica, mas sem se restringir a esse período específico, esse autor desenvolve uma leitura das filosofias da história ocidental que se diferencia da maneira como, segundo ele entende, habitualmente elas são abordadas pelos filósofos, professores de filosofia e historiadores contemporâneos. Sendo que, a partir desse estudo histórico e se inspirando nessas filosofias antigas por ele abordadas, Pierre Hadot também avança uma concepção sobre o fazer filosófico que, em seu entendimento, diverge da concepção e prática hegemônica em seu tempo: a filosofia como modo de vida. De fato, a maior parte dos trabalhos desse autor se dedicam a descrever a história da filosofia antiga, como é o caso, por exemplo, dos seus importantes livros *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (2014a) ou *O que é a filosofia antiga?* (2014b; doravante referidos com as abreviaturas “EF” e “OFA”, respectivamente). Porém, em alguns trabalhos o autor se dedica também a outros períodos da história da filosofia, seja em textos curtos, como, por exemplo, naquele dedicado ao filósofo norte-americano da primeira metade do século XIX, Henry David Thoreau (1817 – 1862), intitulado *Há, nos nossos dias, professores de filosofia, mas não filósofos* (2014a, p. 301), ou em textos de maior volume, como é o caso do estudo sobre o poeta e filósofo alemão do final do século XVIII e início do século XIX, Johann W. Goethe (1749 – 1832), cujo título é *Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* (2019; doravante referido com a abreviatura “NEV”). Nesses trabalhos, enquanto filólogo e historiador da filosofia e,

¹ Sem pretender descrever em detalhe a carreira intelectual desse autor, basta mencionar apenas que ele foi um reconhecido filólogo e historiador helenista, cujos trabalhos se ocuparam principalmente com as filosofias greco-romanas, com as relações entre helenismo e cristianismo e com a mística neoplatônica. Além de historiador e filólogo, foi também filósofo, ocupando-se particularmente com o problema metafilosófico sobre o que é filosofia (HADOT, 2016, p. 49 – 75).

em particular, especialista das filosofias antigas, o autor busca descrever a história da filosofia certamente com o objetivo de propor uma correção histórica à compreensão que, segundo ele, equivocadamente assumem os seus contemporâneos acerca do que foi a filosofia no passado. Mais do que isso, porém, enquanto filósofo, o autor entende também que essa retomada histórica da filosofia, sobretudo sobre a sua origem antiga, pode contribuir para a discussão metafilosófica ainda contemporânea acerca da questão sobre o que é a filosofia. Nesse ínterim, Pierre Hadot enfim faz emergir um modelo de filosofia que se oferece como um contraponto à concepção e prática dessa disciplina que, em seu entendimento, é dominante em nosso tempo.

Com efeito, mais do que um interesse restrito às questões históricas ou filológicas, seus trabalhos são mobilizados também pelo interesse em questões relacionadas ao tempo presente, como, por exemplo, sobre a maneira como a filosofia é exercitada e ensinada hoje, ou sobre a tarefa do filósofo contemporâneo em relação à sociedade de nosso tempo. Nessa direção, conforme veremos em maior detalhe ao longo desta dissertação, pode-se dizer que a obra de Pierre Hadot, apesar de à primeira vista oferecer principalmente um estudo histórico das filosofias do ocidente, em especial das correntes antigas, no fundo tem pretensões filosóficas atuais, seja no sentido de propor um modelo de filosofia alternativo ao vigente hoje, ou no objetivo de oferecer às pessoas de nosso tempo uma resposta à questão (para ele fundamental) sobre como viver. Portanto, conforme sublinham Federico Testa e Marta Faustino na sua introdução para a coletânea de ensaios por eles organizada sob o título *Filosofia como Modo de Vida* (2022), o trabalho de Pierre Hadot, em primeiro lugar, além de sua importância em nível historiográfico (pois propõe uma interpretação original sobre o que foi a história da filosofia, em particular da antiguidade), possui também importância em nível metafilosófico, isto é, na medida em que (aliás, justamente a partir de seu nível historiográfico) propõe uma concepção específica sobre o que é (ou sobre o que deveria ser) a filosofia, a saber, o modelo da filosofia como modo de vida. No texto *O que é a filosofia como modo de vida?*, que compõe essa coletânea, o autor John Sellars formula essa ideia da seguinte maneira, salientando que o modelo da filosofia como modo de vida

(...) não é apenas a forma como a filosofia foi concebida há muito tempo atrás, mas também uma opção metafilosófica viva que foi retomada por

filósofos ao longo da história da filosofia e que pode ser retomada ainda hoje (SELLARS, 2022, p. 66).

Além disso, seguindo ainda a indicação de Testa e Faustino nessa mesma introdução, deve-se salientar ainda que a obra de Pierre Hadot também possui, juntamente com sua pertinência histórica e metafilosófica, um importante impacto contemporâneo em um nível pedagógico ou psicagógico. Isto significa que, de um lado, nas palavras dos comentadores, “o modelo da filosofia como modo de vida tem inspirado o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e disseminação da filosofia a públicos alargados” (TESTA; FAUSTINO, 2022, p. 41); mas também que, de outro lado, em conformidade com sua concepção de filosofia como modo de vida, sua obra tem também uma pretensão educativa de ensinar aos indivíduos contemporâneos uma nova maneira de viver a vida. São principalmente esses aspectos pedagógicos da obra de Pierre Hadot que interessam o estudo que desenvolvemos na presente dissertação, os quais serão analisados especialmente no terceiro capítulo de nosso trabalho, após o esclarecimento no primeiro e segundo capítulos acerca de alguns elementos fundamentais para a perspectiva desse autor.

Em resumo, ao buscar em suas obras descrever com fidelidade histórica as filosofias da história do ocidente, sobretudo as filosofias antigas, Pierre Hadot mobiliza essa descrição não somente com um interesse pelo passado, mas também pelo presente, justamente se servindo dessas reconstituições históricas para, a partir delas, desdobrar uma proposta filosófica própria, que ele pensa possuir importância para lidar com questões que são de interesse do nosso próprio tempo – e, aliás, não apenas para os especialistas em filosofia, mas para todas as pessoas – em especial a problemática em torno da maneira como vivemos. Tendo em vista esses objetivos de Pierre Hadot, importa aqui mais uma vez ressaltar, conforme já indicamos anteriormente na Introdução desta dissertação, que nossa mobilização da obra desse autor não tem em vista o estudo das perspectivas historiográficas nela desdobradas. Ao invés disso, pretendemos esclarecer o aspecto metafilosófico de sua obra (que define a filosofia como um modo de vida), assim como sua própria proposição de um modo de vida filosófico específico (que liga essa maneira de viver a um aspecto cósmico), para que então possamos abordar a sua dimensão pedagógica (que precisamente surge a partir dos aspectos anteriores). Estes elementos que pretendemos estudar, entretanto, emergem na obra desse autor a partir de suas perspectivas históricas. Ou seja, não entra no escopo de nossa

pesquisa estudar as filosofias antigas ou modernas com base na interpretação que delas propõe Pierre Hadot. Ao invés disso, perspectivamos somente estudar as proposições filosóficas próprias desse autor no que se refere ao modelo da filosofia como modo de vida, assim como sobre o modo de vida filosófico que ele próprio propõe e os aportes pedagógicos implicados nessas posições suas. No entanto, tendo em vista que essas abordagens suas são expressas principalmente de maneira indireta em suas descrições históricas, eventualmente deveremos recorrer a essas descrições.

2.2 O MODELO DA FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA

No prefácio para o livro *OFA*, Pierre Hadot salienta que, de acordo com o que revelam seus estudos históricos, à diferença da maneira como a filosofia era concebida e praticada no período antigo, quando era ressaltada a sua orientação e pertinência existencial, na contemporaneidade a filosofia, em particular aquela que é praticada no contexto das academias e universidades, desvinculou-se da existência concreta das pessoas.² Agora, para ele, a filosofia é entendida e exercitada apenas como uma atividade estritamente teórica e conceitual, buscando solucionar no domínio discursivo questões abstratas, porém sem pretender implicar a conduta e nem ter relevância prática, seja para aqueles que a exercitam ou para as demais pessoas de fora do círculo dos especialistas na disciplina (HADOT, 2014b, p. 16 – 17). De acordo com o autor, com base nessa concepção específica acerca do fazer filosófico, os contemporâneos filósofos, professores e historiadores da filosofia, assim como em sua própria atividade filosófica e em sua tarefa de ensino dessa disciplina, também em suas abordagens históricas privilegiam um entendimento teórico e conceitual da filosofia, em detrimento da orientação e pertinência prática e existencial que, na verdade, segundo ele, a filosofia originalmente possuía. Devido a essa concepção corrente sobre essa disciplina, no que se refere particularmente ao seu ensino e à sua historiografia nas instituições acadêmicas, o autor observa que

² Não pretendemos adentrar no estudo dos fatores históricos que consolidaram na contemporaneidade essa ideia de que a filosofia é uma atividade estritamente teórico-abstrata, sendo suficiente aqui apenas indicar que, segundo Pierre Hadot, a desarticulação do componente prático e existencial que ele atribui à origem da filosofia remonta historicamente à assimilação dessa disciplina pelo cristianismo. A partir disso, as práticas espirituais originariamente filosóficas se associaram à vida cristã e os conteúdos teóricos e conceituais da filosofia se associaram à teologia cristã, de modo que, por consequência, a filosofia passou a ser identificada como um exercício apenas teórico e conceitual (HADOT, 2014a, p. 268 – 269).

(...) [os estudantes] têm a impressão de que todos os filósofos estudados esforçaram-se sucessivamente para inventar, cada um de uma maneira original, uma nova construção sistemática e abstrata, destinada a explicar, de uma maneira ou de outra, o universo; ou, pelo menos, caso se trate de filósofos contemporâneos, que eles procuraram elaborar uma nova discussão sobre a linguagem (HADOT, 2014b, p. 17).

Assim sendo, na perspectiva em questão mesmo o eventual tratamento de questões relacionadas ao âmbito da prática (como, por exemplo, as problemáticas acerca da conduta moral ou sobre o que é a felicidade), é desenvolvido de uma maneira estritamente teórica e abstrata. A investigação em torno dessas questões não pretende ter aplicação prática e nem exercer um impacto real sobre a vida ou a conduta daqueles que estão nela implicados e nem das demais pessoas exteriores à essa tarefa, mas apenas responder certas perguntas a partir de uma perspectiva abstrata, teórica e conceitual. Mas se, por acaso, essa abordagem tem motivações ou efeitos práticos (por exemplo, se o filósofo estudado estava preocupado em concretamente ser feliz e se buscou efetivamente viver em conformidade com sua teoria sobre a felicidade; ou se uma teoria moral influencia a maneira como os estudantes passam a se comportar após estudá-la), essas motivações ou efeitos não têm relevância filosófica, mas apenas os elementos teóricos e conceituais desdobrados nessa abordagem. Nessa perspectiva, por exemplo, se se propõe um estudo filosófico sobre certa teoria moral, o que há de “filosófico” nesse estudo não é a sua aplicabilidade e tentativa de vivenciá-la, mas a leitura e a compreensão, assim como a escrita e a crítica acerca de seus argumentos e conceitos. Em suma, seja em sua perspectiva histórica, em seu exercício atual ou em seu ensino, para Pierre Hadot, a filosofia é hoje associada a uma atividade estritamente teórica e abstrata, permanecendo, além disso, restrita aos especialistas que dominam os conteúdos e as habilidades necessários para o seu exercício. Portanto, não obstante sua indiscutível relevância teórica e conceitual, a filosofia se oferece como uma atividade que não tem o objetivo de ter relevância prática, de ter consequências reais sobre a vida concreta, seja dos especialistas, dos estudantes ou das pessoas em geral.

Entretanto, Pierre Hadot chama a atenção para o fato de que, quando se refaz a história da filosofia com base nesse entendimento contemporâneo sobre o fazer filosófico, muitas vezes se chega na desconcertante constatação de que os filósofos estudados parecem praticar mal essa atividade teórico-conceitual. Segundo ele, por exemplo, eles aparentemente se contradizem em suas teorizações,

propõem sistemas incoerentes ou são imprecisos na definição de seus conceitos (HADOT, 2014a, p. 60 – 64). Com efeito, o autor menciona diferentes casos de aparentes inconsistências teórico-conceituais encontradas nos textos filosóficos, particularmente entre os antigos, como, por exemplo, as contradições e indefinições nos diálogos platônicos: “Havia o enigma dos diálogos de Platão, que não raro são aporéticos, pouco coerentes entre si” (HADOT, 2016, p. 118). Tendo em vista essa problemática, o autor formula a questão que inicialmente o mobilizou ao estudo da história da filosofia da antiguidade: “No início (...) o problema para mim era explicar as incoerências – aparentes – dos filósofos” (HADOT, 2016, p. 118). Dito de outra maneira, a questão que se coloca para Pierre Hadot de início é a de que, se o imperativo fundamental da filosofia, conforme pretende a concepção contemporânea sobre essa disciplina, é a composição teórico-conceitual, porque os filósofos da história (em especial da antiguidade) às vezes parecem compor mal suas teorias e conceitos?

Inicialmente conduzido por essa problemática, através de seus estudos históricos e filológicos, Pierre Hadot enfim descobre que para esses filósofos, à diferença da perspectiva contemporânea sobre a filosofia, a motivação fundamental da atividade filosófica não é a elaboração teórico-conceitual (embora, é preciso salientar desde já, claramente essa elaboração pareça possuir para eles muita importância). De acordo com o intérprete, ao invés disso, o imperativo que mobilizou muitos filósofos ao longo da história (e, talvez, deveria ainda mobilizar os filósofos hoje) é a preocupação em torno da problemática sobre a maneira como se deve viver. Em particular nas filosofias greco-romanas do período antigo, de acordo com ele, a filosofia se constitui como uma resposta, não somente teórica, mas também (e principalmente) prática à questão sobre como devemos viver, de modo que então, conforme escreve no texto intitulado *A filosofia como maneira de viver*, “ela [a filosofia] é uma maneira de viver, (...) uma maneira de existir no mundo, que deve ser praticada a cada instante, que deve transformar toda a vida” (HADOT, 2014a, p. 262). Desse modo, a filosofia estaria voltada sobretudo para a questão prática e existencial do viver, sem estar reduzida à elaboração teórico-conceitual, ainda que englobando também essa tarefa abstrata e teórica. A filosofia teria sido uma disciplina cuja função seria a de nos ajudar a solucionar não somente na teoria as questões relacionadas à maneira de se viver, mas também e principalmente na prática. Nesse sentido, Pierre Hadot busca demonstrar em sua obra que ao longo da

história, mas sobretudo em sua origem antiga, a filosofia foi concebida e praticada de uma maneira diferente daquela que se coloca atualmente nas universidades e academias, isto é, não somente como um exercício teórico e abstrato, mas como uma atividade orientada para a maneira como vivemos, assim implicando concretamente nossa existência e não apenas nossa habilidade com a teorização e a conceptualização.

Para nos ajudar a melhor compreender essa interpretação sobre a história da filosofia, a partir da qual Pierre Hadot elabora uma proposição de uma concepção alternativa para hoje sobre a filosofia, os comentadores Testa e Faustino escrevem o seguinte, ressaltando nessa concepção de filosofia a ênfase no aspecto da prática de certa maneira de viver, em relação aos aspectos do conhecimento e da verdade a serem alcançados e expressos na teoria e no conceito:

E se, além de um conjunto de doutrinas, enunciados teóricos e sistemas conceptuais, a filosofia pudesse ser pensada como algo vivido, como uma condição existencial e como a escolha fundamental de um modo de vida? E se a verdade que os filósofos procuram não fosse somente um corpo de conhecimentos teóricos sobre o mundo, mas uma verdade capaz de transformar-nos eticamente? E se além de ser estudada, ensinada, aprendida, a filosofia tivesse uma potencialidade prática e performativa, capaz de responder às inquietações mais profundas dos indivíduos e de operar uma transformação nos modos de ser, estar e viver no mundo? É essa imagem da filosofia que nos propõe autores como Pierre Hadot, nos seus estudos sobre os antigos, e Michel Foucault, na sua obra tardia, também focada na filosofia antiga (TESTA; FAUSTINO, 2022, p. 13 – 14).

Para Pierre Hadot, assim como para o seu contemporâneo Michel Foucault, conforme salientam os comentadores, diferentemente do que assume a maioria dos contemporâneos desses autores, a tradição de filosofia que surge com os antigos associa a filosofia com uma atividade que não se reduz ao âmbito do discurso teórico-conceitual. Mais do que uma atividade estritamente teórica, conceitual e abstrata, originalmente a filosofia estava associada à dimensão da prática. Dito diferentemente, a atividade filosófica, para os antigos, não estava relacionada principalmente com o conhecimento discursivo, com a conceptualização, com a elaboração de teorias, mas sobretudo com as atitudes, com os hábitos, com as escolhas cotidianas, com as vivências, com os relacionamentos humanos e etc. Para Pierre Hadot, a filosofia era então entendida como uma atividade que tem a ver, antes de tudo, com a maneira como se vive, com o modo como alguém se conduz cotidianamente ao longo de sua existência.

Isto significa que, nessa abordagem acerca da filosofia, o seu imperativo fundamental, antes da teorização, da elaboração de conceitos, da defesa de teses mediante argumentos, que expressem um conhecimento verdadeiro, é o imperativo por viver uma vida boa. Dito de outro modo, nessa perspectiva o que o filósofo quer, antes de qualquer coisa, é de fato viver o melhor possível. O que ele objetiva, em primeiro lugar, é concretamente realizar para si uma vida que considera boa, completa, excelente em todas as suas possibilidades. Assim sendo, as diferentes correntes de filosofia antigas (mas também às vezes as filosofias de outros tempos) corresponderiam não apenas a diferentes teorizações e conceptualizações, por exemplo, acerca da natureza do mundo, mas, antes disso, seriam principalmente múltiplas representações e práticas do que seria uma vida boa, sendo que os seus elementos teóricos e conceituais estariam, no fundo, articulados à compreensão e ao exercício desses diferentes modos de vida filosóficos. Em síntese, nessa perspectiva a preocupação fundamental que mobiliza o filósofo é, antes da preocupação pelo conhecimento teórico, a pergunta sobre o que é uma vida boa e, sobretudo, sobre como efetivamente viver essa vida. Assim sendo, a atividade filosófica se constitui, enfim, como um modo de vida, isto é, não apenas um entendimento teórico sobre o viver, mas acima de tudo uma prática concreta de um modo de viver o melhor possível.

Por consequência dessa abordagem acerca da filosofia, deve-se compreender que aquilo que faz um filósofo ser “filósofo”, à diferença do entendimento contemporâneo, segundo Pierre Hadot, não é o domínio de certas habilidades ou conteúdos no que se refere à elaboração ou a crítica de teorias e conceitos filosóficos. Ao invés disso, essa atribuição de “filósofo” se deve ao fato de o indivíduo efetivamente viver de uma maneira filosófica. Isto é, um “filósofo” é aquele que está comprometido com um esforço concreto de tornar sua própria vida melhor em referência a uma ideia sobre o que é a boa vida – compromisso esse que, conforme estudaremos no tópico seguinte, implica uma escolha fundamental por um modo de vida filosófico específico. Formulado de outra maneira, será filósofo alguém que, inspirado em certa concepção filosófica sobre o melhor modo de viver, busca cotidianamente se relacionar consigo, com os outros e com o mundo em acordo com essa concepção à qual ele aderiu. Assim é que indivíduos que habitualmente não são considerados filósofos, pela razão de não terem desenvolvido teorias ou conceitos filosóficos, são nessa outra perspectiva assim

considerados, pois viveram de uma maneira filosófica, isto é, porque de fato exerceram em sua própria vida o compromisso de viver uma vida filosófica. Apenas para ilustrar esse entendimento, pode-se mencionar, entre os diversos nomes que Pierre Hadot lista ao longo de sua obra, o caso do político romano Catão de Útica, o qual, nas suas palavras, “foi considerado filósofo e até sábio, ainda que nada tenha escrito, nem nada ensinado, porque sua vida foi perfeitamente estoica” (HADOT, 2014a, p. 271). Portanto, na perspectiva dessa concepção de filosofia como modo de vida, apesar de não se desenvolver um discurso filosófico, é-se filósofo por escolher se esforçar no sentido de viver uma vida que, segundo opções existenciais pessoais, acredita-se ser a melhor e mais completa, sendo possíveis diferentes maneiras filosóficas de viver, entre as quais, por exemplo, a vida estoica.

Porém, é preciso ressaltar, juntamente com os esclarecimentos do próprio Pierre Hadot discutidos adiante, no tópico acerca do *Discurso filosófico*, que a centralidade da motivação pela boa vida, que mobiliza a atividade filosófica na concepção da filosofia como modo de vida, não significa o abandono da motivação pelo conhecimento teórico e o compromisso com a verdade. Ao invés disso, a preocupação teórico-conceitual, que continua operante na prática filosófica, é então articulada à preocupação em viver melhor, sendo essa preocupação pela boa vida, porém, que faz emergir a preocupação pelo conhecimento, não sendo esse último, portanto, um fim em si mesmo.

Para resumir em poucas palavras essa abordagem ao mesmo tempo histórica e metafilosófica desenvolvida por Pierre Hadot em sua obra, esse autor propõe uma interpretação sobre a história da antiguidade segundo a qual a filosofia para os antigos (mas às vezes também depois dos antigos) era um modo de vida, pois estava motivada, antes de tudo, pela problemática prática acerca da boa vida. Ademais, ele acredita que esse modelo de filosofia, porque possui maior pertinência existencial – individualmente (para os próprios filósofos, professores de filosofia ou estudantes envolvidos com essa disciplina), mas também para a sociedade em geral, mesmo para aqueles que não estão engajados diretamente na filosofia – deveria ser repensado para o nosso tempo. Assim sendo, o modelo da filosofia como modo de vida se oferece como uma alternativa talvez mais interessante que o modelo atual, que reduz a filosofia à teoria e ao conceito. Com isso, Pierre Hadot tem em vista uma filosofia que revive o antigo potencial dessa disciplina em ser praticamente relevante, na medida em que, além de nos esclarecer

conceptualmente acerca das problemáticas sobre o mundo e a existência, também pode provocar um impacto transformador concreto sobre a vida do filósofo e, talvez, de toda a sociedade.

2.3 A ESCOLHA PELA VIDA FILOSÓFICA

Os estudos de Pierre Hadot acerca dessa tradição antiga de filosofia, que concebe essa atividade como um modo de vida, esclarecem-nos que nesse modelo de filosofia a dedicação a certa maneira de viver tem mais importância do que a dedicação ao estudo ou ao desenvolvimento de discursos filosóficos (ainda que, é preciso insistir, não suprima esse segundo domínio da atividade filosófica). Com efeito, ao tratar da relação existente no contexto dessa tradição entre, por um lado, a dedicação a uma maneira filosófica de viver e, por outro, a dedicação aos discursos filosóficos, o autor escreve o seguinte ainda no prefácio para a obra *OFA*, enfatizando a precedência de uma escolha por uma vida filosófica em relação à aplicação ao discurso filosófico:

Em primeiro lugar, ao menos desde Sócrates, a opção por um modo de vida não se situa no fim do processo da atividade filosófica, como uma espécie de apêndice acessório, mas, bem ao contrário, na origem, em uma complexa interação entre a reação crítica a outras atitudes existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária; e essa opção determina até certo ponto a doutrina e o modo de ensino dessa doutrina (HADOT, 2014b, p. 17).

Na perspectiva em análise, a aplicação por parte de alguém à filosofia consiste primordialmente no compromisso em viver de certo modo, na escolha em realizar uma específica maneira de viver, mais do que na aplicação aos discursos filosóficos. Sendo que a emergência desse compromisso com certo estilo de vida não precisa envolver o estudo e o domínio dos conteúdos teóricos e conceituais relacionados ao modo de vida em questão, mas pode ser conduzido por outros fatores, que não necessariamente implicam a dedicação aos discursos. Assim sendo, a atividade filosófica se inicia não no registro da teoria, da conceptualização, da argumentação e etc., mas antes de tudo no registro da própria vivência, da experiência concreta do indivíduo em sua relação consigo mesmo, com as outras pessoas e com o mundo. Antes desse indivíduo se voltar para o estudo ou para o desenvolvimento de teorias ou conceitos filosóficos, ele estará envolvido na tarefa

de viver dessa maneira que então escolheu, de modo que a aplicação às atividades discursivas se constitui apenas como um componente, certamente importante, mas não fundamental nessa escolha de vida. Em poucas palavras, para Pierre Hadot, portanto, antes de tudo se escolhe um modo de vida – isso já constituindo a atividade filosófica propriamente dita – e apenas depois volta-se aos discursos filosóficos – isso, porém, realizado em benefício da escolha de vida.

No contexto da discussão acerca desse entendimento de Pierre Hadot sobre a precedência de uma escolha fundamental por uma maneira de viver em relação aos posteriores desdobramentos abstratos e teóricos, Testa e Faustino nos esclarecem o seguinte:

Tal escolha, explica Hadot, precede a construção de sistemas teóricos – que hoje vemos como representativos do que é a filosofia – e guia tal construção; pois na tradição da filosofia como modo de vida, o aparato teórico-abstrato sucede e justifica a opção radical por uma maneira de viver, que, por sua vez, se relaciona com coordenadas fundamentais da experiência humana no mundo (TESTA; FAUSTINO, 2022, p. 22).

Portanto, a aplicação à filosofia, entendida enquanto uma maneira de viver, funda-se e se desdobra em relação a uma escolha de vida, em uma opção existencial, um desejo e decisão por existir no mundo de uma certa maneira. E essa escolha, ao menos em seu estágio inicial, não envolve necessariamente o discurso filosófico, embora ele possa ser um fator que provoque essa decisão ou, posteriormente, reforce-a ou favoreça a sua realização. A escolha inicial, antes da posse dos discursos que a justificam, é provocada principalmente pelas experiências existenciais do indivíduo, pelas suas vivências na sua relação consigo, com os outros e com o mundo.

Para tentarmos esclarecer essa ideia hadotiana acerca de uma escolha existencial que é independente dos discursos filosófico, podemos considerar esta nota de rodapé para o texto *Filosofia: uma escolha de vida?*, da comentadora Marta Faustino, na qual se ressalta principalmente o componente da experimentação das maneiras filosóficas de viver (e não, portanto, a compreensão das teorias) como um fator especialmente decisivo para escolha de uma vida filosófica:

Dada a multiplicidade de escolas filosóficas disponíveis na Antiguidade, devemos falar não de uma mas de *várias* artes da vida, correspondentes a diferentes modos de vida e diferentes modelos de perfeição ou plenitude humanas. (...) No seu “Vitarum auction” [“Leilão de credos”], Luciano parodia a Grécia antiga como um enorme mercado ou leilão de sistemas

éticos e modos de vida, que os indivíduos podiam observar, estudar e adotar de acordo com a sua própria preferência. Dada a forte ligação entre a filosofia e a vida – ou mesmo a sua identificação – a componente de experimentação era muito importante na Antiguidade: a força, a validade, eficácia de um determinado sistema filosófico – i. e. de uma determinada arte da vida ou modo de vida – eram demonstradas pela própria vida, de tal forma que era, em última análise, através da sua própria vida que o filósofo fornecia um exemplo e ensinava como viver e era também vivendo um determinado sistema filosófico (ou experimentando vários) que o aspirante a filósofo podia avaliar a adequação de uma determinada arte da vida à sua própria vivência (FAUSTINO, 2022, p. 95, grifo do autor).

Alguém escolhia um modo de vida filosófico específico, entre os diferentes modos de vida oferecidos pelos diversos filósofos comprometidos com essa concepção de filosofia como modo de vida, não tanto a partir do estudo dos pressupostos teóricos que davam embasamento para essas maneiras de viver. Ao invés disso, alguém escolhia entre essas maneiras de viver principalmente às avaliando e testando em sua aplicabilidade e eficácia prática. Noutras palavras, alguém decidiria por uma filosofia para sua vida com base na evidência da vivência, considerando se de fato o(s) modo(s) de vida filosófico(s) seriam para si proveitosos no sentido da transformação da sua vida para melhor. Assim sendo, poder-se-ia ser conduzido à escolha por certa maneira filosófica de viver, por exemplo, com base na observação da maneira como vive o filósofo que a propõe, esse se oferecendo como um exemplo concreto da aplicabilidade e pertinência existencial desse modo de vida em particular. Ou então se poderia ser conduzido por esse filósofo a experimentar por si mesmo as atitudes implicadas nessa maneira de viver, por exemplo, mediante a prática de certos exercícios (isto é, os exercícios espirituais, como, por exemplo, o olhar do alto – acerca dos quais dissertaremos adiante, nos tópicos *Os exercícios espirituais* e *O olhar do alto* que compõem esta dissertação), a partir do que se poderia avaliar a relevância para si próprio dessas atitudes e, enfim, do modo de vida em questão.

Nessa mesma direção, o próprio Pierre Hadot, ainda no prefácio para *OFA*, ressalta que a escolha inicial por uma vida filosófica ocorre sempre com base no contato com uma ou algumas escolas filosóficas, isto é, com um ou alguns modos de vida filosóficos:

Essa decisão e essa escolha jamais se fazem na solidão: nunca houve filosofia nem filósofos fora de um grupo, de uma comunidade, em uma palavra, de uma ‘escola’ filosófica; e, precisamente, uma escola filosófica

corresponde, nesse caso e antes de tudo, a uma maneira de viver, a uma escolha de vida, a uma opção existencial (HADOT, 2014b, p. 17 - 18).

Para o autor, essa escolha fundamental que dá início à filosofia envolve o contato do indivíduo com uma ou muitas escolas de filosofia, que lhe fornecem, antes de diferentes explicações teóricas sobre o que é o mundo ou sobre como devemos nos comportar, diferentes práticas sobre como se conduzir na vida. Diante dessas múltiplas propostas de maneiras filosóficas de viver, o indivíduo pode ser mais ou menos atraído por alguma delas com base nas correspondentes justificativas formuladas em seus discursos filosóficos ou então (e, talvez, principalmente) nas evidências existenciais oferecidas por essas escolas (por exemplo, a exemplaridade da conduta dos filósofos que as propõem). O conhecimento dessas diferentes experiências de vida, seja o conhecimento das teorias que as expressam e justificam ou da prática efetiva dessas maneiras de viver, portanto, é fundamental para essa escolha de vida, servindo como base para a opção existencial que o indivíduo, se assim desejar, enfim realizará. Com base nessas referências, discursivas ou não-discursivas, ele poderá decidir voluntária e pessoalmente por buscar viver aquele modo de vida que, na sua própria perspectiva, parece mais condizente com a boa vida (e, quiçá poderíamos conjecturar, a partir das quais ele elaborará sua própria e original maneira de viver).

Mas pode parecer problemática a ideia de Pierre Hadot de que, por um lado, a escolha pela vida filosófica pode ocorrer independentemente da dedicação às teorias e conceitos que a descrevem e justificam e, por outro, que a elaboração desses discursos é determinada por essa escolha inicial. De fato, parece que dessa maneira essa escolha é cega e arbitrária e, por sua vez, que os discursos que a justificam não estão comprometidos com a verdade, mas apenas defendem uma escolha motivada não por critérios racionais, mas pelas preferências pessoais. Porém, Pierre Hadot procura esclarecer essa precedência da escolha por um modo de vida em relação aos discursos filosóficos, demonstrando que, embora a escolha inicial possa de fato ocorrer sem se basear nas teorias que a justificam, existe na filosofia a elaboração dessas teorias, a qual tem em vista o compromisso com o conhecimento verdadeiro. Ademais, entende-se que essa investigação em direção à verdade sobre a boa vida, além de fundamentar teoricamente a opção existencial fundamental (e, talvez, ainda conduzir a uma reformulação da escolha inicial), também a corrobora praticamente, potencializando sua realização concreta. Com

efeito, no tópico intitulado *Questões e perspectivas*, que encerra a obra *OFA*, o autor oferece o seguinte tratamento acerca dessa problemática:

Admito perfeitamente que, tanto na Antiguidade como em nossos dias, a filosofia seja uma atividade teórica e ‘conceitualizante’. Mas penso também que, na Antiguidade, é a escolha que o filósofo faz de um modo de vida que condiciona e determina as tendências fundamentais de seu discurso filosófico, e acredito, finalmente, que isso é verdadeiro para toda a filosofia. Não quero dizer, evidentemente, que a filosofia seja determinada por uma escolha cega e arbitrária, mas antes que há um primado da razão prática sobre a razão teórica (HADOT, 2014b, p. 383).

Para compreender a perspectiva de Pierre Hadot, deve-se lembrar que, em primeiro lugar, um componente importante da atividade filosófica é precisamente a elaboração de teorias, conceitos e argumentos que justificam as múltiplas maneiras de viver a partir de uma perspectiva teórica. Mas também que, em segundo lugar, tendo em vista o imperativo fundamental da filosofia pela boa vida, a validade desses modos de vidas não é decidida apenas em uma perspectiva teórica, mas principalmente em uma perspectiva prática, isto é, em sua aplicabilidade e eficácia concreta para a vida – e isto se decide não no domínio do discurso abstrato, mas no domínio da vida real. Nessa direção, Pierre Hadot se preocupa em enfatizar que essa precedência do imperativo prático da filosofia não significa a negligência pela preocupação teórica, ressaltando que, ao invés disso, a teorização, conceptualização, argumentação e sistematização rigorosas são componentes fundamentais para a filosofia, pois demonstram a legitimidade dessas maneiras de viver do ponto de vista da racionalidade e da verdade. Em síntese, pode-se dizer que a escolha por uma vida filosófica entre as diferentes maneiras de viver possíveis, embora possa inicialmente prescindir do discurso teórico, não é cega e arbitrária, pois, por um lado, legitima-se em fatores práticos e existenciais e, por outro, posteriormente encontra legitimação teórica nos discursos – a qual, aliás, ao mesmo tempo favorece concretamente o compromisso assumido pelo filósofo em viver essa vida filosófica, conforme analisaremos mais detidamente no tópico seguinte.

2.4 O DISCURSO FILOSÓFICO

Ao afirmar que, para esta tradição que surge na antiguidade e cujo modelo se pretende recuperar nos dias de hoje, a filosofia corresponde a um modo de vida,

Pierre Hadot não pretende negar a existência e a importância da dedicação à teorização e conceptualização para os filósofos que nela se inserem. Pelo contrário, conforme ele ressalta no prefácio de *OFA*:

Evidentemente, não se trata de negar a extraordinária capacidade dos filósofos antigos de desenvolver uma reflexão teórica sobre os problemas mais sutis da teoria do conhecimento, da lógica ou da física. Contudo, essa atividade teórica deve ser situada em uma perspectiva diferente da que corresponde à representação corrente que se faz da filosofia (HADOT, 2014b, p. 17).

Portanto, ao argumentar pela existência de uma tradição que vincula a filosofia, antes de tudo, à escolha por uma maneira de viver, o autor deixa claro que não quer propor que a dimensão da teoria e do conceito não seja importante ou que não exista nessa tradição. Ao contrário disso, sublinha que a teoria e o conceito recebem especial atenção pelos filósofos antigos, sendo concebidos como algo de grande importância. Entretanto, essa importância se refere não à própria teorização e conceptualização, como se essas fossem um fim em si mesmo, mas, para além disso, refere-se ao modo de vida filosófico.

Para Pierre Hadot, o sentido atribuído pelos antigos à dedicação teórica é muito diferente daquele que, segundo seu entendimento, é corrente na contemporaneidade, isto é, de que essa tarefa em torno da teoria, do conceito, do argumento e etc., constitui-se como o objetivo último da filosofia, de modo que a atividade filosófica ocorre somente dentro dos limites da discursividade, sem implicar a maneira como o filósofo vive. Conforme nos ensina Pierre Hadot, diferentemente do que ocorre na contemporaneidade, entre os antigos, o discurso filosófico se desdobra em relação à maneira filosófica de viver, devendo ter um impacto sobre a vida daqueles que se dedicam a desenvolvê-lo ou estudá-lo. Segundo ele, o desenvolvimento discursivo nesse modelo de filosofia deve ocorrer em benefício da escolha pela vida filosófica, pois aqui o fundamental é tornar a própria vida melhor. Sendo assim, o discurso encontra sentido somente em sua relação com a perspectiva da boa vida. Nesse sentido, se nesse modelo de filosofia verificamos a elaboração de saberes teóricos, conceitos e teses filosóficas, a finalidade desse aparato discursivo não é ele mesmo, mas a sua aplicação na maneira como se vive.

Não obstante esse primado da dimensão prática em relação à instância teórica, o discurso filosófico é de diferentes maneiras um componente importante da filosofia, segundo Pierre Hadot. Conforme ele próprio escreve em *OFA*, se, por um

lado, “não há discurso que mereça ser denominado filosófico se está separado da vida filosófica (...)”, por outro, “não há vida filosófica se não está estreitamente vinculada ao discurso filosófico” (HADOT, 2014b, p. 251). Nessa mesma obra, no capítulo intitulado *Filosofia e discurso filosófico*, Pierre Hadot nos esclarece esquematicamente da seguinte maneira esse lugar ocupado pelo discurso filosófico no contexto do modelo da filosofia como modo de vida:

Pode-se considerar a relação entre vida filosófica e discurso filosófico de três maneiras diferentes e, por outro lado, estreitamente ligadas. Em primeiro lugar, o discurso justifica a escolha de vida e desenvolve todas as suas implicações: poder-se-ia dizer que é uma espécie de causalidade recíproca; a escolha de vida determina o discurso, e o discurso determina a escolha de vida justificando-a teoricamente. Em segundo lugar, para poder viver filosoficamente, é necessário exercer uma ação sobre si mesmo e sobre os outros, e o discurso filosófico, se é realmente a expressão de uma opção existencial, é, nesta perspectiva, um meio indispensável. Enfim, o discurso filosófico é mesmo uma das formas de exercício do modo de vida filosófico, sob a forma do diálogo com outrem ou consigo mesmo (HADOT, 2014b, p. 252 – 253).

Seguindo esses esclarecimentos do autor, devemos compreender que uma primeira maneira pela qual o discurso filosófico se relaciona e se torna importante para a escolha da vida filosófica é na modalidade de uma justificativa dessa escolha de vida. A opção pela vida filosófica é justificada teoricamente mediante o desenvolvimento de um discurso filosófico, que então fundamenta essa maneira de viver específica na perspectiva da racionalidade teórica mediante aportes de teorias e conceitos filosóficos. Teorizando e conceptualizando os diferentes aspectos implicados no modo de vida filosófico em questão, então os filósofos esclarecem e justificam os pressupostos e as prerrogativas éticas que guiam essa maneira de viver. Assim sendo, esses discursos, que podem ser mais ou menos desenvolvidos entre as diferentes escolas filosóficas, fundam a legitimidade da opção existencial por cada modo de vida na perspectiva das exigências da racionalidade teórica. Para exemplificar essa maneira como o discurso filosófico se situa em relação à vida filosófica, seguindo o autor, podemos nos referir de passagem ao esforço amplo e rigoroso de teorização e sistematização de concepções filosóficas, que englobam diferentes âmbitos do conhecimento, como a física, a lógica e a ética, que se verifica no específico contexto da escola estoica, o qual, de acordo com Pierre Hadot, tem como propósito justificar teoricamente o modo de vida filosófico especificamente estoico (HADOT, 2014b, p. 187 – 204).

Entretanto, esse esforço de teorização e conceptualização, de acordo com o autor, não ocupa entre os filósofos atrelados a esse modelo de filosofia o lugar de um objetivo que se justifica por si mesmo. Ao invés disso, o autor explica que essa tarefa, ela mesma, além de estabelecer teoricamente o modo de vida filosófico, ao mesmo tempo serve ao propósito mais fundamental da filosofia, isto é, de tornar a própria vida melhor. Com efeito, conforme a citação acima reproduzida de *OFA*, outra modalidade da relação que o discurso filosófico estabelece com a vida filosófica é aquela na qual o discurso é um meio pelo qual o filósofo age sobre si mesmo – e, vale já indicar, também sobre os outros, conforme estudaremos no último capítulo deste trabalho – para que se possa viver de acordo com o modo de vida filosófico. Referindo-se a esse aspecto da ação sobre si e sobre os outros possível mediante o desenvolvimento de teorias, conceitos e sistemas filosóficos, nessa mesma obra o autor nos esclarece o seguinte:

Não se trata de uma construção conceitual que seria um fim em si e teria, como por acaso, consequências éticas sobre o modo de vida estoico ou epicurista. O sistema tem por finalidade reunir sob forma condensada os dogmas fundamentais, ligá-los juntamente por uma argumentação rigorosa, a fim de formar um núcleo sistemático muito concentrado, muitas vezes mesmo reunidos em uma curta sentença, que terá, assim, maior força persuasiva, melhor eficácia menemotécnica. Ele tem, antes de tudo, um valor psicagógico: é destinado a produzir um efeito na alma do ouvinte ou do leitor. Isso não quer dizer que esse discurso teórico não responda às exigências de coerência lógica: bem ao contrário, é ela que faz sua força. Mas, ao exprimir ele próprio uma escolha de vida, quer conduzir a uma escolha de vida (HADOT, 2014b, p. 160).

Portanto, Pierre Hadot compreende que a tarefa em torno do conhecimento teórico a um só tempo opera, de um lado, como uma tentativa de justificação da maneira de viver proposta por essas filosofias e, de outro, favorece o exercício efetivo desse modo de vida por aqueles que se aplicam nessa tarefa. As diferentes concepções filosóficas formuladas teoricamente, na medida que se constituem como justificativas para a maneira de viver filosófica, tem o efeito de reforçar a convicção pela opção que se fez por esse modo de vida, assim como de tornar possível a prática efetiva dessa vida, ao permitir ao filósofo estar a todo momento em posse dos princípios éticos, assim como das suas justificativas, que definem e orientam essa maneira de viver. Para Pierre Hadot, os aspectos que compõem o discurso teórico, como, por exemplo, a conceptualização precisa ou a argumentação coerente, têm o poder de provocar maior compreensão e convicção relativamente à

escolha que se fez pela vida filosófica que ele expressa e explica. Nas palavras do autor, esse discurso assim exerce um efeito “psicagógico” sobre os indivíduos com ele envolvidos. Isto é, conforme formula no texto *Exercícios Espirituais* explicando a noção de “psicagogia”, tais discursos têm o potencial de “seduzir as almas (...), [de] *transformar*, isto é, de mudar a maneira de viver e de ver o mundo” (HADOT, 2014b, p. 385, grifo do autor). Em suma, os discursos filosóficos, para ele, tem o efeito de potencializar a transformação radical e profunda que a escolha por essas maneiras filosóficas de viver solicitam ao filósofo. Assim é que, por exemplo, a teoria acerca da física nas escolas estoica ou epicurista, ao postular convincentemente certa concepção sobre o universo que, em última instância, atesta certa concepção sobre a vida humana, pode persuadir alguém tanto mais pela opção de vida proposta nessas escolas.

Mas Pierre Hadot entende que, além de informar concepções filosóficas que justificam e influenciam os filósofos em relação à maneira filosófica de viver, a própria tarefa teórica, isto é, o esforço de pensar teórica e abstratamente, de buscar maior clareza conceitual, de argumentar de maneira coerente, de debater ideias e etc., é, por si própria, uma maneira de efetivamente viver de maneira filosófica. Com efeito, no trecho anteriormente citado do capítulo *Filosofia e discurso filosófico*, de *OFA*, o autor escreve que uma terceira modalidade na qual o discurso filosófico se insere no contexto da vida filosófica é aquela em que “o discurso filosófico é uma das formas do exercício do modo de vida filosófico” (HADOT, 2014b, p. 257).

Compreende-se melhor essa associação da tarefa discursiva com a vida filosófica quando se tem em vista que, conforme estudaremos no tópico *A universalidade da razão*, no próximo capítulo da presente dissertação, no entendimento de Pierre Hadot, o objetivo da vida filosófica é também o de nos situar na perspectiva universal da razão, para assim, enfim, destituir-nos de nosso egoísmo. Assim sendo, de acordo com esse autor, para os filósofos dessa tradição de filosofia, tarefas discursivas como, por exemplo, a especulação teórica ou o diálogo consigo ou com os outros, possuem o potencial de favorecer esse objetivo, na medida em que nossa aplicação nessas atividades nos solicitam o constante esforço de tentarmos superar nossa perspectiva subjetiva e parcial e nos posicionarmos tanto quanto possível em um ponto de vista mais objetivo, impessoal e universal. Para ilustrarmos esse entendimento acerca da relação entre as tarefas discursivas e o objetivo pela universalidade da razão, podemos reproduzir o seguinte

trecho do capítulo *Filosofia e discurso filosófico*, de OFA, no qual Pierre Hadot descreve na seguinte perspectiva o interesse que mobiliza a prática discursiva do diálogo consigo ou com os outros especificamente no contexto da escola platônica:

[O diálogo] não tem por objetivo principal e único resolver o problema proposto, mas fazer o participante ‘tornar-se melhor dialético’. E, precisamente, ser melhor dialético não é apenas ser hábil em inventar ou denunciar as sutilezas do raciocínio, mas antes de tudo saber dialogar, com todas as exigências que isso demanda. (...) É sair de seu ponto de vista individual para elevar-se a um ponto de vista universal, esforçar-se para ver as coisas na perspectiva do Todo e do Bem, e transformar, com isso, sua visão do mundo e a própria atitude interior (HADOT, 2014b, p. 256 – 257).

Sem pretendermos aprofundar na análise dos diferentes elementos implicados nessas considerações de Pierre Hadot acerca da prática do diálogo na escola platônica, basta aqui indicar apenas que, para esse autor, atividades discursivas, entre as quais ele destaca o diálogo, encontram sua razão de ser no contexto desse modelo de filosofia como modo de vida na medida em que devem favorecer o esforço em direção ao objetivo filosófico fundamental por viver melhor – que Pierre Hadot, conforme veremos no próximo capítulo, associa à aquisição da universalidade racional e, em última análise, à consequente ruptura do egocentrismo. Nesse sentido, Pierre Hadot busca mostrar que a prática do diálogo, por exemplo, opera como um percurso no qual os seus participantes são solicitados a este esforço, que o autor compreende ser fundamental para a sua própria proposição de vida filosófica, mas também para muitas das diferentes filosofias ao longo da história do ocidente: a superação da perspectiva subjetiva e parcial, em favor de uma perspectiva mais objetiva e universal. Assim sendo, essas atividades, embora se desdobrem em torno da preocupação pelo conhecimento verdadeiro e pela coerência e rigor conceitual e argumentativo, ultrapassam esse registro, pois pretendem interferir na maneira de ser e de viver dos indivíduos nelas implicados. Sendo essa a razão para que, de acordo com Pierre Hadot, o modo de vida filosófico para muitas escolas de filosofia coincide com a dedicação às tarefas discursivas desse tipo (como, por exemplo, no caso da escola platônica, na qual, de acordo com ele, verifica-se uma ênfase especial no exercício em torno do diálogo), de modo que viver filosoficamente pode então significar se voltar principalmente ao discurso filosófico – mas não porque o discurso é a maior preocupação desses filósofos, e sim porque esse engajamento deve favorecer o seu aprimoramento existencial. Em poucas palavras, nessa perspectiva, se a vida filosófica envolve principalmente a

aplicação ao discurso, é porque se entende que isso tem um importante impacto sobre a nossa vida.

Em síntese, em sua abordagem da tradição antiga da filosofia, Pierre Hadot ressalta a relevância do discurso filosófico para o modo de vida filosófico, mas insiste que essa importância se deve principalmente ao valor psicagógico do discurso, isto é, ao seu potencial de “*transformar*, isto é, de mudar a maneira de viver e de ver o mundo” (HADOT, 2014b, p. 385, grifo do autor). Para o autor, nesse modelo da filosofia como modo de vida, o discurso filosófico encontra sua razão de ser em vista da sua potencialidade formativa, pois se entende que se aplicar, por exemplo, ao diálogo com outros ou consigo mesmo, pode nos ensinar a viver melhor. Nesse sentido, verifica-se que o discurso filosófico, no fundo, não está restrito à dimensão discursiva, pois tem impacto na maneira como vivem aqueles que a ele se aplicam, ajudando-os a viver melhor, isto é, a alcançar a sabedoria, este que é o principal objetivo da filosofia concebida enquanto um modo de vida, conforme analisaremos no próximo tópico.

2.5 A SABEDORIA

Conforme vimos, nesse modelo de filosofia como modo de vida que surge na antiguidade, a filosofia está associada fundamentalmente à escolha por certa maneira de viver que se acredita ser melhor para nós, sendo que, ademais, o sentido do discurso filosófico se inscreve no horizonte dessa escolha. Mas, conforme nos explica Pierre Hadot, essa noção da filosofia como uma escolha de vida está associada ainda a uma outra noção, capital para a compreensão do que foram as filosofias da antiguidade, assim como de sua própria proposição desse modelo para hoje, a saber, a noção de sabedoria. Para ele, a ideia de que a filosofia se identifica a uma escolha de realizar para si mesmo um novo estado de vida deve ser compreendida em relação à ideia da sabedoria, que esclarece o sentido dessa escolha.

Pierre Hadot explora a noção de sabedoria muitas vezes em sua obra, dedicando-lhe detalhados desenvolvimentos, em especial para descrever os diferentes significados dessa noção na perspectiva de cada uma das diversas escolas de filosofia da antiguidade. Sem pretender aqui analisar os pormenores do tratamento desse autor sobre essa complexa temática, é importante para nós

apenas reter o seguinte aspecto, que pare ele é o mais elementar da noção de sabedoria, caracterizando essa noção de maneira igual em todas as diferentes correntes filosóficas: a sabedoria corresponde não à posse ideal de certos saberes, mas a um estado ideal de vida. Esclarecendo-nos essa perspectiva acerca da relação entre a filosofia e a sabedoria, Pierre Hadot escreve o seguinte no livro *EF*:

A filosofia era uma maneira de viver no seu esforço, no seu exercício para alcançar a sabedoria, mas também no seu objetivo, a sabedoria ela mesma. Pois a sabedoria não nos faz apenas conhecer, ela faz-nos ‘ser’ de maneira diferente (HADOT, 2014a, p. 262 – 263).

Pode ser oportuno nos referirmos também ao seguinte esclarecimento, este presente na obra *OFA*, no qual o autor escreve o seguinte nessa mesma direção:

A sabedoria é considerada em toda a Antiguidade um modo de ser, um estado no qual o homem é de maneira radicalmente diferente dos outros homens, no qual é uma espécie de super-homem. Se a filosofia é a atividade pela qual o filósofo prepara-se para a sabedoria, esse exercício consistirá necessariamente não só em falar e em discorrer de certa maneira, mas em ser, agir e ver o mundo de certa maneira. Se a filosofia não é somente um discurso, mas uma escolha de vida, uma opção existencial e um exercício vivido, é porque ela é desejo de sabedoria. É verdade que, na noção de sabedoria, está inclusa a ideia de um saber perfeito. Não obstante, (...) esse saber não consiste na posse de informações sobre a realidade, mas é também um modo de vida que corresponde à atividade mais elevada que o homem pode exercer e está estreitamente ligada à excelência, à virtude da alma (HADOT, 2014b, p. 313 – 314, grifo do autor).

Tendo em vista essas considerações de Pierre Hadot sobre essa temática da relação entre a filosofia e a sabedoria a partir dessa perspectiva peculiar do modelo da filosofia como modo de vida, os seguintes comentários de Testa e Faustino podem nos ajudar a melhor esclarecer essa questão:

De facto, ainda que seja inegável a implicação fundamental de uma componente teórica, bem como da referência à verdade, na noção antiga da filosofia, Hadot defende que, pelo menos nesta época, a busca pela sabedoria implicava algo não limitado a uma relação com objetos de conhecimento, mas antes uma profunda imbricação com a própria vida e o vivido quotidiano (TESTA; FAUSTINO, 2022, p. 14 – 15).

De acordo com Pierre Hadot, se nesse modelo em questão na sua abordagem, assim como na perspectiva dos antigos, a filosofia é concebida como um modo de vida, mais do que como uma teoria, isso se explica pelo principal objetivo perspectivado pelos filósofos: não o desenvolvimento e o domínio de uma teoria, mas o desenvolvimento e o domínio de um modo de vida específico. No

horizonte da filosofia, portanto, está em primeiro lugar certo modo de viver. Ora, é preciso lembrar que originariamente a filosofia (*philosophia*) era pensada em referência à noção de sabedoria (*sophia*), sendo a primeira, *grosso modo*, uma atitude de amor ou desejo (*philo*) relativamente à segunda. Tendo em vista esse esclarecimento, compreendemos que, para Pierre Hadot, nesse modelo de filosofia em questão, a sabedoria, que é objeto de amor e desejo do filósofo, corresponde não a uma apurada desenvoltura nas habilidades discursivas ou a um amplo repertório de conhecimentos. Ao invés disso, a sabedoria que o filósofo almeja corresponde precisamente a um modo de ser e de viver especial – motivo pelo qual a própria filosofia corresponde a um modo de vida.

Seguindo os apontamentos de Pierre Hadot e de seus comentadores, explicita-se que a busca pela sabedoria, que define a trajetória da atividade filosófica, na perspectiva do modelo da filosofia como modo de vida, portanto, não deve ser compreendida apenas em referência à questão do conhecimento e da verdade, mas principalmente em referência à questão da maneira como se vive e, mais especificamente, à questão acerca da boa vida. Nesse sentido, a sabedoria é concebida não tanto como uma posse de certos conhecimentos verdadeiros ou habilidades do discurso. Diferentemente disso, é concebida como uma maneira de ser e viver, mas que, além disso, corresponde à melhor maneira de ser e viver para nós humanos. Ou seja, a sabedoria se refere a um ideal de existência. É uma imagem ou modelo sobre a completude, a plenitude ou a perfeição da vida humana. O sábio então representa não somente alguém que sabe muitas coisas, mas alguém cujo estado de existência está em uma situação ideal, ótima. Para essa pessoa sábia, os diferentes aspectos que compõem sua existência (por exemplo, sua maneira de perceber o mundo, seus pensamentos e juízos em relação aos acontecimentos, seu comportamento em relação às outras pessoas e etc.) estão na melhor situação possível para os seres humanos, então testemunhando nesses detalhes de sua vida a realização de todas as nossas possibilidades existenciais. Na perspectiva desse modelo da filosofia como modo de vida, portanto, o sábio, ocupando o lugar de um ideal de completude, de excelência, de plena realização das possibilidades humanas, serve aos filósofos como uma referência modelar que deve orientar o seu trabalho filosófico. Assim sendo, o significado da atividade filosófica é definido como um modo de vida, pois consiste em uma busca pela realização desse ideal de vida ou, pelo menos, uma tentativa de se conduzir na vida

sob a inspiração desse modelo. Dito em poucas palavras, a sabedoria se refere à representação da boa vida, sendo a filosofia a atividade (não somente teórica, mas também prática) que nos aproxima dessa sabedoria.

É importante insistir ainda neste esclarecimento sobre a noção de sabedoria nesse modelo de filosofia, em particular acerca da diferença de estatuto existente entre a filosofia e a sabedoria: o filósofo, embora tenha tomado a decisão de buscar viver uma vida melhor tendo como referência certa representação de sabedoria, apenas por isso ainda não é um sábio. Ao invés disso, essa tomada de decisão apenas o torna filósofo, isto é, alguém que se comprometeu voluntariamente com o esforço de transformar sua própria existência sob a coordenada de um ideal de boa vida. Simplesmente escolher a vida de sabedoria para si (e apenas isso) não nos torna imediatamente realizados. Embora essa decisão seja importante e solicite de nós uma reviravolta existencial radical, ela apenas nos coloca no lugar da busca, do esforço e do exercício na direção desse modelo de vida, que então nos inspira e nos orienta. Mas se em algum momento nós enfim atingirmos um estado de existência que seja idêntico ao nosso modelo existencial de sabedoria, de modo que os diferentes aspectos de nossa vida testemunhem a realização de todas as nossas potencialidade humanas, então nós deixamos de ser filósofos para nos tornarmos sábios. Nesse momento teremos finalmente alcançado a boa vida que buscávamos enquanto filósofos. Porém, veremos no último tópico deste capítulo que, para Pierre Hadot, alcançar o fim da filosofia, isto é, tornar-se definitivamente sábio, não é de fato possível, embora possamos realizar progressos (sempre imperfeitos e provisórios) no sentido desse ideal de boa vida, restando-nos como possibilidade somente a dedicação à filosofia.

Seja como for, Pierre Hadot salienta ao longo de sua obra que as diferentes correntes de filosofia dessa tradição propuseram diferentes representações de sabedoria, isto é, diferentes ideais de boa vida. Consequentemente, cada uma delas se configura como uma entre múltiplas maneiras filosóficas de viver, orientadas para a busca de seus respectivos ideais existenciais. Por outro lado, cabe dizer desde já (embora este seja um aspecto que estudaremos melhor apenas no capítulo seguinte) que Pierre Hadot também procura argumentar que, apesar das diversas dissemelhanças entre esses diferentes modos de vida filosóficos e concepções sobre a boa vida, as diversas filosofias dessa tradição (sejam da antiguidade ou de tempos mais recentes) compartilham igualmente alguns aspectos essenciais sobre o

que significa viver da melhor maneira. Em particular, conforme veremos posteriormente, o autor sublinha que essas diferentes filosofias concordam em uma representação da sabedoria e da tarefa filosófica que envolve uma ideia de superação do nosso costumeiro egocentrismo, possível mediante uma conscientização sobre nosso lugar no universo e um esforço por se posicionar na perspectiva universal da razão. Tendo em vista o já aludido método de comunicação indireta de Pierre Hadot, essa ênfase do autor nesses aspectos específicos das filosofias da história constitui uma maneira pela qual ele pretende nos conduzir a uma concepção propriamente sua sobre os objetivos filosóficos.

Em suma, para Pierre Hadot a filosofia foi (e, talvez, deveria ser outra vez) um modo de vida porque seu objetivo era um modo de vida idealizado, a sabedoria, o qual encontrou diferentes expressões ao longo da história, porém guardando certos elementos essenciais que esse autor pretende recuperar. Mas o modo de vida filosófico, embora se defina em referência à sabedoria, consiste somente na escolha e no esforço cotidiano de transformar a própria vida de acordo com esse ideal. Esse exercício filosófico de transformação da vida, porém, é realizado não somente por intermédio da posse dos conteúdos teóricos que explicam o que é a boa vida. Mais do que isso, essa exercitação ocorre principalmente por meio de um esforço concreto de viver diferentemente, potencializado pela prática do que Pierre Hadot chamou de exercícios espirituais – conceito central em sua abordagem sobre a filosofia como modo de vida, sobre o qual dissertaremos no tópico seguinte.

2.6 OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Conforme vimos ao longo dos tópicos anteriores, Pierre Hadot encontra na antiguidade um modelo de filosofia concebida como um modo de vida, que diverge do modelo de filosofia contemporâneo concebida como mera teoria, e cuja recuperação em nosso tempo ele acredita ser algo interessante. Nesse modelo, a filosofia é um exercício não somente teórico, mas também prático, cuja aplicação deve nos aproximar de um estado existencial que se acredita ser o melhor para nós, representado em um modelo de sabedoria, sendo que as diferentes filosofias propuseram diferentes representações desse tipo. Nessa tradição, de acordo com o autor, para essa exercitação em direção da sabedoria, é indispensável aquilo que ele chamou de “exercícios espirituais”. Assim sendo, em suas próprias palavras, “os

exercícios espirituais são inerentes ao modo de vida filosófico” (HADOT, 2014b, p. 259). A filosofia, enquanto um modo de vida, necessariamente implica os exercícios espirituais, de modo que a prática filosófica então coincide com a prática desses exercícios, razão pela qual se pode dizer que, para Pierre Hadot, a filosofia foi (e, quiçá, ainda deveria ser) também exercício espiritual. Com efeito, muitos dos seus trabalhos ressaltam essa importância dos exercícios espirituais no contexto da filosofia, seja na perspectiva das filosofias antigas ou da sua própria abordagem para o tempo presente, como é o caso, por exemplo, daquele que talvez é o seu mais importante ensaio, que recebe precisamente o título de “*Exercícios Espirituais*” (HADOT, 2014a, p. 19 – 66).

Nas entrevistas que Pierre Hadot concede aos comentadores de sua obra, Arnold I. Davidson e Jeannie Carlier, reunidas e publicadas sob o título *A filosofia como maneira de viver* (2016; doravante referido com a abreviatura “*FMV*”), Davidson questiona o autor acerca da definição desse importante conceito: “Do ponto de vista filosófico, o que é um exercício espiritual?” (HADOT, 2016, p. 115). Em resposta à pergunta do comentador, o filósofo elabora a seguinte definição: “Pessoalmente, eu definiria o exercício espiritual como uma prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si” (HADOT, 2016, p. 115 – 116).

Nesse mesmo sentido, no prefácio para *OFA*, Pierre Hadot define esse conceito da mesma maneira, ainda citando alguns exemplos desses exercícios, aliás, mostrando também que eles não são práticas meramente discursivas:

Designo por esse termo [“exercícios espirituais”] as práticas, que podem ser de ordem física, como o regime alimentar; discursiva, como o diálogo e a meditação; ou intuitiva, como a contemplação, mas que são todas destinadas a operar modificação e transformação no sujeito que as pratica (HADOT, 2014b, p. 21).

Apenas para mencionar mais alguns outros exemplos de exercícios espirituais estudados por Pierre Hadot ao longo de sua obra, podemos indicar também o exercício da concentração no instante presente ou o exercício do olhar do alto – esse último que será estudado por nós mais detalhadamente no segundo capítulo da presente dissertação, então exemplificando mais precisamente de que maneira Pierre Hadot pensa que essa exercitação e consequente transformação do eu pode ser realizada.

Mas compreendemos melhor o significado dessas práticas que Pierre Hadot denomina de exercícios espirituais, assim como o sentido dessa transformação de si potencialmente produzida na aplicação do indivíduo à elas, quando temos em vista o entendimento peculiar desse autor acerca da filosofia como modo de vida. Com efeito, nessa mesma entrevista com Davidson, o próprio Pierre Hadot esclarece que o significado desses exercícios deve ser concebido em referência a essa concepção sobre a filosofia:

No entanto, essa expressão [“exercícios espirituais”] por si só não transmite minha concepção da filosofia antiga, que é exercício espiritual porque é um modo de vida, uma forma de vida, uma escolha de vida (HADOT, 2016, p. 123).

Para nos ajudar a esclarecer essa vinculação sublinhada por Pierre Hadot entre a filosofia como modo de vida e os exercícios espirituais, podemos recorrer às considerações a esse respeito elaboradas pelo seu comentador Arnold I. Davidson no texto *Introduction to Hadot*, dedicado a oferecer uma breve introdução aos principais elementos da abordagem hadotiana acerca desse modelo de filosofia:

Filosofia, então entendida como uma forma de vida, requeria exercícios que não eram nem simples exercícios do pensamento nem mesmo exercícios morais, mas sim, no pleno sentido desse termo, exercícios *espirituais*. Desde que eles pretendiam realizar uma transformação na visão de mundo e uma metamorfose da personalidade, esses exercícios possuíam um valor existencial, não somente moral. Eles não tentavam apenas assegurar um comportamento de acordo com um código de boa conduta, mas envolviam todos os aspectos do ser da pessoa – intelecto, imaginação, sensibilidade e vontade³ (DAVIDSON, 1990, p. 476, grifo do autor).

A ideia de Pierre Hadot acerca dos exercícios espirituais, portanto, é a de que nesse modelo de filosofia como modo de vida, por meio desses exercícios, a vida do indivíduo e o seu modo de ser (sua conduta, pensamentos, escolhas, desejos, percepções e etc.) são objeto de uma exercitação e transformação, que é orientada por uma coordenada específica acerca do que é a boa vida (sendo que, vale lembrar, as diferentes filosofias apontaram para diferentes direções, embora, para o autor, essas diferentes coordenadas se cruzem em certos aspectos). Ao

³ Tradução para o português realizada livremente pelo autor desta dissertação a partir do texto original em inglês: “Philosophy, so understood to be a form of life, required exercises that were neither simply exercises of thought nor even moral exercises, but rather, in the full sense of this term, *spiritual* exercises. Since they aimed at realizing a transformation of one's vision of the world and a metamorphosis of one's personality, these exercises had an existential value, not only a moral one. They did not attempt only to insure behavior in accordance with a code of good conduct but involved all aspects of one's being - intellect, imagination, sensibility, and will”.

chamar a atenção para o fato de que esses exercícios, cuja prática deve transformar o nosso modo de ser e de viver tendo em vista certo parâmetro existencial, não se referem somente à práticas relacionadas ao discurso, mas implicam também outras instâncias, como, por exemplo, o nosso corpo, Pierre Hadot quer dizer que essa exercitação não é estritamente discursiva, mas também não-discursiva, envolvendo nesse processo os múltiplos aspectos de nossa existência e não apenas nosso pensamento. Com efeito, conforme salientou Davidson no trecho acima reproduzido, essa transformação do indivíduo visada pela prática dos exercícios espirituais não deve ser compreendida como uma modificação de somente alguns aspectos específicos da existência daquele que os pratica. Por exemplo, não se tratam apenas de exercícios de assimilação intelectual de certas regras de conduta moral, as quais então buscamos aplicar em nosso comportamento. Embora essa transformação possa envolver também uma exercitação intelectual ou moral desse tipo, na qual buscamos aprender certos princípios morais na teoria e na prática, ela perspectiva uma modificação muito mais ampla e profunda, pois envolve não somente nossas opiniões ou nossa conduta moral, por exemplo, mas uma gama muito maior de elementos, que englobam todos os aspectos de nossa existência, incluindo, por exemplo, nossas percepções do mundo, nossos desejos e nossos sentimentos. Tendo em vista uma transformação que deve implicar a totalidade dos componentes do modo de ser e viver do filósofo, portanto, esses exercícios de diferentes maneiras deverão incidir não somente, por exemplo, sobre suas opiniões ou sua conduta, mas também sobre sua sensibilidade ou sua vontade.

Tendo em vista que esses exercícios consistem em uma maneira de atuar sobre si mesmo com vistas à uma modificação do próprio modo de ser e viver, talvez se pode dizer que a filosofia então se configura como um processo de formação do eu, ou melhor, de autotransformação, no qual o filósofo busca ensinar a si mesmo uma nova maneira de existir – ainda que, conforme estudaremos melhor no último capítulo desta dissertação, o envolvimento com outras pessoas (em especial, com o mestre de filosofia) seja fundamental nesse processo. Em suma, no contexto da abordagem de Pierre Hadot acerca da filosofia como modo de vida, o seu uso da noção “exercícios espirituais” designa certas práticas que são fundamentais ao modo de vida filosófico, pois é por meio da aplicação nesses exercícios que o indivíduo que optou por certa maneira de viver transformará a si mesmo em conformidade com essa opção existencial.

Isso explica, ademais, a opção de Pierre Hadot por usar a palavra “espiritual”, que poderia provocar reservas com relação às suas ideias, devido à aparente associação dessa noção à religiosidade e, conseqüentemente, seu distanciamento de uma abordagem estritamente filosófica. Para o autor, a palavra “espiritual” se refere ao modo de ser e viver do indivíduo em sua totalidade, isto é, o conjunto de seu ser, no que se inclui, por exemplo, sua maneira de pensar, seu modo de perceber o mundo, seus desejos, seu comportamento, sua vontade e etc. Ao se referir a exercícios que são “espirituais”, portanto, o autor pretende designar uma exercitação do conjunto dessas diversas instâncias que compõem o modo de ser e viver de quem os pratica. Nessa direção, talvez possamos dizer que, *grosso modo*, a dimensão “espiritual” que é objeto de exercitação e transformação nesses exercícios é o eu do indivíduo, isto é, o modo como ele é e vive. Tendo em vista essa ligação dos exercícios em questão estritamente com o nosso estado existencial, o comentador Davidson (1990, p. 476) propõe que uma alternativa interessante para a palavra “espiritual” seria “existencial”, pois, para ele, tratam-se de exercícios existenciais, que se referem à nossa existência em sua totalidade. Essa reformulação ao mesmo tempo esclareceria a amplitude do que está implicado nesse conceito e evitaria sua associação com o contexto religioso.

Seja como for, para Pierre Hadot, em síntese, o propósito da filosofia em nos conduzir à boa vida se realiza por meio da prática dos exercícios espirituais. Aquele que fez a opção por certo modo de vida, ensinará a si mesmo a vive-lo (não somente teoricamente, mas sobretudo concretamente) aplicando-se nesses exercícios. Para Pierre Hadot, entretanto, essa trajetória filosófica de autotransformação em direção à boa vida não pode atingir definitivamente seu objetivo, cabendo a nós, conforme veremos no tópico seguinte, apenas a dedicação a “um exercício, sempre frágil, sempre renovado, da sabedoria” (HADOT, 2014a, p. 313 – 314).

2.7 A IMPOSSIBILIDADE DA SABEDORIA

Para a conclusão do presente capítulo e com o objetivo de melhor esclarecer a concepção hadotiana acerca da filosofia como modo de vida, cumpre fazer algumas últimas considerações sobre a sua ideia de uma exercitação em vista de uma vida ideal de sabedoria. Outro aspecto acerca dessa proposição do autor

precisa ser ressaltado, a saber, o tema da impossibilidade da sabedoria. Esse tema é destacado de maneira recorrente nos seus diferentes textos, sejam naqueles que se ocupam em descrever as correntes filosóficas da história da filosofia ou aqueles nos quais elabora a sua própria proposta filosófica. Por exemplo, no seu trabalho intitulado *O sábio e o mundo*, Pierre Hadot escreve o seguinte:

De minha parte, creio na possibilidade, para o homem moderno, de viver não a sabedoria (os Antigos, na maior parte, já consideravam-na como um ideal inacessível que regula a ação e não como um estado realizado), mas um exercício, sempre frágil, sempre renovado, da sabedoria (HADOT, 2014a, p. 313 – 314).

Conforme estudamos nos tópicos precedentes, alinhando-se à compreensão que acredita que fora compartilhada pela maior parte dos filósofos da tradição de filosofia focalizada em seus estudos, Pierre Hadot propõe a atualidade da ideia da filosofia como um percurso que nos conduz na direção de um modo de vida ideal. No entanto, de acordo com o que ele esclarece no trecho citado, do mesmo modo juntamente com aquela tradição, ele não propõe a possibilidade da realização desse modo de vida em questão. Embora o autor reconheça que se podem encontrar na antiguidade exceções para esse entendimento acerca da impossibilidade da sabedoria, como, por exemplo, o caso dos filósofos epicuristas, que consideravam que Epicuro foi efetivamente um sábio (HADOT, 2014b, p. 184), Pierre Hadot concorda com a maior parte dos filósofos antigos, os quais, de acordo com ele, não acreditam que alguém possa de fato viver em conformidade com o modelo de vida que propõem ser a melhor possível para os seres humanos.

Segundo Pierre Hadot, a ideia de um ideal de vida no contexto da filosofia como modo de vida consiste apenas em um modelo que deve nos inspirar e orientar no que se refere à questão fundamental acerca da maneira como devemos viver. Com efeito, conforme ele esclarece no tópico intitulado *O discurso filosófico sobre o sábio*, que compõe a obra *OFA*:

A figura do sábio desempenha papel decisivo na escolha de vida filosófica. Mas ela se oferece ao filósofo como um ideal descrito pelo discurso filosófico antes que como um modelo encarnado em uma personagem viva (HADOT, 2014b, p. 318).

Entre as diferentes correntes de filosofia da antiguidade, a representação do sábio corresponde apenas a uma norma, que define os seus respectivos modos de vida, mas não se acredita poder encontrar um correspondente concreto entre os

humanos cuja maneira de viver seja perfeitamente conforme esse modelo. Assim sendo, em consonância com a maioria dos filósofos antigos, o que Pierre Hadot propõe é uma exercitação em vista dessa referência normativa acerca da vida, isto é, a filosofia.

Mas Pierre Hadot acredita que podemos realizar progressos nessa direção. De fato, de acordo com ele, nesse esforço podemos às vezes alcançar ocasiões excepcionais nas quais enfim experimentamos a sabedoria, as quais ele chama de “uma espécie de antegozo [da sabedoria]” (HADOT, 2014b, p. 19). Ele acredita que, mediante a aplicação na filosofia, exercitando-nos pelos exercícios espirituais, poderíamos ocasionalmente entrever o que significa viver nesse estado de existência ideal. Porém, não acredita que essas aproximações da sabedoria possam ser definitivas, de modo que, não obstante nossos avanços, nunca poderemos enfim concretizar de maneira estável a conformação ao modelo de vida. Em outras palavras, esse autor acredita que, por meio da filosofia, em alguma medida podemos melhorar a nossa vida, embora não possamos viver absolutamente a melhor vida. Assim sendo, conforme sublinha o comentador Davidson durante a entrevista com Pierre Hadot, na perspectiva desse autor, o filósofo, mesmo que se esforce e progrida para a sabedoria, “está sempre num estado de inacabamento” (HADOT, 2016, p. 151).

Em síntese, a perspectiva hadotiana acerca da filosofia, embora tenha a sabedoria no seu horizonte, prevê somente a tentativa de viver a sabedoria e conquistas parciais e provisórias nesse sentido, sem prometer a possibilidade de vive-la definitivamente. O convite de Pierre Hadot para a filosofia, portanto, refere-se a um processo de aprimoramento permanente de nossa vida.

3 A DIMENSÃO CÓSMICA DA FILOSOFIA, SEGUNDO PIERRE HADOT

3.1 A CONSCIÊNCIA CÓSMICA

Nos tópicos do capítulo anterior observamos que Pierre Hadot se esforça em demonstrar que existe na história do ocidente uma tradição que concebe a filosofia como um modo de vida. Esse modelo de filosofia, ademais, tem relevância para o tempo presente, no seu ponto de vista, oferecendo-se como uma alternativa ao modelo corrente, que a reduz à teorização e conceptualização. Para Pierre Hadot, as diferentes escolas de filosofia da antiguidade, mas também às vezes em outras épocas, propuseram diferentes modos filosóficos de viver. Mas esse autor também defende que essas múltiplas visões de modos de vida diferentes, no fundo, expressaram certas tendências elementares e universais acerca do que significa uma boa vida. Ele formula essa ideia no capítulo *Questões e perspectivas* da obra *OFA*:

Penso que esses modelos [de boa vida] correspondem (...) a atitudes permanentes e fundamentais que se impõem a todo ser humano que procura a sabedoria. (...) Talvez devamos dizer que as escolhas de vida que descrevemos, as de Sócrates, de Pirro, de Epicuro, dos estoicos, dos cínicos, dos cétricos, correspondem a algumas espécies de modelos constantes e universais que se reencontram sob formas próprias a cada civilização nas diferentes regiões culturais da humanidade (HADOT, 2014b, p. 390 – 391).

Para Pierre Hadot, as filosofias greco-romanas antigas (mas também de outras culturas, como, por exemplo, as filosofias do oriente), concebendo diferentes modos de vida, em última análise, expressaram alguns elementos acerca do que é uma boa vida que, em sua perspectiva, possuem validade universal. No seu ensaio *Exercícios espirituais* ele designa esses componentes fundamentais acerca da boa vida, que teriam sido igualmente considerados pelas diversas filosofias, com a fórmula “velhas verdades” (HADOT, 2014a, p. 66). Para Pierre Hadot, tratam-se de velhas ideias sobre a boa vida, reconhecidas pelos diferentes filósofos ao longo da história da humanidade, que, apesar de velhas, ainda continuam verdadeiras e que, portanto, permanecem relevantes para o nosso tempo e cultura específicos.

Entre essas velhas verdades, ao lado de outras ideias que Pierre Hadot acredita serem universalmente fundamentais para a boa vida (como, por exemplo, a tranquilidade da alma ou ausência de perturbações), o autor recorrentemente

sublinha em sua obra um aspecto em particular: a consciência da dimensão cósmica de nossa existência, que é por ele pensada a partir do seu conceito de “consciência cósmica” (HADOT, 2014a, p. 26). Ou seja, Pierre Hadot acredita que, apesar de terem proposto esse aspecto com formulações diferentes no contexto específico de suas próprias concepções filosóficas, todas as diversas filosofias concordaram igualmente que a boa vida tem como característica indispensável esse aspecto da consciência do contexto cósmico da vida humana.

Antes de adentrarmos no estudo da temática em questão, cumpre lembrarmos mais uma vez que, conforme esclarecemos na Introdução de nosso trabalho, nossa abordagem sobre a obra de Pierre Hadot se limita ao estudo da sua própria proposta filosófica para o tempo presente. Assim sendo, não pretendemos estudar as perspectivas históricas desse autor acerca desse tópico sobre a dimensão cósmica da existência. Embora possamos abordar nesse capítulo esse aspecto a partir das considerações de Pierre Hadot acerca da história da filosofia, não é nosso intuito investigar o seu significado no contexto específico das diferentes filosofias, mas apenas melhor esclarecer as posições do próprio Pierre Hadot.

Dito isso, adentrando no estudo desse tema, observamos que se trata de algo que é objeto de dissertação por parte desse autor em muitos momentos de sua obra, como, por exemplo, no livro *OFA*, especialmente no tópico intitulado *A relação com o cosmos e a expansão do eu*, onde analisa o tema em questão no contexto das diferentes correntes de filosofia da antiguidade (HADOT, 2014b, p. 290 – 313), ou também no ensaio intitulado *O sábio e o mundo*, que compõe a coletânea de textos reunidos em *EF*, ele elabora desenvolvimentos sobre essa mesma temática, mas então assinalando mais explicitamente suas próprias posições acerca desse assunto (HADOT, 2014a, p. 311 – 326). Talvez se pode dizer que essa ideia de que a sabedoria envolve a consciência cósmica se situa no centro de seu pensamento, seja no que se refere às suas perspectivas históricas, ou no que diz respeito às suas próprias proposições para hoje. De acordo com a observação do comentador Arnold I. Davidson em seu prefácio para *EF*, a temática em questão é “um dos aspectos mais surpreendentes e singulares de seu pensamento” (HADOT, 2014a, p. 12). Apenas para ressaltar a importância da dimensão cósmica da vida filosófica na perspectiva de Pierre Hadot, vale a pena mencionar, mesmo que somente de passagem, que no texto intitulado *Diálogo interrompido com Michel Foucault*, o autor argumenta que tanto a interpretação das filosofias antigas, quanto a proposta ética

própria desenvolvida no último estágio da obra de seu contemporâneo Michel Foucault, são insatisfatórias, porque não atribuem a devida centralidade a esse aspecto específico (HADOT, 2014a, p. 279). Para ele, portanto, a consciência da situação cósmica da existência humana é fundamental, seja para a correta compreensão do que foram os modos de vida filosóficos da antiguidade, ou para a proposição de um modo filosófico de viver para a contemporaneidade.

Em *EF*, Pierre Hadot se refere ao seu conceito de consciência cósmica da seguinte maneira: “O eu se situa na totalidade e se experimenta como parte dessa totalidade⁴” (HADOT, 2014a, p. 279). Para nos ajudar a melhor compreender o significado desse conceito, o comentador Arnold I. Davidson, em seu texto introdutório aos principais elementos do pensamento de Pierre Hadot, explica-nos que “[a] consciência cósmica é uma espécie de superação espiritual de si mesmo que requer a consciência de ser parte da totalidade cósmica⁵” (DAVIDSON, 1990, p. 478 – 479). Para descrever essa maneira de viver que ocorre com base na consciência cósmica, a qual ele associa à sabedoria, no ensaio *O sábio e o mundo*, dedicado precisamente a esclarecer essa sua ideia sobre a boa vida, Pierre Hadot recorre a estes trechos da obra *Anthropologie Philosophique* de Bernard Groethuysen (1880 – 1946):

Ninguém melhor que Bernard Groethuysen descreveu a relação entre o sábio antigo e o mundo: ‘A consciência que ele tem do mundo é algo de específico do sábio. Somente o sábio não cessa de ter o todo constantemente presente ao espírito, jamais esquece o mundo, pensa e age levando em consideração o cosmos (...) O sábio faz parte do mundo, ele é cósmico. Ele não se deixa desviar do mundo, desvincular-se da totalidade cósmica (...) A figura do sábio e a representação do mundo formam, de certa maneira, um conjunto indissolúvel.’ (GROETHUYSEN, 1952, p. 80, *Apud* HADOT, 2014a, p. 311).

Na esteira dos modelos antigos acerca da sabedoria ou boa vida, Pierre Hadot pretende defender nesse ensaio a concepção de uma sabedoria, a ser buscada pelos filósofos, que é concebida principalmente em relação a esse

⁴ Ao longo de sua obra, Pierre Hadot se refere a essa mesma realidade que está em jogo no conceito de “consciência cósmica”, designada no trecho citado pela palavra “totalidade”, também com outras formulações, como, por exemplo, “mundo”, “universo”, “cosmos”, “totalidade cósmica” ou “Todo”. Assim sendo, o leitor deve ter em mente que no contexto dessa abordagem sua sobre a sabedoria, esse autor parece fazer uso dessas noções indistintamente, sempre para se referir a essa mesma instância que serve de referência para o seu conceito de consciência cósmica.

⁵ Tradução para o português realizada livremente pelo autor desta dissertação a partir do texto original em inglês: “cosmic consciousness is a kind of spiritual surpassing of oneself that requires a consciousness of being part of the cosmic whole”.

elemento da consciência sobre o contexto cósmico de nossa existência, a qual ele busca melhor descrever usando as palavras de Groethuysen. Para ele, portanto, um aspecto importante para a existência de sabedoria é, em síntese, essa maneira peculiar de interagir com o mundo e consigo (mas, podemos ainda acrescentar, também com outros) que sempre tem em vista a totalidade cósmica. Parafraseando as palavras do autor citado por Pierre Hadot, pode-se dizer que se trata de um estado de existência no qual o Todo está sempre presente na consciência, de modo que nunca se esquece o fato de que se existe no interior dessa realidade, de que se faz parte da totalidade cósmica. Nessa representação sobre a existência, no pensamento ou na ação, o sábio nunca “se deixa desviar do mundo, desvincular-se da totalidade cósmica” (GROETHUYSEN, 1952, p. 80, *Apud* HADOT, 2014a, p. 311). Portanto, Pierre Hadot acredita que, assim como conceberam as filosofias antigas, um componente fundamental da boa vida se refere a esse estado de consciência no qual, em poucas palavras, a experiência de vida é atravessada pela consciência de que se faz parte da totalidade cósmica.

Seguindo esses esclarecimentos do próprio Pierre Hadot e de seu comentador, podemos dizer que a ideia desse autor acerca dessa noção de consciência cósmica, é a de que sua concepção de boa vida supõe uma maneira específica de representar o mundo e, em particular, o eu do indivíduo, que tem como referência a realidade da totalidade cósmica. Não pretendemos aqui adentrar em uma investigação sobre as questões metafísicas implicadas nessas noções de “Todo” ou de “totalidade cósmica” que estão em pauta nesse conceito. Na esteira de seu comentador, somente cumpre salientarmos que essa ideia hadotiana, embora tenha como elemento de referência a representação do mundo enquanto um Todo, de certo modo, parece focalizar o próprio indivíduo que representa essa realidade. Ou melhor, parece enfatizar, nas palavras de Davidson (1990, p. 478), a “superação espiritual de si mesmo”, sendo a “consciência de ser parte da totalidade cósmica” o meio pelo qual essa modificação da experiência que se tem do próprio eu se torna possível, de modo que o indivíduo se experimente não como eu individual, mas imerso ou dilatado no Todo. Numa palavra, o eu desaparece, sem limites reconhecíveis, no Todo. Portanto, trata-se de uma maneira de viver na qual o indivíduo, ao recontextualizar sua própria existência na totalidade do universo, depura-se de seu ego, consecutivamente vivendo sem se reconhecer como um eu individual, mas, *grosso modo*, como uma extensão do Todo.

Um importante aspecto relacionado a esse peculiar estado de existência, para Pierre Hadot, é o de que, nesse ínterim da desidentificação do indivíduo com seu eu, para se confundir com o Todo, passa-se por uma importante modificação de personalidade e comportamento no sentido de uma abertura para as outras pessoas. Com efeito, ao tematizar o exercício espiritual do olhar do alto (sobre o qual estudaremos depois, neste capítulo), Pierre Hadot salienta que

(...) o propósito desse exercício é fazer o indivíduo se conscientizar de seu lugar no universo e, portanto, se desprender de seu ponto de vista egoísta; (...) e que, concomitantemente, ao nos fazer tomar consciência do fato de sermos uma parte do Todo, nos conduz a abrir nosso coração a todos os seres vivos (HADOT, 2016, p. 209).

Para ele, portanto, a conquista da consciência cósmica, para a qual a exercitação filosófica deve nos favorecer, deve nos conduzir a um relacionamento com as outras pessoas que é menos egoísta – sendo essa perspectiva por um modo de vida menos egocentrado, segundo a hipótese de leitura que levantamos em nosso estudo sobre a obra desse autor, o ulterior objetivo ético que Pierre Hadot pretende propor à contemporaneidade. Em poucas palavras, um dos motivos do especial interesse desse autor por essa ideia de uma vida cosmicamente consciente, é o de que nisso nos abrimos para uma relação menos egoísta com os outros.

Para resumir, inspirado nas filosofias antigas, Pierre Hadot associa a boa vida à consciência cósmica. Para ele, portanto, a filosofia, que é a atividade que deve nos preparar, mediante a aplicação aos exercícios espirituais, para esse aprimoramento existencial, deverá ter como objetivo principal o acesso a esse estado de consciência, o qual, porém, tem ainda como perspectiva ulterior a vitória sobre o egoísmo (o qual acreditamos ser um problema ético contemporâneo que Pierre Hadot quer enfrentar). Assim sendo, a prática filosófica dos exercícios espirituais deverá de alguma maneira nos oportunizar essa tomada de consciência, pela qual, consecutivamente, conquistaremos uma atitude menos egocentrada. Conforme veremos no próximo tópico, essa conscientização sobre o contexto cósmico de nossa existência, para Pierre Hadot, embora possivelmente ocorra pela via do aprendizado de representações teóricas que nos convençam a esse respeito, ocorre de maneira talvez mais transformadora pela via de uma experiência perceptiva direta do mundo.

3.2 A PERCEPÇÃO DO TODO

Em sua tematização acerca da noção da consciência cósmica, a qual, conforme vimos no tópico anterior, corresponde a uma característica essencial e universal da boa vida, Pierre Hadot parece assumir a posição de que a representação fundamental do mundo enquanto um Todo e, em particular, da existência individual dilatada nessa realidade, é acessada não apenas mediante o domínio de uma elaboração discursiva, que descreveria teórica e conceitualmente uma concepção metafísica sobre o mundo, então nos convencendo a representá-lo dessa maneira específica. Embora essa pareça ser uma maneira possível de alterarmos a nossa visão sobre o mundo e, em particular, sobre nosso lugar nele, além disso, Pierre Hadot parece aceitar que podemos acessar essa mundividência fundamental também (e, talvez, de uma maneira mais eficaz, tendo o vista o propósito de transformação do eu) a partir de uma experiência, que independe de uma trajetória intelectual e discursiva, mas que ocorre no âmbito da percepção sensorial ou, como veremos adiante no tópico *A percepção estética*, na ocasião da apreciação estética do mundo.

Com efeito, essa perspectiva, segundo a qual podemos acessar a consciência cósmica através de uma experiência perceptiva do Todo, é tematizada por Pierre Hadot em alguns momentos dos seus trabalhos. Por exemplo, no volume *EF*, às concepções teórico-conceituais elaboradas pelos filósofos, as quais poderiam justificar uma concepção do mundo em termos de um Todo, ele contrapõe uma “experiência vivida do sujeito concreto, vivente e percipiente” (HADOT, 2014a, p. 272). Também em suas entrevistas com Davidson e Carlier, Pierre Hadot declara que essa sua concepção própria sobre a vida filosófica, cujo componente fundamental é a consciência cósmica, embora tenha sido posteriormente elaborada a partir de seus estudos sobre a filosofia, na verdade, remotamente se funda não nesses estudos, mas em certa vivência perceptiva sua em relação ao mundo, a qual ele experimentou diversas vezes ao longo de sua vida, desde a adolescência, conforme descreve (aliás, com formulações muito bonitas) no seguinte comentário:

Uma vez estava na Rua Ruinart (...). A noite havia chegado. As estrelas brilhavam naquele céu imenso. (...) Numa outra vez, eu estava num dos quartos da nossa casa. Em ambas as ocasiões fui tomado por uma angústia ao mesmo tempo aterradora e deliciosa, provocada pelo sentimento da presença do mundo, ou do Todo, e de mim nesse mundo. Na realidade eu

não conseguia formular minha experiência (...) tinha a sensação de estar imerso no mundo, de fazer parte dele (...). Bem mais tarde, descobriria que essa tomada de consciência de minha imersão no mundo, essa impressão de pertencimento ao Todo, foi o que Romain Rolland chamou de ‘sentimento oceânico’. Acho que sou filósofo desde essa época, se se entende por filosofia essa consciência da existência, do ser no mundo. (...) Comecei a perceber o mundo de maneira nova. O céu, as nuvens, as estrelas, as ‘noites do mundo’ – como eu me dizia – me fascinavam. Eu encostava as costas no apoio da janela, olhava o céu noturno e tinha a impressão de mergulhar na imensidão estrelada. Essa experiência dominou toda a minha vida. Eu a experimentei de novo, várias vezes, diante do Lago Maior, em Ascona, por exemplo, ou ao contemplar a cadeia dos Alpes a partir da margem do Léman, em Lausanne, ou de Salvan, no cantão do Valais (HADOT, 2016, p. 20 – 21).

Nessas mesmas entrevistas, um pouco adiante dessas observações acerca de suas próprias experiências do Todo, Pierre Hadot nos esclarece melhor sobre o que está se referindo quando descreve essa peculiar experiência, associando-a às formulações de “sentimento oceânico” e de “mística selvagem”, respectivamente dos autores Romain Rolland (1866 – 1944) e Michel Hulin (1936):

Ao falar de ‘sentimento oceânico’, Romain Rolland quis expressar um matiz muito particular, a impressão de ser uma onda num oceano sem limites, de ser uma parte de uma realidade misteriosa e infinita. Michel Hulin, em seu livro admirável intitulado *La Mystique Sauvage* – e para ele a mística selvagem outra coisa não é senão o sentimento oceânico –, caracteriza essa experiência pelo ‘sentimento de estar presente aqui e agora no meio de um mundo, ele próprio, intensamente existente’, e fala também de um ‘sentimento de coopertencimento essencial entre mim mesmo e o universo ambiente’. É capital, aqui, a impressão de imersão, de dilatação do eu num Outro ao qual o eu não é estranho, visto que é parte dele (HULIN, 1993, p. 56 – 57, *Apud* HADOT, 2016, p. 23).

Apenas para citar mais outro texto de Pierre Hadot no qual é tematizada essa mesma perspectiva, segundo a qual a tomada de consciência cósmica emerge a partir de uma impressão ou sentimento (e não, portanto, de um esclarecimento intelectual) da imersão do eu no Todo, na obra *NEV* o autor também descreve essa vivência perceptiva do mundo nessa mesma direção, referindo-se então a uma “(...) impressão de se dissolver, de ultrapassar seus limites na imensidão, na infinitude da realidade (...)” (HADOT, 2019, p. 158).

Portanto, Pierre Hadot descreve uma experiência não-discursiva do mundo, na qual a existência dessa realidade é experimentada com especial intensidade, mas também na qual o mundo é percebido como uma totalidade, um Todo, ao qual, ademais, o próprio indivíduo que percebe (no caso, o próprio Pierre Hadot, ou os filósofos que anteviram essa característica da sabedoria) se experimenta como parte

integrada, imersa nessa totalidade e não mais como uma individualidade destacada do restante da realidade. Para esse autor, portanto, muitos filósofos, como, por exemplo, os pensadores da antiguidade, propuseram descrições teóricas sobre o mundo a partir das quais alcançaram uma compreensão intelectual acerca do Todo. Mas ele parece acreditar que também podemos vivenciar o aspecto da totalidade do mundo na nossa relação imediata com este e, portanto, independentemente da mediação de elaborações discursivas. Essa peculiar experiência, que o próprio Pierre Hadot atravessou quando, por exemplo, “olhava o céu noturno e tinha a impressão de mergulhar na imensidão estrelada” (HADOT, 2016, p. 20 – 21), a qual ele colocou em paralelo com as formulações sobre o “sentimento oceânico” de Rolland ou sobre a “mística selvagem” de Hulin, corresponderia à maneira como perceberia o mundo um sábio e, portanto, ao objetivo da prática filosófica. Sendo que, a partir dessa experiência, atualizaríamos nossa consciência sobre o nosso lugar no universo e, consecutivamente, seríamos conduzidos à superação do egocentrismo.

Em suma, parece que para Pierre Hadot a tomada de consciência acerca do Todo e, em particular, a conseqüente dilatação-superação do nosso ego, pode ocorrer não somente em um nível intelectual, através da compreensão de teorias que explicam essa mundividência, mas também (e, quiçá, com maior potência transformadora) no campo das experiências concretas da relação direta do indivíduo com o mundo - assim, aliás, implicando uma modificação de nosso ser que envolve não somente uma mudança de opinião, mas também a modificação de outras dimensões, como, por exemplo, a nossa sensibilidade. Sendo assim, a proposição hadotiana de uma existência baseada na consciência cósmica e, por seu turno, no ultrapassamento do nosso eu, não é redutível a uma compreensão intelectual de teorias e conceitos que descrevem e justificam a ideia do Todo. Mais do que isso, envolve também (e, talvez, sobretudo) o relacionamento direto com o mundo, a partir do que, de acordo com ele, podemos tomar consciência do Todo em uma vivência perceptiva não-discursiva dessa realidade e, em especial, de nossa imersão nela. Entretanto, conforme estudaremos no tópico seguinte, essa percepção que faz emergir a consciência cósmica não é vivenciada pela maioria das pessoas, para Pierre Hadot, devido ao fato de estarem excessivamente absorvidas em suas preocupações e tarefas cotidianas.

3.3 A VIDA COTIDIANA

No contexto de suas considerações acerca dessa sua ideia sobre a boa vida, por ele associada à consciência de que somos parte do mundo e ao despojamento do egoísmo, Pierre Hadot nos explica que, entretanto, coloca-se para nós um obstáculo à tarefa filosófica, seja à tarefa de nos oportunizar a experiência perceptiva do Todo, ou a tarefa de nos despojar de nosso egocentrismo, a saber, nossa excessiva absorção na vida cotidiana – aspecto acerca do qual faremos algumas considerações no presente tópico.

Com efeito, essa perspectiva acerca das dificuldades que a vida cotidiana coloca aos anseios filosóficos é abordada por Pierre Hadot, por exemplo, na sequência do texto citado no tópico anterior, retirado das entrevistas do autor com os comentadores Davidson e Carlier, onde expressa suas próprias vivências de interação com o Todo. Após descrever suas experiências de juventude, ele faz as seguintes observações:

Desde essa época senti com muita intensidade a oposição radical entre a vida cotidiana, vivida numa semi-inconsciência, na qual os automatismos e os hábitos nos guiam sem que tenhamos consciência de nossa existência e de nossa existência no mundo, e os estados privilegiados, quando vivemos intensamente e temos consciência de nosso ser no mundo (HADOT, 2016, p. 21).

Nessa mesma direção, também no ensaio intitulado *A filosofia é um luxo?*, que compõe a coletânea *EF*, o autor se refere a essa mesma ideia de que as privilegiadas experiências filosóficas de interação com o Todo encontram em nossa vida cotidiana um obstáculo, pois “(...) as preocupações, as necessidades, as banalidades da vida cotidiana impedem-nos de alcançar essa vida consciente de todas as suas possibilidades” (HADOT, 2014a, p. 331).

Diariamente somos assediados pelas solicitações que a vida nos coloca, como, por exemplo, as exigências de nosso corpo, os compromissos familiares ou as expectativas da sociedade da qual fazemos parte, de modo que consequentemente somos incitados a procurar satisfazer essas solicitações. Nessa condição, para Pierre Hadot, a um só tempo nos tornamos cegos para a existência do mundo e, em particular, para a nossa existência no mundo, como também o nosso egoísmo é estimulado. Pois, de fato, então somente prestamos atenção nas coisas relacionadas àquelas solicitações (os nossos objetos de desejo, as

dificuldades materiais em que estamos envolvidos e etc.), assim como então somente nos ocupamos com a satisfação dessas solicitações, isto é, com os nossos interesses pessoais. Desse modo, devido ao nosso excessivo envolvimento com as questões da vida cotidiana, desviamos nossa atenção de nossa existência no mundo para essas banalidades, assim impedindo que nos conscientizemos sobre o Todo e, ademais, estimulando em nós uma atitude egoísta.

Tendo em vista essa perspectiva de Pierre Hadot, aliás, compreendemos melhor a problemática enunciada ao final do primeiro capítulo desta dissertação, no tópico sobre *A impossibilidade da sabedoria*, a lembrar, de que para esse autor o estado de sabedoria, ao menos enquanto algo estável e perene, é impossível de ser realizado. Ora, mesmo que o filósofo eventualmente tenha experimentado a percepção filosófica do Todo, inevitavelmente ele será assediado pelas solicitações que cotidianamente a vida coloca a todos nós. Seu envolvimento com essas questões do cotidiano, conseqüentemente, pode desviar sua atenção com relação ao seu contexto cósmico, assim como pode nele provocar inclinações passionais e preocupações interesseiras que incitarão seu egoísmo.

Nesse sentido, talvez se pode dizer que, para Pierre Hadot, o envolvimento com a filosofia supõe que conquistemos um desprendimento com relação à vida cotidiana, de modo que, por exemplo, não necessitemos ter de nos preocuparmos com responsabilidades profissionais ou compromissos domésticos. Para buscar a boa vida, portanto, precisaríamos nos situar em uma condição em que estaríamos distantes dos fatores que desviam nossa atenção do Todo às banalidades da vida e que incitam o nosso egoísmo. Entretanto, não obstante reconheça que o envolvimento na vida cotidiana se coloca ao filósofo como uma dificuldade para o seu objetivo de conscientização cósmica e de superação do egocentrismo, a perspectiva de Pierre Hadot parece ser diferente, não exigindo uma ruptura com o cotidiano. Com efeito, refletindo acerca dessa aparente necessidade de o filósofo ter de se furtar às questões do dia a dia, no livro *EF* o autor esclarece o seguinte:

A filosofia não é uma atividade reservada a um contemplativo que fica em seu gabinete de trabalho e que cessaria a partir do instante em que ele o deixa, em que deixa a sala de aula, mas trata-se antes de uma atividade que é absolutamente cotidiana (HADOT, 2014a, p. 348).

Portanto, Pierre Hadot pensa que, apesar de a vida cotidiana colocar dificuldades ao filósofo, a necessidade de um desenraizamento em relação à ela não

significa um distanciamento radical. De acordo com o seu esclarecimento, a relação que o filósofo deverá estabelecer com o cotidiano é, no fundo, ambígua, pois se, por um lado, ele precisa dela se desenraizar em vista da superação da inconsciência e do egocentrismo que ela tende a lhe provocar, por outro, em seu ponto de vista, a atividade filosófica se refere precisamente à vida cotidiana, isto é, à maneira como o filósofo se comporta nas diversas situações do dia a dia, na relação cotidiana com o mundo e com as outras pessoas. Nesse sentido, o que Pierre Hadot parece ter em mente acerca dessa questão sobre o envolvimento do filósofo com o cotidiano é que, se, por um lado, esse envolvimento para ele oferece riscos, por outro, ele deve buscar lidar com o cotidiano de uma maneira filosófica. Isto é, o filósofo deve buscar transformar sua relação com o cotidiano tendo em vista sua consciência cósmica e seu objetivo pela imparcialidade e objetividade não-egocêntricas. Dito de outra maneira, a posição do autor parece ser a de que, sem romper com o cotidiano, a vivência dessa dimensão que seria apropriada ao filósofo é aquela na qual seu dia a dia é transfigurado à luz de seu esforço em se manter consciente de si e do mundo, assim como de ser menos egoísta. Essa difícil tarefa, conforme analisamos no capítulo anterior, será conduzida através da aplicação aos exercícios espirituais. Veremos nos tópicos seguintes deste capítulo que Pierre Hadot destaca a potência da prática da percepção estética (que então se configura como uma espécie de exercício espiritual), assim como do exercício do olhar do alto, para esse propósito de transformação da relação com o cotidiano.

3.4 A PERCEPÇÃO ESTÉTICA

Se Pierre Hadot tem consciência de que a percepção filosófica do Todo e o despojamento do egocentrismo são comprometidos pelo simples fato de estarmos vivos e de atravessarmos o nosso dia a dia, ele também acredita que em certas situações especiais nós somos capazes de suspender as solicitações da vida cotidiana e, consecutivamente, de contermos a inclinação interessada e egoísta que elas produzem em nós, momentos nos quais então poderemos atualizar nossa consciência sobre o Todo, assim como nos elevarmos a uma atitude mais impessoal e imparcial. Através da experiência dessas ocasiões privilegiadas, progressivamente vamos nos tornando mais conscientes e menos egocentros, assim transformando nossa relação cotidiana com o mundo e com as outras pessoas, então avançando

em nossos propósitos filosóficos. Conforme estudaremos no presente tópico deste capítulo, para Pierre Hadot uma dessas ocasiões especiais é aquela propiciada pela apreciação estética do mundo.

Pierre Hadot enfatiza essa sua perspectiva acerca da percepção estética, entendida como uma via de acesso à consciência cósmica e à uma atitude menos egocêntrica, no mesmo ensaio antes aludido, *O sábio e o mundo*, mais especificamente em um tópico desse trabalho que recebe como título precisamente “*A percepção estética*”. Nessa parte do texto em questão, Pierre Hadot esclarece que essa sua ideia sobre essa modalidade de percepção, na verdade, é por ele elaborada sob a inspiração das considerações oriundas dos trabalhos de certos filósofos da contemporânea corrente filosófica da fenomenologia, particularmente de Edmund Husserl (1859 – 1938), Henry Bergson (1859 – 1941) e Merleau-Ponty (1908 – 1961), os quais, nas suas próprias palavras, “consideram a percepção estética do mundo como um tipo de modelo da percepção filosófica” (HADOT, 2014a, p. 316). Para ele, na esteira desses autores, a tarefa da filosofia seria principalmente a de provocar uma modificação na maneira como percebemos o mundo, sendo que a maneira como o filósofo deveria buscar perceber o mundo deveria ser análoga ao modo como os artistas o percebem em suas apreciações estéticas.

Para explicar o que ele tem em mente quando se refere a esse tipo específico de percepção, que deveria servir de referência aos filósofos em seu propósito de ver o mundo de outra maneira, Pierre Hadot se refere principalmente à abordagem acerca da percepção estética do filósofo Henry Bergson, reproduzindo, entre outros trechos, a seguinte passagem da obra *O pensamento e o movente* desse autor, na qual, segundo ele, aquele expressa sua própria opinião sobre o que significa apreciar o mundo de maneira estética, tomando como referência o modo como os artistas o fazem:

Quando eles [os artistas] observam uma coisa, veem-na por ela e não mais por eles. Não percebem mais simplesmente com vistas a agir, percebem por perceber – para nada, pelo prazer... (BERGSON, 1946, p. 152, *Apud* HADOT, 2014a, p. 315 – 316).

Para nos ajudar a melhor compreender o sentido dessas posições de Henry Bergson acerca dessa maneira estética como, segundo ele, os artistas percebem o mundo, que tanto interessa Pierre Hadot em sua própria abordagem sobre a

filosofia, a comentadora Lorayne Colares nos esclarece o seguinte em seus comentários sobre as perspectivas filosóficas desse autor no ensaio em questão:

O fato de Hadot nesse momento tratar as percepções estéticas do mundo como modelos das percepções filosóficas parece propor que os filósofos sejam desapegados, mais desinteressados, assim como os artistas de Bergson: aqueles veem a coisa por ela mesma, afinal a própria arte se justifica por ela mesma (COLARES, 2015, p. 189 – 190).

Sem pretender investigar a fundo em nossa dissertação a questão da apropriação por parte de Pierre Hadot das concepções da fenomenologia sobre a percepção e, em particular, a perspectiva bergsoniana sobre a percepção estética, às quais, de fato, ele se serve para elaborar seu próprio pensamento sobre o tema da conscientização do Todo, cumpre apenas fazer algumas observações gerais sobre o que está em jogo, em seu ponto de vista, nesse modo específico de perceber o mundo, com vistas a esclarecer o seu interesse nessa ideia de Bergson. Segundo o esclarecimento da comentadora Colares, o que Pierre Hadot encontra na obra desses pensadores, mais particularmente na de Bergson, e que lhe parece relevante para pensar sua própria ideia de que é tarefa da filosofia provocar uma modificação em nossa percepção do mundo, é o entendimento de que essa maneira como, na perspectiva bergsoniana, os artistas percebem o mundo no decurso de suas apreciações estéticas é livre com relação à nossa excessiva absorção na vida cotidiana.

Conforme observamos no tópico anterior, para Pierre Hadot, nosso envolvimento com o cotidiano tende a desviar nossa atenção do mundo e, em particular, de nossa existência no mundo, para as preocupações, banalidades e necessidades que compõem o restrito círculo de nossa existência pessoal. Essa implicação nossa nesses aspectos, conseqüentemente, obscurece nossa consciência sobre o mundo e sobre nós no mundo e, ademais, estimula cada vez mais nosso egoísmo. Tendo essa perspectiva hadotiana sobre a vida cotidiana em vista, compreende-se que a ideia de Bergson que parece muito interessante para Pierre Hadot é a de que os artistas, quando apreciam o mundo esteticamente, desapegam-se dessas necessidades e banalidades e, ao invés de prestarem atenção somente nos objetos do restrito círculo de preocupações e interesses pessoais, prestam atenção na própria existência do mundo. Assim sendo, inspirado nessas análises sobre a percepção estética, o autor acredita que nessa modalidade

de percepção encontramos uma ocasião privilegiada na qual, à diferença do que acontece em nossa vida cotidiana, nós podemos nos dar conta de que existe um mundo e também que nós existimos nesse mundo. Portanto, na experiência estética, quando observamos o mundo com desapego em relação ao nosso cotidiano e, desse modo, parafraseando as palavras de Bergson acima citadas, observamos somente por observar, na perspectiva de Pierre Hadot, parece que podemos encontrar uma oportunidade potente para a percepção filosófica fundamental do Todo, a partir do que nos conscientizamos sobre nossa participação no cosmos e, por seu turno, transformamos a maneira como nos relacionamos conosco, com o mundo e com as outras pessoas.

Na direção dessa perspectiva, nesse mesmo ensaio, Pierre Hadot busca demonstrar que, de fato, pode-se encontrar no contexto das artes uma forte ligação entre, por um lado, a experiência estética do mundo e, por outro, a experiência de uma imersão do eu no Todo, que, conforme analisamos nesse capítulo, está em jogo em suas ideias sobre a consciência cósmica e a sabedoria. Para ele, com efeito, muitos artistas, ao expressarem seu relacionamento com o mundo no contexto de suas experiências estéticas, parecem fazer alusões a uma peculiar maneira de vivenciá-lo que, segundo sua interpretação, é análoga ao modo como o sábio se relaciona com essa realidade. Por exemplo, Pierre Hadot reproduz os seguintes comentários do pintor suíço moderno Paul Klee (1879 – 1940), elaborados na obra *Théorie de l'Art Moderne*:

‘O diálogo com a natureza’, escreve Paul Klee, ‘permanece para o artista condição *sine qua non*. O artista é homem. Ele próprio é natureza, pedaço de natureza no campo da natureza (...) Ele é uma criatura sobre a terra e uma criatura no Universo: criatura sobre um astro entre os astros’ (KLEE, 1975, p. 42 – 46, *Apud* HADOT, 2014a, p. 317 – 318).

Essas posições de Paul Klee, na perspectiva de Pierre Hadot (as quais, segundo ele, aliás, podem ser encontradas também entre outros artistas, como, por exemplo, em Paul Cézanne (1839 – 1906)), de acordo com as quais o artista, porque se relaciona esteticamente com o mundo, conseqüentemente permanece consciente de sua existência no mundo, atestam a ideia bergsoniana acerca da percepção estética, de modo que, para ele, a atitude do artista equivale à atitude do filósofo que é cosmicamente consciente, servindo, portanto, como uma referência importante na busca dos propósitos filosóficos.

Em síntese, na perspectiva própria de Pierre Hadot acerca da vida filosófica, pensada principalmente a partir da ideia da consciência cósmica, a experiência estética é considerada como algo que deveria ser tomado com seriedade pelos filósofos em suas ambições pela sabedoria, pois a partir dela se poderia pensar um modelo pertinente acerca de nossa relação com o mundo. Isso porque, segundo Pierre Hadot, inspirado nas abordagens da fenomenologia (em especial nas de Bergson), no decurso da percepção estética ocorre uma ruptura em relação ao nosso demasiado envolvimento com a vida cotidiana, de modo que então, ao invés de prestarmos atenção nas banalidades ou problemas do dia a dia, prestamos atenção no próprio mundo e em nós no mundo. No mesmo tempo em que nossa atenção está no mundo, também conquistamos uma suspensão de nosso habitual egoísmo, pois então deixamos de lado nossas preocupações e interesses pessoais. Assim sendo, pode-se dizer que, para esse autor, a percepção estética pode ser considerada como uma espécie de exercício espiritual, de modo que os filósofos deveriam buscar por experiências desse tipo, tendo em vista seus propósitos filosóficos, seja de conscientização sobre o mundo ou de superação do egocentrismo. No próximo tópico veremos que Pierre Hadot também enfatiza, nessa mesma direção, a importância de outro exercício espiritual, a saber, o olhar do alto.

3.5 O OLHAR DO ALTO

Em seu estudo da tradição do modelo da filosofia como modo de vida que se origina na antiguidade, a qual concebe a atividade filosófica como um exercício espiritual que tem como principal objetivo a transformação de nossa vida, Pierre Hadot muitas vezes dedica especial atenção a um exercício espiritual específico, por ele chamado de “olhar do alto”. Com efeito, conforme estudaremos no presente tópico deste nosso trabalho, Pierre Hadot salienta que nesse contexto da tarefa filosófica de transformar o nosso eu, o exercício em questão, assim como a apreciação estética do mundo, é especialmente eficaz, favorecendo ao filósofo que a ele se aplica o progresso em seus objetivos espirituais, isto é, a conscientização sobre o seu lugar no universo e, conseqüentemente, a superação de seu egoísmo.

Ao nos aplicarmos à obra desse autor com esse propósito de tentar esclarecer essa temática, verificamos que, assim como ocorre com os demais aspectos que, para ele, são importantes para que se possa pensar a ideia de uma

vida filosófica (seja de maneira histórica, ou com perspectivas para a atualidade), também esse elemento específico que aqui colocamos em pauta recebe bastante atenção por parte de Pierre Hadot. Sendo o exercício espiritual do olhar do alto abordado em seus livros diversas vezes (HADOT, 2014b, p. 291; 2016, p. 126; 2019, p. 64), desde já compreendemos que, para esse autor, esse aspecto se situa em um lugar fundamental no que se refere ao desenvolvimento de sua própria abordagem acerca da filosofia.

Pierre Hadot elabora análises sobre esse tema, por exemplo, no seu livro sobre Goethe (*NEV*), no qual, com efeito, escreve um capítulo inteiro sobre *O olhar do alto e a viagem cósmica*. Nesse texto, além de explicar em que consiste esse exercício do olhar do alto, esclarecendo que, conforme veremos adiante, ele pode envolver uma espécie de viagem cósmica, o autor também procura argumentar que não somente os filósofos da antiguidade, mas também filósofos dos outros períodos da história do ocidente praticavam esse exercício com o propósito de uma transformação espiritual, tendo em vista uma existência mais sábia. Além dos filósofos antigos, como, por exemplo, Platão e Marco Aurélio, ele então menciona também pensadores modernos, como, por exemplo, Goethe e Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). Com isso, Pierre Hadot pretende não somente demonstrar que essa prática possui uma longa história, que atravessa essa tradição da filosofia como modo de vida desde os períodos antigos até épocas mais recentes, mas também que pensadores muito diferentes entre si, situados em contextos culturais e filosóficos muito diversos, pareceram concordar que essa mesma prática poderia ser relevante no sentido de um mesmo aprimoramento existencial, apesar das suas divergências radicais de ideias e contextos.

Nesse mesmo capítulo, compõe um tópico intitulado *Significação filosófica do olhar do alto entre os filósofos antigos*, no qual Pierre Hadot se ocupa em esclarecer de que maneira exatamente essa prática, cuja origem ele localiza nos tempos antigos, era praticada pelos filósofos dessa tradição, assim como em explicar o propósito filosófico que esses pensadores atribuíam a essa exercitação particular. Quanto ao modo como esse exercício deve ser executado, o autor então escreve o seguinte, explicando que

(...) o olhar do alto é um exercício pelo qual se imagina enxergar as coisas de um ponto elevado, ponto esse que é alcançado pela elevação a partir da

Terra, não raro graças a um voo do espírito pelo cosmos (HADOT, 2019, p. 64).

Pierre Hadot aqui nos explica que a execução dessa prática consiste em, nas suas próprias palavras, “enxergar as coisas de um ponto elevado”. Dito de outra maneira, parafraseando essa formulação do autor, exercitamo-nos nessa prática quando tentamos olhar as coisas a partir de uma posição situada nas alturas. Assim sendo, estaremos praticando o olhar do alto quando tentamos observar, por exemplo, nossa existência pessoal, nossa cidade ou o planeta em que vivemos, situando-nos na posição das nuvens, da Lua ou da borda da Via-Láctea. De fato, o autor ressalta que essa observação pode ocorrer não somente a partir de uma mudança de nosso habitual ponto de vista terreno na qual nos situamos em uma posição mais elevada em relação à Terra (nas nuvens, por exemplo), mas também na ocasião em que percorremos o cosmos no decurso de um voo do espírito.

Com o intuito de melhor esclarecermos o que Pierre Hadot está pensando ao se referir a esse olhar do alto oportunizado na situação de uma viagem do espírito pelo cosmos, seguindo o próprio autor, podemos nos reportar à descrição que, segundo ele, os próprios filósofos dessa tradição elaboraram acerca de suas próprias experiências com relação a esse exercício. Nesse sentido, em outros de seus trabalhos, nos quais essa mesma temática também é por ele abordada, Pierre Hadot busca ilustrar essa peculiar exercitação se referindo a textos da própria tradição por ele estudada, nos quais, segundo a sua interpretação, os filósofos expressam essa ideia que aqui está em questão com base em suas próprias perspectivas filosóficas. Por exemplo, no já aludido tópico sobre *A relação com o cosmos e a expansão do eu*, do livro *OFA*, no contexto de seu estudo acerca da relação cósmica fundamental que os filósofos do tempo antigo buscavam estabelecer com o mundo, o autor então reproduz diversas passagens de pensadores desse período, como, por exemplo, entre outros, Platão, Marco Aurélio e Cícero. Nessa direção, podemos aqui reproduzir, somente com o propósito de oferecer um exemplo, os seguintes trechos selecionados por Pierre Hadot do trabalho *Da natureza dos deuses*, de autoria do filósofo Cícero:

É nos espaços inumeráveis, infinitos, que o espírito alça seu voo e abre-se para percorrê-los em todas as direções, de modo que jamais veja termo algum, nenhum limite no qual possa deter-se (...).
Visto que o espaço se estende ao infinito para além das muralhas deste mundo, o espírito procura saber o que se encontra nesta imensidão na qual

pode mergulhar seu olhar tão longe quanto possa, e na qual possa voar com um voo livre e espontâneo (CÍCERO, *Da natureza dos deuses*, I, § 21, § 54, *Apud* HADOT, 2014b, p. 291).

Na interpretação desenvolvida por Pierre Hadot sobre esse texto, assim como sobre os demais textos por ele então citados nesse tópico, esses filósofos, dentre os quais reproduzimos as palavras de Cícero, aqui descrevem suas próprias exercitações no que se refere a essa prática do olhar do alto. Assim sendo, por exemplo, o filósofo aqui citado, tomando como referência a representação acerca do universo que é própria da corrente filosófica epicurista (segundo a qual, *grosso modo*, o universo consiste em uma realidade infinita), então apresenta sua tentativa de executar uma espécie de voo do espírito para além dos limites estritamente terrenos, então se dirigindo para percorrer esse universo infinito, a partir do que, tendo em vista as privilegiadas perspectivas então conquistadas, ele pode dirigir seu olhar para as diferentes direções dessa realidade.

Entretanto, é importante salientar que, conforme observa o próprio Pierre Hadot no trecho de *NEV* anteriormente citado, pelo menos no que se refere a esses pensadores do tempo antigo, essa exercitação ocorre mediante um movimento pelo qual o filósofo “se imagina” observando as coisas a partir dessa perspectiva cósmica (HADOT, 2019, p. 64). Obviamente, nessa época uma elevação dessa natureza, seja até a altura das nuvens ou até as regiões mais afastadas do universo, não poderia ser realizada de maneira concreta. Porém, de acordo com o autor, os filósofos buscavam se elevar nessas direções mediante um esforço de imaginação, conduzindo-se imaginativamente até essas posições privilegiadas tendo como base suas próprias concepções filosóficas sobre o que é o universo (embora, talvez poderíamos aqui acrescentar, fosse possível a esses pensadores antigos em alguma medida alcançar essa perspectiva do alto também ascendendo até o topo de uma alta montanha). Portanto, para Pierre Hadot, os filósofos antigos buscavam se imaginar observando as coisas (por exemplo, a si próprios, sua cidade ou todo o mundo) na ocasião de um voo, por exemplo, através do céu ou entre os astros celestes, acreditando nisso encontrar proveito para os seus propósitos de desenvolvimento pessoal.

Tendo em vista essa ideia hadotiana, segundo a qual essas viagens cósmicas imaginadas se constituem como um potente promotor de nossa condição existencial, pode ser interessante aqui lembrar que os nossos tempos modernos, de

fato, enfim vivenciaram a concretização dessas experiências de observação a partir do alto. O próprio Pierre Hadot conclui o aludido capítulo sobre *O olhar do alto e a viagem cósmica* com um tópico intitulado *Aeronautas e cosmonautas*, no qual explora precisamente esse fato da atualidade, observando que recentemente tornamos reais as elevações ao alto somente imaginadas pelos filósofos de tempos anteriores. De fato, com o advento das modernas tecnologias, tivemos a oportunidade de efetivamente ascender até a altura, por exemplo, das nuvens ou para além dos limites de nosso planeta, e a partir daí fizemos observações tanto do lugar em que habitamos quanto do amplo conjunto cósmico que nos rodeia.

Atentando para esse fato, juntamente com o autor, poderíamos nos perguntar acerca dos possíveis impactos existenciais provocados por essas inéditas experiências, e se possuem alguma similaridade com os efeitos espirituais que os filósofos buscaram provocar em si mesmos através de suas ascensões imaginadas. Para pensar sobre essa questão, nesse texto Pierre Hadot analisa o que dizem aqueles que vivenciaram essas ascensões modernas reais, isto é, os aeronautas e os cosmonautas, perguntando-se se, para eles, essas experiências efetivamente se constituíram em catalisadores de modificações relevantes em suas próprias personalidades. Dentre os diversos depoimentos desse tipo então considerados pelo autor, tendo nós apenas o intuito de ilustrar as suas análises acerca dessa ideia de que o olhar do alto, real ou fictício, pode mudar as pessoas, aqui reproduziremos somente as seguintes palavras dos astronautas Michael Collins e Edgar Mitchell, que viajaram ao espaço exterior no final do século passado. Enquanto o primeiro diz que então se deu conta de que “eu fazia parte do resto do universo”, o segundo observa que “foi na qualidade de técnicos que fomos à Lua. Foi como humanitários que voltamos de lá” (HADOT, 2019, p. 101 – 104). Para resumir, tomando como referência esses e outros relatos, Pierre Hadot acredita que esses viajantes espaciais parecem de fato ter sido conduzidos a importantes modificações pessoais devido às suas vivências no espaço exterior. Sendo que, em sua interpretação, essa transformação pessoal parece ser muito semelhante àquela que, de acordo com ele, buscaram provocar em si mesmos os filósofos através de seus exercícios de imaginação, isto é, uma conscientização de nosso lugar no universo, assim como uma ruptura com a nossa preocupação exclusiva conosco mesmos.

Nos seus textos em que trabalha essa temática da observação a partir do alto concebida como uma espécie de exercício espiritual, Pierre Hadot salienta o

sentido dessa modificação existencial que ele acredita estar implicada nessa vivência. Com efeito, em suas entrevistas com Davidson e Carlier, por exemplo, ao ser questionado precisamente sobre o objetivo que ele atribui à prática do olhar do alto, o autor diz o seguinte aos seus comentadores, expressando o vínculo que acredita existir entre a realização desse específico exercício com a conscientização cósmica e a superação do egocentrismo:

O propósito desse exercício é fazer o indivíduo se conscientizar de seu lugar no universo e, portanto, se desprender de seu ponto de vista egoísta; e também fazê-lo conscientizar-se de seu pertencimento, não apenas ao Todo do Universo, mas ao Todo da comunidade humana. Sair de uma visão unilateral das coisas, se pôr no lugar dos outros. (...) É justamente o olhar do alto que permite ao homem sair de seus limites, que reposiciona a humanidade dentro do Todo e que, concomitantemente, ao nos fazer tomar consciência do fato de sermos uma parte do Todo, nos conduz a abrir nosso coração a todos os seres vivos⁶ (HADOT, 2016, p. 209).

A ideia de Pierre Hadot com relação a essa peculiar vivência de observação das coisas (em particular, de nossa própria existência) a partir de uma posição situada nas alturas (preferencialmente, ao que parece, nos lugares extraterrenos), em síntese, é a de que então em nos é provocada de maneira mais vívida a tomada de consciência acerca do fato de que nossa existência ocorre no universo e, consecutivamente, a suspensão de nossa excessiva preocupação egocêntrica, em benefício de uma atitude mais atenciosa com relação às necessidades e interesses das outras pessoas. Tendo experimentado a imersão do nosso eu no Todo, conseqüentemente não objetivamos mais somente a satisfação de nossos interesses pessoais, de modo que então nos abrimos à promoção do bem da coletividade humana, tal como parece ter ocorrido, por exemplo, com alguns astronautas de nosso tempo, de acordo com Pierre Hadot. Dito em poucas palavras, esse autor pensa que buscar observar as coisas dessa maneira potencializa o nosso acesso à consciência cósmica e à suspensão de nosso egoísmo.

⁶ Pode ser interessante aqui observar que nesse texto, ao trabalhar com as ideias do olhar do alto, da consciência e da superação do egoísmo, Pierre Hadot então aponta para uma conseqüente abertura para uma preocupação com os outros que não se restringe somente aos seres humanos, mas que engloba, em suas próprias palavras, “todos os seres vivos”. Nesse sentido, no intuito de ampliarmos o alcance da preocupação com os outros que parece tematizar Pierre Hadot em sua obra, questionamos se essa preocupação não poderia abarcar também os outros seres que não apenas os humanos: a prática filosófica, na medida em que se articula com a consciência cósmica, pode conduzir a um cuidado com os outros que não se limita aos humanos, mas que abarca também, por exemplo, os animais, as florestas, os rios, as montanhas e etc.?

Em particular esse objetivo filosófico pela vitória com relação ao nosso egocentrismo (o qual acreditamos ser a ulterior finalidade de toda a prática filosófica, para Pierre Hadot), porém, pode ser cultivado também de outras maneiras. Nessa direção, além de atribuir centralidade aos temas da consciência cósmica, da percepção estética e do olhar do alto, esse autor parece também recorrentemente salientar a importância da racionalidade, a qual ele acredita possuir uma característica de universalidade e, portanto, de impessoalidade e imparcialidade – ideia que abordaremos no próximo tópico, com o qual então concluiremos este segundo capítulo de nossa dissertação.

3.6 A UNIVERSALIDADE DA RAZÃO

Conforme salientamos desde o primeiro tópico do presente capítulo, a ideia da consciência cósmica é um aspecto fundamental na interpretação de Pierre Hadot sobre as filosofias antigas, mas também na sua própria proposição de um modo de vida filosófico para os indivíduos de nosso tempo, servindo de coordenada para a maneira que, segundo ele, deveríamos buscar viver. Porém, é importante também dizer que o interesse desse autor com relação a essa dimensão cósmica da vida filosófica tem relação com um outro aspecto que também está presente em seu pensamento, tanto em suas leituras históricas, quanto em suas perspectivas para hoje, a saber, o tema da universalidade da razão. Portanto, em seus estudos das filosofias do passado ou em sua alternativa de filosofia para hoje, o autor igualmente parece atribuir importância à pertinência filosófica da racionalidade universal, aspecto de sua abordagem que trataremos, mesmo que sem pretender um maior aprofundamento, neste último tópico de nosso segundo capítulo da presente dissertação.

Cumpramos que desde já salientemos que, com vistas à delimitação do escopo de nossa pesquisa, assim como não nos dedicamos em abordar outros temas que também são trabalhados por Pierre Hadot (como, por exemplo, o componente terapêutico da filosofia ou o exercício de atenção ao instante presente), não temos aqui a pretensão de adentrar no estudo acerca dessa temática em particular, não obstante ela pareça ocupar, assim como a ideia da consciência cósmica, uma posição importante no pensamento desse autor. Nosso interesse em encerrar esse capítulo elaborando algumas considerações gerais sobre essa outra ideia hadotiana,

é apenas o de tentar esclarecer que outros elementos também presentes em seu pensamento igualmente parecem se articular ao que conjecturamos ser o principal para Pierre Hadot, isto é, o objetivo por um modo de vida menos egoísta. Nesse sentido, apenas tentaremos aqui indicar que, de maneira parecida com suas reflexões sobre a consciência cósmica, seu tratamento acerca da racionalidade parece ser o de que ela também tem relevância para o propósito filosófico pela vitória sobre o nosso egocentrismo.

Essas posições, com efeito, são trabalhadas pelo autor algumas vezes no decurso de suas reflexões acerca da antiguidade filosófica e de suas ideias para o nosso tempo, como, por exemplo, em um tópico de seu ensaio *Exercícios espirituais*, intitulado *Aprender a morrer*, ou em suas entrevistas com Carlier e Davidson (HADOT, 2014a, p. 49; 2016, p. 137, 185). Em suas conversações com a comentadora Carlier, por exemplo, então discutindo sobre a questão do significado de uma ideia originariamente platônica, mas que teria sido retomada pelas diferentes filosofias, segundo a qual o exercício filosófico pode ser concebido também como um exercício em direção à morte, Pierre Hadot conclui da seguinte maneira:

O que nos interessa aqui, no entanto, é o modo de vida e o sentido do exercício espiritual da morte, que, me parece – em Platão e em todas as escolas filosóficas -, consiste numa mudança da visão das coisas, numa passagem do individual e do passional à perspectiva racional e universal (HADOT, 2016, p. 185).

Para melhor compreendermos essas considerações acerca do exercício filosófico em direção à morte, esclarecido em sua pertinência existencial, pois o “morrer” designa a morte do nosso individualismo e passionalidade através da aquisição da universalidade da racionalidade, podemos nos referir também às semelhantes formulações acerca desse tema presentes no aludido tópico *Aprender a morrer*. Também nesse texto, Pierre Hadot igualmente trabalha sobre essa ideia de que a filosofia foi apresentada como um percurso no qual devemos aprender a morrer, do mesmo modo explicando que esse aprendizado em direção à morte, entretanto, deve ser entendido precisamente à luz da relevância existencial da “(...) elevação do pensamento, passando da subjetividade individual e passional à objetividade da perspectiva universal, isto é, ao exercício do puro pensamento” (HADOT, 2014a, p. 49).

Portanto, de acordo com o autor, essa ideia de que a filosofia pode ser pensada também como uma exercitação para a morte deve ser compreendida no registro do modelo da filosofia como modo de vida, pois, para os filósofos antigos, a boa vida ou sabedoria também envolveria a aquisição, nas suas próprias palavras, da “perspectiva racional e universal” (HADOT, 2016, p. 185) ou da “objetividade da perspectiva universal (...) do puro pensamento” (HADOT, 2014a, p. 49). Sem objetivarmos adentrar em nosso trabalho no estudo aprofundado dessas ideias acerca da exercitação para a morte ou do propósito pela universalidade da razão, cumpre-nos aqui somente considerar que, seguindo nossa hipótese de leitura sobre a obra de Pierre Hadot, segundo a qual o horizonte ético dele é uma vida não-egoísta, essa importância atribuída ao esforço em direção à racionalidade, no fundo, articula-se com aquela perspectiva ética ulterior. Para esse autor, a pertinência filosófica do exercício para a conquista de uma perspectiva mais objetiva e universal, que ele identifica à perspectiva racional, refere-se sobretudo ao fato de que isso tem impactos importantes em nossa maneira de ser e viver. Mas nos parece que o sentido desse impacto é principalmente o da ruptura com nosso egocentrismo, pois, de fato, esse exercício se refere precisamente à depuração de nosso individualismo e passionalidade. Dito de outra maneira, parece-nos que o foco da ideia de que filosofia deve ser também uma exercitação de nossa racionalidade, está não tanto na conquista de um ponto de vista mais objetivo e universal, mas sim no desprendimento do nosso eu tendencioso e parcial que está implicado no esforço por nos situarmos naquele ponto de vista. Na medida em que tentamos pensar de maneira objetiva e universal, necessariamente somos solicitados a abandonarmos qualquer passionalidade, parcialidade ou pessoalidade – sendo esse movimento de ruptura com a perspectiva do eu individual que nos parece ser o mais importante para o autor.

No ínterim desse esforço por aprendermos a nos situar tanto quanto possível na perspectiva objetiva e universal da razão, portanto, uma vez que então progredimos na conquista de uma atitude mais impessoal e imparcial, enfim avançamos no propósito de transformar a maneira como nos relacionamos com o mundo e com as outras pessoas no sentido de um relacionamento menos autocentrado. O efeito mais relevante dessa tarefa pela razão universal, assim sendo, parece ser o conseqüente impacto provocado no modo como nos portamos diante das demais pessoas, isto é, de uma maneira mais aberta a considerar, para

além dos nossos próprios interesses e posições, também as necessidades e perspectivas dos outros. Assim sendo, os exercícios espirituais que servem para nos ensinar a melhor operar com a razão (como, por exemplo, a prática do diálogo), em última análise, perspectivam uma exercitação no sentido da ruptura de nosso excessivo fechamento em nossos preconceitos e necessidades pessoais, potencializando uma abertura também para a consideração das outras pessoas. Numa palavra, esse esforço em direção à universalidade da razão, na medida em que serve à destituição de nossa habitual atitude passional, tendenciosa, interesseira, preconceituosa e egocentrada, enfim favorece a promoção de uma vida menos egoísta.

Com efeito, no pensamento de Pierre Hadot, tanto em suas interpretações históricas, quanto em suas perspectivas para hoje, o que parece ocupar o lugar do horizonte ético da prática filosófica é, em última análise, a ideia de um modo de vida menos encerrado nas perspectivas e interesses pessoais, pois somente a partir disso poderemos nos abrir para um relacionamento mais cuidadoso e justo com as outras pessoas. Conforme ele próprio formula a esse respeito, “não há verdadeiro cuidado com os outros se não houver esquecimento de si” (HADOT, 2016, p. 139). Sendo assim, é fundamental para esse autor que procuremos nos manter tanto quanto possível cosmicamente conscientes ou sob a perspectiva universal e objetiva da razão, principalmente porque deveríamos ser mais abertos às necessidades e interesses dos demais; e essas perspectivas cósmica ou racional, ao nos favorecem a depuração de nosso demasiado fechamento em nosso próprio eu, oportunizam de maneira potente essa atitude de atenção aos outros. Desse modo, para ele, o percurso filosófico, por intermédio dos exercícios espirituais, deve nos conduzir à consciência cósmica ou à universalidade da razão, principalmente porque essas perspectivas possuem relevância ética, tendo em vista que com base nelas nosso relacionamento com os outros tende a ser menos egoísta e mais justo.

Essa preocupação com as outras pessoas, que Pierre Hadot acredita que pode surgir quando deixamos de nos preocupar tanto conosco no ínterim da consciência cósmica ou do exercício da razão, segundo esse autor, enfim conduzirá o filósofo engajado em realizar esse propósito filosófico de abertura aos demais a assumir para si uma missão pedagógica voltada para o benefício de sua comunidade, conseqüentemente imbuindo no seio da filosofia um aporte educativo –

aspecto do pensamento desse autor que será objeto de estudo do próximo capítulo desta dissertação.

4 A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA, SEGUNDO PIERRE HADOT

4.1 O EGOÍSMO NA FILOSOFIA

O aspecto da superação do eu, que parece ser o principal objetivo almejado pela prática filosófica na perspectiva de Pierre Hadot, possível por intermédio da consciência cósmica e da perspectiva universal da razão, conduz ainda a um outro aspecto que é também especialmente enfatizado por esse autor em suas descrições da filosofia como modo de vida, a saber, a dimensão pedagógica da filosofia, a qual estudaremos detidamente neste último capítulo da presente dissertação. Conforme veremos, a concepção acerca da filosofia desse filósofo se dirige para o entendimento de que a tarefa de transformação de si, própria da filosofia, concebida no horizonte da superação do egocentrismo, consecutivamente leva a prática filosófica em direção às outras pessoas, no sentido de que então se trata de ensinar, para além do próprio eu, também aos outros indivíduos essa tarefa de superação de si, configurando então o percurso filosófico como uma trajetória de formação não apenas de si mesmo, mas também das outras pessoas. Assim sendo, para Pierre Hadot, no seio dessa tradição de filosofia como modo de vida existe, para além do estrito cuidado de si mesmo em vista da modificação da própria vida, também um cuidado dos outros com o objetivo de transformar para melhor a vida da comunidade humana em geral, caracterizando a disciplina filosófica como um campo com características também pedagógicas, isto é, que se refere à educação das outras pessoas. De acordo com ele, as diferentes correntes de filosofia que compõem essa tradição, incluindo a sua própria abordagem filosófica, estão imbuídas de uma mesma tendência de se voltar pedagogicamente para as outras pessoas, tendo como intuito ensinar-lhes a filosofia, isto é, a trajetória de exercitação espiritual tendo em vista a boa vida. Com isso, Pierre Hadot pretende enfatizar que, para os filósofos que, assim como ele próprio, concebem a filosofia como um modo de vida, essa atividade possui relevância não apenas teórico-conceitual e, ademais, para a transformação da existência pessoal dos filósofos. Mais do que isso, a relevância da filosofia está também em promover a transformação existencial das outras pessoas, ajudando-as no sentido de uma vida melhor e mais completa.

No decurso das entrevistas que concede aos seus comentadores Arnold I. Davidson e Jeannie Carlier, publicadas na obra *FMV*, Pierre Hadot é questionado

por Davidson acerca do risco de o esforço espiritual que caracteriza a filosofia se tornar uma atitude egoísta de ensimesmamento (HADOT, 2016, p. 137). Ora, esse percurso de exercitação espiritual, de fato, solicita ao filósofo uma especial atenção sobre si mesmo, com vistas a operar uma transformação em sua própria vida. Nisso pode parecer que existe na tarefa filosófica certa despreocupação com as outras pessoas e uma preocupação apenas consigo mesmo.

Porém, para responder essa problemática do aparente egoísmo que poderia estar implicado no percurso filosófico da transformação de si, Pierre Hadot procura esclarecer que, ao invés disso, esse percurso não é egocentrado e que ele envolve a preocupação com as outras pessoas. De fato, na entrevista em questão o autor responde nesta perspectiva:

Cuidado de si pode parecer egocêntrico. Mas o fato é que, quando lemos textos como os de Sêneca, de Epicteto, de Marco Aurélio, para falar dos estoicos, ou quando estudamos também a maneira como a vida se organizava na escola epicurista, percebemos que a prática espiritual (...) não é egoísta, por várias razões. Primeiramente, os exercícios espirituais servem para desprender do egoísmo (...). Os filósofos (...) sempre fizeram um esforço para se desprender do eu tendencioso e parcial, para se elevar a um nível superior do eu. Já falamos sobre isso, aliás, a propósito do diálogo como exercício espiritual: o diálogo consiste justamente em reconhecer os direitos do outro na discussão e sobretudo, em reconhecer uma norma superior a cujo nível o eu deve se elevar para poder simplesmente dialogar – uma norma superior que é a razão. No fundo, a questão é simples: a partir do momento em que tentamos nos submeter à razão, somos necessariamente obrigados a renunciar ao egoísmo. Eis, portanto, um primeiro argumento (HADOT, 2016, p. 137 – 138).

Em primeiro lugar, Pierre Hadot nos lembra que a prática filosófica, embora se constitua como um cuidado de si mesmo, não pode ser considerada egocentrada, na medida em que existe no seu horizonte principalmente o objetivo de superar nosso habitual egoísmo. Conforme estudamos no capítulo anterior de nossa dissertação, na perspectiva proposta por esse autor, parece estar no escopo da tarefa filosófica sobretudo a tentativa de se desprender da perspectiva parcial, subjetiva e tendenciosa, em vista de uma nova perspectiva, que seja mais impessoal, objetiva, imparcial e universal. Assim, a título de exemplo, a prática do diálogo, que então se constitui como um exercício espiritual, na medida em que nos solicita que nos coloquemos sempre no ponto de vista da razão, favorece o nosso desprendimento do egocentrismo. Nessa mesma direção, também a prática do olhar do alto, ao nos oportunizar a tomada de consciência de nossa participação no Todo

e, conseqüentemente, nossa desidentificação com o eu individual, igualmente deve nos ajudar nessa tarefa de superação da perspectiva egocentrada. Compreende-se, portanto, que o percurso filosófico, embora seja voltado para o aprimoramento de si, não se configura como uma forma de egoísmo, precisamente porque esse aprimoramento buscado pelo filósofo corresponde à superação do seu egoísmo.

Na seqüência dessas mesmas entrevistas, após considerar esse primeiro argumento que esclarece em que sentido a prática filosófica, tal como a concebe Pierre Hadot, não poderia ser egoísta, o autor acrescenta ainda este outro aspecto, oferecendo um segundo argumento para essa perspectiva:

O segundo argumento, a que me referi a propósito de Sócrates, é que é preciso reconhecer que os filósofos antigos tiveram em grande medida a preocupação com os outros. Sócrates se apresenta, aliás, como alguém que recebeu a missão de cuidar dos outros, de fazê-los tomar a decisão de se preocuparem consigo mesmos (HADOT, 2016, p. 138).

De acordo com Pierre Hadot, verifica-se nas diferentes correntes de filosofia vinculadas a essa tradição dos exercícios espirituais, ao invés de uma preocupação exclusiva consigo mesmo, que os filósofos alimentam também uma preocupação com as outras pessoas. Sendo que essa ocupação com os outros se configura enquanto uma preocupação que os demais indivíduos se preocupem consigo próprios, tal como evidenciado, por exemplo, segundo o autor, na atitude de Sócrates em relação aos seus concidadãos (filósofo que, aliás, para o autor, ocupou um lugar de paradigma de filósofo nessa tradição). Ou seja, a preocupação do filósofo pelos outros é a de que as demais pessoas também se engajem na tarefa filosófica pela transformação de si mesmas sob o horizonte da boa vida, isto é, que se convertam para a filosofia. Com efeito, Pierre Hadot destaca que essa peculiar preocupação pelos outros foi recorrente, de uma maneira ou outra, nas diferentes filosofias, sendo que se poderá dizer que então a filosofia possui um aspecto missionário, pois

pode-se dizer que as filosofias da Antiguidade buscam se difundir, têm um aspecto missionário, por assim dizer, ainda que não em grande escala (...). Um exemplo magnífico é o de Diógenes de Enoanda. Ele providenciou o registro, nos muros da cidade, de imensas inscrições – que eram textos epicuristas -, destinados a converter seus concidadãos à doutrina epicurista (HADOT, 2016, p. 138 – 139).

Portanto, Pierre Hadot esclarece que a tarefa filosófica não pode se configurar como uma atitude egoísta porque, em primeiro lugar, envolve principalmente a superação do egoísmo e, em segundo lugar, envolve a preocupação com os outros, isto é, para que as demais pessoas também se esforcem na transformação de suas existências. Sendo que, no que concerne a esse segundo aspecto, verifica-se uma pretensão missionária entre as escolas filosóficas, que pode ser caracterizada como uma dimensão pedagógica que seria própria à filosofia, pois, de fato, então se trata de ensinar às outras pessoas o engajamento filosófico, aspecto que trataremos em maior detalhe adiante, no tópico *A dimensão pedagógica da filosofia*, neste último capítulo.

4.2 A PREOCUPAÇÃO COM OS OUTROS

Os dois argumentos que Pierre Hadot oferece para explicar de que maneira a prática filosófica não pode ser considerada uma forma de egoísmo, no fundo, estão articulados, pois é a superação do egoísmo, objetivada pelo percurso da filosofia, que conduzirá à preocupação com os outros e à tarefa pedagógica da filosofia. Com efeito, ainda no decurso das entrevistas publicadas em *FMV*, o autor sintetiza esse entendimento da seguinte maneira em sua conversação com Davidson:

É verdade que se poderia pensar que, para se ocupar com os outros, é preciso primeiro transformar a si mesmo. Mas essa transformação de si consiste precisamente em estar atento ao outro. No fim das contas, numa formulação exagerada, provavelmente, eu diria que não há verdadeiro cuidado com os outros se não houver esquecimento de si. Certamente, em todo caso, esquecimento do próprio interesse pessoal, como diz Sócrates, em *Apologia de Sócrates* (32b e 31b): ‘Perguntem-se se é humanamente possível negligenciar como eu todos os interesses pessoais (...) já há tantos anos, e isso para me ocupar exclusivamente com vocês’ (HADOT, 2016, p. 139).

Portanto, Pierre Hadot acredita que a transformação de si objetivada pelo cuidado de si que caracteriza a filosofia, uma vez que se refere à transformação do eu individual para um eu cósmico ou universal, pelo que o egoísmo é superado, conseqüentemente provoca no indivíduo uma abertura para a preocupação com as outras pessoas. Para ele, na medida em que assim nos tornamos menos preocupados em beneficiar apenas a nossa própria pessoa, consecutivamente passamos a nos preocupar também com o benefício das outras pessoas. O

comentador Davidson, nessas mesmas entrevistas, sintetizará da seguinte maneira essa ideia hadotiana que articula o cuidado de si, pelo qual o egoísmo é suspenso, ao cuidado dos outros: “Em outras palavras, na Antiguidade não era possível se ocupar com os outros sem se ocupar consigo mesmo” (HADOT, 2016, p. 139). Nesse sentido, de acordo com ele, existiria na perspectiva de Pierre Hadot um vínculo necessário entre, de um lado, a tarefa filosófica do cuidado de si e a preocupação com os outros. Sendo que, conforme veremos em maior detalhe na sequência, no tópico *A dimensão pedagógica da filosofia*, a atuação do filósofo no sentido dessa preocupação com os demais se exercerá efetivamente na forma de um esforço educativo em ajudar as outras pessoas no aprendizado e na prática da filosofia, com vista a lhes favorecer a busca pela boa vida.

Nessa direção, referindo-se especificamente ao exercício espiritual do olhar do alto, a respeito do qual dissertaremos no segundo capítulo de nossa dissertação, Pierre Hadot assinala do seguinte modo essa articulação existente entre, por um lado, a superação do egoísmo e, por outro, a preocupação com as outras pessoas:

O propósito desse exercício é fazer o indivíduo se conscientizar de seu lugar no universo e, portanto, se desprender de seu ponto de vista egoísta; e também fazê-lo conscientizar-se de seu pertencimento, não apenas ao Todo do Universo, mas ao Todo da comunidade humana. Sair de uma visão unilateral das coisas, se pôr no lugar dos outros (HADOT, 2016, p. 209).

Para o autor, portanto, o exercício em questão, na medida em que, reconduzindo-nos a uma perspectiva cósmica, favorece o nosso desprendimento do egoísmo, ao mesmo tempo nos abre também para a perspectiva da comunidade humana que ultrapassa os interesses egocentros de nosso eu individual. Nesse ínterim, uma vez que então nos tornamos menos egoístas, deixamos de ter em vista somente nosso próprio benefício, mas passamos a nos preocupar também com o benefício das outras pessoas e da comunidade humana em geral. Numa palavra, então libertos do egocentrismo, seremos capazes de considerar também os interesses e necessidade dos outros indivíduos, em particular, mas também da sociedade, em geral, por sua vez nos conduzindo a uma ação que esteja a serviço da comunidade.

Mas, juntamente com as explicações do próprio Pierre Hadot, cumpre salientar ainda que, no que concerne a esse aspecto do cuidado com os outros, a preocupação com a comunidade não aparece no contexto filosófico apenas como

uma consequência da superação do egoísmo provocada pelo cuidado de si, mas também se constitui como uma via para esse cuidado de si. De fato, o autor sublinha que

em vez de ‘não é possível se ocupar com os outros sem se ocupar consigo mesmo’, o contrário, como diz Sêneca (*Carta* 48, 3): ‘Vive para o outro se quiseres viver para ti’. Isso porque, Sêneca acrescenta, não se pode ser feliz considerando apenas a si mesmo (HADOT, 2016, p. 139).

Para nos ajudar a compreender de que maneira, segundo Pierre Hadot, a preocupação com os outros favorece a busca pelo ideal de sabedoria, tal como concebido por esse autor, podemos reproduzir a seguinte formulação do comentador Davidson, na qual busca sintetizar essa ideia:

Não se poderia dizer que a busca da justiça também é um exercício espiritual? Não se pode estabelecer uma diferença brutal entre os exercícios espirituais relacionados apenas a si e aqueles relacionados apenas aos outros. Quando se visa à justiça, isso também é um exercício de si (HADOT, 2016, p. 140).

Para Pierre Hadot, quando o filósofo faz o esforço de agir com justiça em relação às outras pessoas e de promover o bem comum, por si só esse esforço já favorece sua empreitada espiritual, pois então ele aprende a se despojar de seus interesses egoístas e de sua perspectiva pessoal e tendenciosa. Assim sendo, a preocupação com os outros é um produto da superação do egoísmo almejada pelo cuidado de si e, ao mesmo tempo, uma via para essa superação.

4.3 A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA

Conforme salientamos nos tópicos anteriores deste último capítulo, a preocupação com as outras pessoas, que resulta da própria tarefa filosófica do cuidado de si uma vez que essa se configura como uma superação de si, dirige-se, enfim, a um empreendimento pedagógico, isto é, ao projeto de educar as outras pessoas para a filosofia. Com efeito, na obra *OFA*, mais especificamente em um tópico intitulado *A relação com o outro*, Pierre Hadot analisa esse tema das relações que os filósofos dessa tradição de filosofia como modo de vida e como exercício espiritual estabeleceram com as outras pessoas, então enfatizando que a ação em benefício dos outros, que o filósofo se vê comprometido em realizar, exerce-se

sobretudo com um sentido educativo, configurando-se naquilo que ele designa pela fórmula “direção espiritual”:

Ao longo de toda nossa apresentação das diferentes escolas filosóficas, encontramos o problema das relações do filósofo com os outros homens, seu papel na cidade, sua vida com os outros membros da escola. Reconhece-se, antes de tudo, a importância capital da direção espiritual. Isso comporta dois aspectos: de uma parte a ação de educação moral em geral, de outra a relação que liga individualmente um mestre a um discípulo. Sob esses dois aspectos, a filosofia antiga é direção espiritual. Como dirá Simplício, no fim da história do pensamento antigo: ‘Que lugar terá o filósofo na cidade? Será o de um escultor de homens e de um artesão que fabrica cidadãos leais e dignos. Ele não terá outro ofício além de purificar-se a si mesmo e purificar os outros para viver a vida conforme a natureza que convém ao homem; será o pai comum e o pedagogo de todos os cidadãos, seu reformador, seu conselheiro e seu protetor, oferecendo-se a todos para cooperar na realização de todo o bem, regozijando-se com os que têm felicidade, compadecendo-se dos que são afligidos e consolando-os’ (HADOT, 2014b, p. 302 – 303).

De acordo com o autor, a preocupação do filósofo com as outras pessoas assume a forma, principalmente, de uma preocupação pela qualidade da existência dessas pessoas, de modo que ele irá então intervir sobre os outros, seja indiretamente ou diretamente e mediante diferentes estratégias (como, por exemplo, pelo seu exemplo de vida ou pelo seu discurso), com vista a influenciar cada indivíduo em particular ou, de modo mais amplo, a sociedade em geral, no sentido de uma modificação de suas maneiras de ser e de viver. Ou seja, para Pierre Hadot, o filósofo comprometido com essa concepção da filosofia como modo de vida, será conduzido a exercer uma ação sobre sua sociedade e sobre cada pessoa em vista do bem comum; sendo que esse trabalho em prol da comunidade se constituirá, sobretudo, como uma ação educativa no que concerne à filosofia: ele buscará ensinar às outras pessoas uma vida filosófica, isto é, a vida de busca pela boa vida e o esforço nesse sentido por intermédio dos exercícios espirituais. O filósofo perspectiva que, tal como ele, também os outros façam, com maior ou menor grau de compromisso, a opção existencial pela filosofia e, consecutivamente, progridam em direção ao aprimoramento ético sob a coordenada de um ideal de sabedoria, de boa vida.

Nesse mesmo tópico acerca das relações com as outras pessoas, Pierre Hadot especifica que essa preocupação dos filósofos com os outros se desdobra em dois níveis, seja na ordem de uma educação moral da cidade em geral ou no domínio de uma instrução filosófica individual. No que concerne à tarefa educativa

mais ampla, que se volta para a comunidade humana que compõe a cidade, Pierre Hadot então esclarece esse aspecto da seguinte maneira:

No que concerne à educação moral geral, como já entrevimos, a filosofia tomou partido da cidade. A cidade grega (...) preocupava-se especialmente com a formação ética dos cidadãos, como atesta, entre outros, o uso de erigir nas cidades estelas nas quais fossem gravadas as máximas da sabedoria délfica. Cada escola filosófica quis retomar à sua maneira essa missão educativa, seja, como entre os platônicos e os aristotélicos, agindo sobre os legisladores e os governantes, considerados educadores da cidade, seja, como entre os estoicos, os epicuristas ou os cínicos, procurando converter os indivíduos por uma propaganda missionária que se dirigia a todos os homens, sem distinção de sexo ou de condição social (HADOT, 2014b, p. 303).

Portanto, de diferentes maneiras, seja mais diretamente, intervindo sobre o próprio coletivo dos indivíduos, ou mais indiretamente, agindo sobre indivíduos específicos que, por sua vez, exercerão influência sobre a coletividade, os filósofos se voltaram para a comunidade com o objetivo de nela exercer essa intervenção de transformação de sua maneira de ser e agir, tendo como referência um ideal de sabedoria. Isto é, agem com o objetivo de em alguma medida influenciar a coletividade no sentido de um redirecionamento filosófico, de modo que os indivíduos, em específico, e a comunidade, em geral, reorientem-se no sentido de uma configuração social que dê a possibilidade aos indivíduos para uma existência mais completa e feliz. Apenas para ilustrar uma maneira pela qual os filósofos dessa tradição interviram na sociedade em vista desses seus propósitos pedagógico-filosóficos, pode-se referir ao caso dos filósofos epicuristas, citado por Pierre Hadot, os quais instalaram pela cidade máximas filosóficas que deveriam possuir o potencial de influenciar e, talvez, converter para a vida filosófica aqueles que se deparassem com elas (HADOT, 2016, p. 138 – 139).

Mas, além da preocupação pela maneira de ser da sociedade em geral, a preocupação do filósofo com os outros também se dirige para os indivíduos em específico, então configurando sua ação em benefício dos demais também como um percurso educativo pessoal, conforme nos esclarece o próprio Pierre Hadot ainda no mesmo texto de *OFA*:

A direção espiritual apresenta-se como um método de educação individual. Ela tem duplo fim. Trata-se, antes de tudo, de permitir ao discípulo tomar consciência de si, isto é, de seus defeitos e progressos (...). Trata-se, depois disso, de ajudar o discípulo a fazer as escolhas particulares razoáveis na vida de todos os dias (HADOT, 2014b, p. 303 – 304).

Nessa ordem de educação que o filósofo oferece ao indivíduo particular, estabelece-se entre ele e o outro uma relação de ensino e aprendizado entre mestre e discípulo, na qual o filósofo, ocupando a posição de mestre, influencia o outro para realizar a escolha fundamental pela busca filosófica em direção à sabedoria e lhe instrui sobre os diferentes aspectos, teóricos e práticos, desse empreendimento em vista do progresso espiritual que o discípulo então deverá realizar. Assim sendo, tendo em vista que o percurso espiritual da filosofia é, no fundo, uma trajetória na qual o indivíduo se volta sobre si mesmo para provocar uma transformação no seu eu, a relação pedagógica entre o mestre e o discípulo será principalmente uma relação de orientação e conselho, na qual o filósofo buscará, mediante diferentes métodos, orientar e aconselhar seu discípulo para a realização da tarefa filosófica que, no entanto, ele deverá realizar por si próprio mediante a aplicação dos exercícios espirituais.

Nesse sentido, apenas para ilustrar de passagem de que maneira e por intermédio de que procedimentos pedagógicos essa relação educativa entre mestre e discípulos se realizava no contexto das escolas de filosofia da antiguidade, podemos reproduzir estes esclarecimentos do próprio Pierre Hadot acerca da direção espiritual especificamente na escola de filosofia epicurista, na qual se dava especial ênfase à franqueza na fala e à benevolência na relação entre o mestre e o discípulo:

A prática da direção espiritual chegava a ser, nessa escola, o objeto de um ensinamento, como atesta o tratado de Filodemo *Sobre a liberdade da palavra*, extraído das aulas dadas sobre o tema pelo epicurista Zenão. A franqueza de linguagem do mestre aparece aí como uma arte definida como aleatória (estocástica), na medida em que ele deve ter em conta os momentos e as circunstâncias. O mestre deverá esperar os reveses, procurar e tornar a procurar corrigir a conduta do discípulo, compadecendo-se de suas dificuldades. Mas para tanto é necessário que o discípulo não hesite em reconhecer suas dificuldades e seus erros e que fale com liberdade absoluta. Como se vê, a tradição epicurista reconhece o valor terapêutico da palavra. Como contrapartida, o mestre deve escutar com simpatia, sem zombaria ou malevolência. Em resposta à ‘confissão’ do discípulo, o mestre deverá, também, falar livremente para admoestar o discípulo, fazendo-o compreender a verdadeira finalidade de suas reprimendas. Epicuro, nota Filodemo, não hesitou em fazer repreensões bastante vivas em uma carta dirigida a seu discípulo Apolonides. É necessário que a admoestação seja serena, sem faltar a benevolência. Note-se que Filodemo também acrescenta que os filósofos não devem temer dirigir repreensões aos homens políticos (HADOT, 2014b, p. 306 – 307).

Sem pretender discutir os diferentes detalhes dessa relação de direção espiritual nesse contexto específico da escola epicurista, basta-nos observar que nessa escola, por exemplo, de acordo com Pierre Hadot, o aconselhamento filosófico por parte do mestre se dava principalmente por intermédio de uma relação pessoal fundada na franqueza da fala. Nesse ínterim, por um lado, o discípulo deveria se exprimir com sinceridade, por exemplo, acerca das suas necessidades e dificuldades e, por outro lado, também o mestre lhe deveria ser franco em suas apreciações e repreensões concernentes ao comportamento do discípulo, porém, conforme salienta o autor, buscando sempre se manter sensível e benevolente em suas intervenções sobre o discípulo.

No que se refere às metodologias de ensino usadas pelos filósofos dessa tradição para exercer seu ofício de mestres de filosofia, igualmente não pretendemos iniciar uma análise dos diferentes procedimentos pedagógicos aos quais se recorria para esse fim, os quais variavam entre as diferentes escolas de filosofia, as diferentes épocas da história dessa tradição e até mesmo entre as diferentes situações cotidianas específicas que se colocavam na relação de ensino entre mestres e discípulos. Apenas para exemplificar esse tema dos métodos de ensino da filosofia, podemos citar este outro trecho da obra *OFA*, retirado do tópico *Identities e diferenças: métodos de ensino* do capítulo *As escolas helenísticas*, no qual Pierre Hadot descreve as aproximações e, sobretudo, as distinções entre as metodologias das diferentes escolas especificamente do período helenístico. De acordo com o autor, nessa época

o ensino tende a tomar sempre uma forma dialógica e dialética, isto é, a sempre preservar, mesmo nas exposições magistrais, o procedimento de um diálogo, de uma sucessão de questões e repostas, o que supõe uma relação constante, ao menos virtual, com indivíduos determinados aos quais o discurso do filósofo se dirige. Apresentar uma questão, denominada ‘tese’ (‘A morte é um mal?’, ‘O prazer é o bem supremo?’, por exemplo) e discuti-la, tal é o esquema fundamental de todo ensino filosófico nessa época (HADOT, 2014b, p. 156).

Resumidamente, segundo o autor, nesse período grande parte das escolas de filosofia ensinam o exercício para a sabedoria principalmente se valendo do procedimento metodológico da discussão de teses. A partir do debate em torno de questões específicas relacionadas a maneira de se viver (como, por exemplo, se a morte é algo que se deve temer), os filósofos conduziam seus discípulos à assimilação dos princípios que fundamentavam o viés teórico e prático professado

na escola em questão. Cumpre salientar, porém, que não obstante esse método em específico pareça se referir apenas a um exercício estritamente teórico, conforme estudamos no tópico acerca do discurso filosófico no primeiro capítulo desta dissertação, no contexto das escolas de filosofia antigas a trajetória discursiva não é um fim em si mesma, mas deve favorecer a realização da opção existencial feita pelo discípulo. Nesse sentido, por exemplo, a discussão de teses, ao conduzir o discípulo a uma maior compreensão sobre os princípios que definem o modo de vida da escola, serve para intensificar sua opção existencial.

Quanto à estrutura organizacional das instituições de ensino fundadas pelos filósofos dessa tradição para oferecer às pessoas o ensino filosófico (como, por exemplo, a Academia de Platão ou o Liceu de Aristóteles), do mesmo modo sem pretender adentrar nos pormenores sobre a maneira como se constituíam essas instituições escolares, que se diferenciavam entre as diversas correntes de filosofia e épocas do período antigo, com o objetivo de apenas oferecer de passagem uma ilustração sua, pode-se descrever este detalhe ressaltado por Pierre Hadot acerca das escolas do período helenístico:

Essas escolas são amplamente abertas ao público. A maior parte dos filósofos, mas nem todos, tem como ponto de honra ensinar sem receber honorários. É isso que os opõe aos sofistas. Os recursos pecuniários são pessoais ou provenientes de benfeitores, como os de Idomeneu para Epicuro. (...) Entre os que frequentam a escola, distinguem-se, em geral os simples ouvintes e o grupo de verdadeiros discípulos, chamados os ‘familiares’, os ‘amigos’ ou os ‘companheiros’, divididos em jovens e velhos. Os verdadeiros discípulos vivem muitas vezes em comunidade ou próximos uns dos outros. Relata-se dos discípulos de Polêmon, o aluno de Xenócrates do qual falamos, que construíram cabanas para viver perto dele. Ademais, verifica-se na Academia, no Liceu e na escola de Epicuro o costume de fazer refeições comuns em intervalos regulares (HADOT, 2014b, p. 150 – 151).

Observa-se, portanto, que essas instituições escolares se faziam disponíveis para todas as pessoas interessadas em empreender para si uma formação filosófica, sendo que muitas vezes instituíam não apenas momentos específicos voltados para o ensino filosófico, mas também uma comunidade de vida, na qual os mestres e discípulos compartilhavam as ocasiões do cotidiano e se ajudavam mutuamente no sentido do aprimoramento da própria existência.

Porém, seguindo ainda as explicações de Pierre Hadot em torno do tema da direção espiritual no contexto filosófico, é importante salientar que, em seu entendimento, em concordância com a compreensão que, de acordo com ele, fora

também a dos filósofos do período antigo, a emergência dessa relação pedagógica do filósofo com a coletividade ou com os indivíduos particulares, embora possa ser influenciada pelas intervenções do filósofo, deve se fundar em uma decisão que parte não do filósofo, mas dos outros:

Reencontra-se aqui o princípio da ética do diálogo: só se pode dialogar com alguém que queira sinceramente dialogar. Não se deve constranger quem se recusa a mudar de modo de vida. Não se deve irritá-lo nem lisonjeá-lo, nem fazer-lhe vãs reprimendas nem ajudá-lo na satisfação de desejos que se desaprovam. E isso também vale para a cidade que se recusa a mudar de modo de vida. O filósofo poderá dizer que desaprova a depravação da cidade, se nisso houver alguma utilidade. Mas que não use de violência! (HADOT, 2014b, p. 305).

Portanto, para que o filósofo possa efetivamente desdobrar sua ação educativa em benefício das outras pessoas, de acordo com Pierre Hadot, é necessário que essas, antes de tudo, tenham realizado a tomada de decisão pela busca filosófica e de fato se comprometido nesse empreendimento, a partir do que o filósofo se fará disponível para instruir o então tornado discípulo nessa empreitada. Em suma, tendo o discípulo uma vez feito a escolha fundamental, o mestre de filosofia, recorrendo a diferentes procedimentos pedagógicos, em um contexto escolar institucionalizado ou não, então o ajudará a assimilar intelectual e espiritualmente os princípios teóricos e práticos que definem e orientam o modo de vida filosófico ao qual ele então se vinculou.

4.4 A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA OBRA DE PIERRE HADOT

No que concerne a essa temática da dimensão pedagógica da filosofia, enfatizada por Pierre Hadot em sua descrição do fenômeno da filosofia conforme ele se desdobra em sua origem antiga, é preciso salientar ainda que a própria obra desse autor, na medida em que formula e propõe para o tempo presente uma acepção da filosofia como modo de vida, compartilha, ela mesma, dessa dimensão pedagógica. Com efeito, conforme sublinhado pela comentadora de Pierre Hadot, Jeannie Carlier, na ocasião da entrevista que ele concede a ela e a Arnold I. Davidson, embora à primeira vista a obra desse autor pareça oferecer ao leitor, por um lado, uma original abordagem historiográfica da filosofia antiga e, por outro, uma concepção alternativa de filosofia como modo de vida, além disso sua obra também exerce, em outro nível, um efeito pedagógico. Na posição de leitora dos textos

escritos por Pierre Hadot, Carlier ressalta o efeito de transformação de sua personalidade devido ao seu contato com a obra desse filósofo:

Existem livros dos quais não saímos exatamente como éramos quando neles entramos. Creio que é esse o caso em relação a seus três livros, *O que é a filosofia antiga?*, *Exercícios espirituais* e, sobretudo, *La citadelle intérieure* [A cidadela interior]. Eu mesma, que passei semanas relendo-os, vi mudanças sutis ocorrerem na minha maneira de ver as coisas – em relação a pontos minúsculos, é verdade: um olhar crítico sobre os meus julgamentos, ou ainda uma consciência mais viva do instante presente. Esses são livros, ao que me parece, que nos obrigam a levar em conta as célebres palavras de Sócrates: uma vida que não é examinada não merece ser vivida (HADOT, 2016, p. 181).

Em seu comentário, Carlier evidencia que essa produção filosófica de Pierre Hadot envolve também um potencial formativo sobre a existência das pessoas, sendo capaz de, mais do que informar histórica e filosoficamente seus leitores, também transformá-los no que concerne à maneira de ser desses. Nesse sentido, a obra desse filósofo se alinha à tarefa educativa, no sentido da modificação da existência das pessoas para uma vida melhor, que ele atribui aos filósofos da tradição de filosofia por ele estudada.

Sendo que o método para exercitar essa tarefa pedagógica de ajudar as outras pessoas a modificarem suas vidas, de acordo com o esclarecimento do próprio Pierre Hadot nas entrevistas em questão, é o da comunicação indireta. Quando questionado por Carlier sobre o motivo de fazer um retorno às filosofias antigas, se seu propósito era propor um modo de vida que ele acredita ser bom para os indivíduos de nosso tempo, o autor responde na seguinte perspectiva:

Por que essa volta? Quanto a mim, eu diria que se trata daquilo que Kierkegaard denominava o método da comunicação indireta. Quando se diz diretamente: faça assim, ou faça assado, dita-se uma conduta, com um tom de falsa certeza. No entanto, graças à descrição da experiência espiritual vivida por um terceiro, pode-se fazer vislumbrar e sugerir uma atitude espiritual, fazer ouvir um chamado, que o leitor tem a liberdade de aceitar ou recusar. Cabe a ele decidir. Ele é livre para acreditar ou não acreditar, agir ou não agir. Seu eu julgar pelas inúmeras cartas que recebi, escritas pelas pessoas mais diversas, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos, que me dizem que meus livros as ajudaram espiritualmente – alguém chegou a escrever: ‘você mudou minha vida’ -, considerarei que o método é bom; e sempre pude responder a essas pessoas, com razão, que não fui eu, mas foram os filósofos antigos que lhe haviam proporcionado essa ajuda (HADOT, 2016, p. 184).

Portanto, o recurso metodológico da descrição das experiências de exercício e transformação espiritual dos filósofos antigos, para Pierre Hadot, oferece-se como

uma maneira especialmente potente para exercer o compromisso pedagógico da filosofia entre as pessoas de nosso tempo. Dessa maneira ele próprio buscou influenciar positivamente seus contemporâneos – sendo que, de acordo com ele, os relatos de reais modificações existenciais provocadas a partir do contato com essas descrições por intermédio de sua obra atestam a eficácia pedagógica desse procedimento metodológico.

4.5 A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA NA CONTEMPORANEIDADE

A obra de Pierre Hadot, conforme salientado no tópico anterior, exerce ela mesma sobre os seus leitores um efeito pedagógico, no sentido de que ela provoca um efeito benéfico de transformação existencial por meio da comunicação indireta das atitudes existenciais da tradição antiga da filosofia. Mas, além dessa implicação pedagógica da própria obra desse autor, a aceção da filosofia como modo de vida nela desenvolvida também exerce um impacto pedagógico na contemporaneidade em pelo menos mais dois outros sentidos, conforme destacam Testa e Faustino na conclusão do tópico *A recepção da 'filosofia como modo de vida'* que compõe a introdução para a sua obra *Filosofia como Modo de Vida*:

Por último, a um nível pedagógico ou psicagógico o modelo da filosofia como modo de vida tem inspirado o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e disseminação da filosofia a públicos alargados. No que diz respeito ao ensino, importa destacar o trabalho desenvolvido pela Mellon Philosophy as a Way of Life Network, sediada na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos. Trata-se de uma rede internacional de professores e investigadores, dedicada ao desenvolvimento, partilha e promoção de estratégias de ensino da filosofia com base no modelo da filosofia como modo de vida. A convicção fundamental desta rede é a de que uma educação filosófica baseada neste modelo não só facilita a aprendizagem dos conteúdos propostos como promove o seu questionamento e aplicação prática, permitindo assim responder de forma mais direta e eficaz às questões, expectativas e aspirações que levam os alunos a escolher um curso de filosofia. Ao nível da apropriação não-académica dessa imagem da filosofia e da sua disseminação para o público não especializado, destacam-se – além da multiplicação de livros escritos por académicos para este tipo de público, com uma crescente popularidade – as iniciativas desenvolvidas pelo Modern Stoicism, uma organização nascida de uma colaboração entre académicos e psicoterapeutas, com o objetivo de tornar as práticas terapêuticas estoicas acessíveis para o grande público. Entre as suas iniciativas, contam-se uma conferência anual ('Stoicon') e a 'Semana estoica', que convida qualquer pessoa interessada, com ou sem formação filosófica, a 'viver como um estoico por uma semana' e a avaliar os efeitos dessa experiência na sua vida (TESTA; FAUSTINO, 2022, p. 41 – 42).

Os intérpretes salientam que os desenvolvimentos de Pierre Hadot em sua obra acerca da concepção da filosofia como modo de vida – a qual, conforme estudamos no presente capítulo desta dissertação, implicam uma concepção especial acerca do ensino da filosofia – inspiram-nos para uma reflexão no sentido de uma possível reconfiguração da educação filosófica (e, quiçá, da educação em geral) no tempo contemporâneo. Ao enfatizar como problemática central da filosofia a questão da maneira de viver, da busca pela boa vida, Pierre Hadot aponta para a ideia de um ensino filosófico no qual, mais do que se dedicar à apropriação dos conteúdos filosóficos e às habilidades discursivas, dedica-se ao aprimoramento da existência dos indivíduos (sem, no entanto, importa repetir, prescindir da dimensão teórica e conceitual dessa disciplina, mas a articulando com esse propósito ulterior). Nesse sentido, Pierre Hadot coloca para a contemporaneidade um desafio no que concerne à ocupação filosófica e, mais particularmente, ao ensino filosófico, convidando-nos a repensar e aperfeiçoar os diferentes aspectos dessas atividades sob a perspectiva da sua concepção alternativa de filosofia. Assim sendo, levanta o questionamento em torno, por exemplo, dos objetivos do ensino da filosofia, das estratégias de ensino, do papel do professor na trajetória formativa, do que esperar dos alunos nessa educação, da definição dos currículos, dos espaços onde esse ensino acontece, da organização institucional que o possibilita (assim como sobre a necessidade ou não de uma instituição para esse ensino) e assim por diante, seja no que diz respeito ao ensino da filosofia em nível superior nas academias ou em nível médio nas escolas. Sendo que, de acordo com Testa e Faustino, muitos professores e pesquisadores da filosofia em nosso tempo, inspirados por esses desafios e indicações levantados pelas perspectivas de Pierre Hadot, já começam a investir em uma atuação orientada por essa sua concepção de filosofia como modo de vida. Como no caso da citada Mellon Philosophy as a Way of Life Network⁷, verifica-se hoje uma busca por maneiras de reconfigurar a atuação filosófica e, mais particularmente, a docência filosófica a partir desse prisma da filosofia como maneira

⁷ “A Mellon Philosophy as a Way of Life Network é um grupo de mais de cem professores de filosofia de diversas instituições que pesquisam aspectos da filosofia como modo de vida, compartilham currículos, treinam uns aos outros nas principais estratégias de ensino, e apoiam uns aos outros à medida que encontramos novas maneiras de atender nossos estudantes e as humanidades mais amplamente”. Descrição retirada e traduzida livremente pelo autor desta dissertação a partir do texto original em inglês disponível na página da web <https://phillife.nd.edu/>. Acesso em 29/05/2023.

de viver, acreditando-se que, desse modo, essa disciplina tem maior pertinência para aqueles que estão nela envolvidos.

Quanto ao impacto pedagógico da obra de Pierre Hadot no que diz respeito à popularização da filosofia, os intérpretes destacam que, sob inspiração dos aportes desse autor acerca da concepção da filosofia como modo de vida, também se observa na contemporaneidade uma tentativa de reavivamento do original espírito popular da filosofia. Analogamente às tentativas dos filósofos antigos e do próprio Pierre Hadot com sua obra, conforme ressaltamos nos tópicos anteriores desta dissertação, muitos filósofos de nosso tempo buscam disponibilizar ao público em geral os conteúdos filosóficos, sobretudo em seus aspectos práticos, dessa tradição de filosofia concebida como exercício espiritual que surge na antiguidade. Com isso, tal como aqueles filósofos e Pierre Hadot, pretendem oportunizar a qualquer pessoa interessada, e que esteja disposta a se comprometer com o esforço filosófico, maneiras de provocar modificações positivas em suas próprias existências. Assim é que, a título de exemplo, citado por Testa e Faustino, a organização Modern Stoicism⁸, por meio, por exemplo, do evento Stoic Week⁹, oferece instrução e suporte às pessoas em geral para a prática pessoal com vistas a melhorar a vida, a partir do arcabouço da filosofia estoica. Iniciativas como essa, inspiradas pela obra de Pierre Hadot, ecoam a preocupação em ajudar as outras pessoas a viver melhor, que fora própria aos filósofos dessa tradição da filosofia como modo de vida. Assim como também expressam um ultrapassamento dos habituais limites da atividade filosófica, que em nosso tempo costuma estar restrita ao ambiente acadêmico e ao público especializado, exercendo-a em outros espaços e juntamente com o público em geral.

Para encerrar esse tópico, pode-se dizer em poucas palavras que, ao ressaltar a pertinência da filosofia para qualquer pessoa e não somente para os

⁸ “Modern Stoicism [Estoicismo Moderno] é uma companhia limitada sem fins lucrativos, registrada no Reino Unido, operacionalizada por um time multidisciplinar de voluntários. Seus objetivos são de pesquisar e publicar informações sobre a aplicação da filosofia estoica à vida moderna para o benefício do público geral”.

⁹ “Stoic Week [Semana Estoica] é um evento anual que convida você a ‘viver como um estoico por uma semana’. É realizado online e completamente gratuito. Desde 2012, aproximadamente 40 mil pessoas se inscreveram para a Semana Estoica. (...) Até o momento os resultados mostraram consistentemente que as pessoas que participam veem uma redução nas emoções negativas e um aumento na satisfação com a vida. (...) Em 2021 nós também introduzimos uma versão simplificada voltada para adolescentes em idade escolar: Stoic Week for Students [Semana Estoica para Estudantes]”. Descrições retiradas e traduzidas livremente pelo autor desta dissertação a partir dos textos originais em inglês disponíveis na página da web <https://modernstoicism.com/>. Acesso em 29/05/2023.

filósofos profissionais, pois essa se refere a uma atividade que não está restrita ao discurso técnico e à conceituação abstrata, mas que responde à problemática da boa vida e convida à sua prática, Pierre Hadot reanima na contemporaneidade a ideia antiga de um ensino filosófico para qualquer pessoa e cujo sentido é o aprimoramento da existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste estudo acerca das perspectivas peculiares do filósofo Pierre Hadot sobre a filosofia e, mais particularmente, sobre o componente pedagógico que ele atribui à essa atividade, então caracterizando-a também como uma tarefa essencialmente educativa, cumpre aqui fazermos algumas últimas considerações acerca dessas suas posições. Com isso, temos em vista apenas retomar aqui as principais linhas argumentativas que percorreram este nosso trabalho e, em alguma medida, tecendo algumas observações complementares a partir daquilo emerge das ideias trabalhadas. Não pretendemos necessariamente estabelecer conclusões definitivas, seja sobre a exegese das obras de Pierre Hadot ou sobre os desdobramentos contemporâneos que delas decorrem, mas apenas indicar algumas reflexões possivelmente pertinentes que este trabalho nos suscitou e, quiçá, para apontar outras direções para futuras investigações que seriam necessárias desenvolver a partir do que aqui se tentou mostrar.

Evidenciamos em nossa pesquisa que a obra de Pierre Hadot é mobilizada não somente por interesses historiográficos, mas também por questões metafilosóficas e, ademais, pedagógicas. Em um nível historiográfico, esse autor retorna ao estudo cuidadoso da literatura filosófica da antiguidade, então descobrindo uma tradição de filosofia que, diferentemente da maneira como essa atividade é hoje praticada, concebida e ensinada, relacionava-se com a aplicação filosófica sob uma inspiração fundamentalmente existencial e de uma maneira principalmente prática. De acordo com o autor, se na contemporaneidade a filosofia é associada somente a um percurso teórico e conceitual, e que não tem a pretensão de implicar ou impactar a existência concreta das pessoas envolvidas nessa atividade (ou das demais pessoas, externas ao ambiente restrito dos especialistas), diferentemente disso, nos tempos antigos, a filosofia foi também (e sobretudo) uma atividade vinculada à vida real e cotidiana dos seus praticantes, assim como dos não-filósofos e, de modo mais geral, de toda a comunidade – embora, é preciso sempre insistir, isso não signifique que então se negligenciava ou se prescindia da tarefa conceitual e teórica, mas que essa encontrava seu sentido em propósitos práticos e existenciais. Em síntese, em um primeiro nível, os estudos de Pierre Hadot nos revelam que antes a filosofia possuía uma vocação existencial e transformadora: o que incitava sua aplicação era, antes de tudo, o interesse por

efetivamente viver uma boa vida; assim sendo, aplicar-se nessa tarefa significava, antes de tudo, aplicar-se na transformação do próprio modo de ser e de viver sob o referencial de uma orientação existencial específica, isto é, o modelo de boa vida ou sabedoria. O discurso filosófico, que hoje encontra em si mesmo o fim último da filosofia, na antiguidade se articulava com aqueles propósitos de vida, seja, por exemplo, formulando teoricamente o que significa a boa vida ou favorecendo a modificação da personalidade que esse ideal exigia.

Por outro lado, em nosso estudo pudemos também compreender que essas perspectivas sobre a história da filosofia (seja sobre o tempo antigo, mas também sobre outras épocas) possui para esse autor um interesse que não é meramente historiográfico. Mais do que isso (e, talvez, especialmente), interessa Pierre Hadot a questão metafilosófica acerca da natureza mesma da atividade filosófica, assim como acerca do que essa atividade é hoje nos contextos acadêmicos e institucionais e, por fim, acerca do que ela poderia (e, talvez, deveria) ser em nossa época. Nesse sentido, o retorno historiográfico de Pierre Hadot ao passado, no fundo, constitui-se como uma estratégia pela qual esse autor pretende, diante da maneira como a filosofia é correntemente concebida e praticada nos tempos de hoje, contrapor uma maneira diferente de conceber e exercer essa atividade. Em oposição ao modelo de filosofia assumido hoje nas academias, juntamente com o autor vislumbramos nos antigos (mas também às vezes depois dos antigos) um modelo de filosofia como modo de vida e exercício espiritual, cujas motivações e objetivos ulteriores não são a mera produção de discursos teóricos, técnicos e especializados para especialistas, mas a transformação e o aprimoramento das existências – aliás, não somente dos filósofos, mas também de qualquer pessoa interessada em viver uma vida mais digna, feliz e completa e, por fim, quiçá, também do conjunto da sociedade em suas configurações sociais e políticas. Compreendemos, portanto, que Pierre Hadot acredita que a filosofia talvez deveria outra vez assumir sua original vocação existencial e transformadora, assim como seu compromisso ético, político e pedagógico com as pessoas de seu entorno e a sociedade em geral. Trata-se de uma eloquente crítica ao encerramento academicista dessa disciplina no interior das instituições modernas de ensino e no círculo estreito do domínio do discurso técnico e árido dos especialistas. Para o autor, a filosofia ainda pode possuir uma relevância e um alcance muito mais amplos que os atuais, servindo para propósitos não somente profissionais e teóricos, mas também éticos, terapêuticos, políticos,

pedagógicos e sociais. Assim ela beneficiaria não só o aumento do conhecimento humano ou o aperfeiçoamento profissional de seus envolvidos, mas também as existências de todas as pessoas, seja, por exemplo, no que se refere às relações interpessoais ou no que concerne aos desafios sociais e políticos do tempo presente, tudo isso que exige de nós não somente reflexões sutis e profundas, mas, além disso, também novas atitudes e ações concretas – e a filosofia, para Pierre Hadot, ainda possui a potência (e, talvez, o dever) de nos ajudar nesses diferentes domínios que extrapolam o conceito e a teoria.

Pudemos evidenciar ao longo de nosso estudo que é precisamente nesse ínterim da responsabilidade existencial, política e social que Pierre Hadot atribui à filosofia, que se desdobram em sua obra importantes reflexões e aportes acerca de uma suposta natureza pedagógica ou educativa que, para ele, seria fundamental e necessária nessa atividade, desde que concebida sob o prisma do modelo da filosofia como modo de vida e exercício espiritual. Isto é, ainda verificamos nas considerações de Pierre Hadot sobre essas suas perspectivas históricas e metafisológicas que, para ele, a filosofia assim concebida é, no fundo, uma atividade essencialmente educativa, pois é mobilizada por uma vocação pedagógica, a qual emergiria no seio mesmo dessa tarefa central da modificação existencial em direção à boa vida. Para ele, o filósofo envolvido nessa maneira de conceber e praticar a filosofia consecutivamente estaria implicado em um compromisso de se voltar para as demais pessoas com intenções educativas, com o propósito de lhes oferecer os ensinamentos próprios da filosofia. Mas nos perguntamos nessa pesquisa por qual razão Pierre Hadot atribui à filosofia uma responsabilidade pedagógica, assim como também questionamos sobre o significado preciso dessa tarefa educativa que emergiria dessa responsabilidade.

Para esclarecer essas inquietações que surgem a partir da apreciação desse autor sobre o que uma vez coube (mas que também outra vez deveria caber à filosofia), observamos que essas suas conclusões se articulam com suas próprias convicções filosóficas acerca do que significa viver uma vida filosófica. Com isso, fomos remetidos a explicitar o conteúdo de sua própria concepção de boa vida ou sabedoria, a qual, segundo o autor, na verdade se inspira nas posições da maior parte das diversas correntes de filosofia do ocidente, antigas ou modernas, a saber, segundo a qual se atribui especial centralidade ao que ele quis chamar de consciência cósmica.

Tendo isso em vista, tivemos de discorrer, mesmo que somente em seus aspectos mais gerais e sem buscar maiores aprofundamentos nas problemáticas filosóficas que eventualmente brotassem dessas posições, sobre a concepção propriamente hadotiana acerca da boa vida, a partir da qual poderíamos melhor compreender os motivos pelos quais é atribuída uma tarefa pedagógica aos filósofos. Desse modo, compreendemos que, em suma, as diferentes escolas filosóficas antigas (mas muitas vezes também depois da antiguidade) concordaram em alguns aspectos essenciais sobre a questão que principalmente lhes interessava, isto é, sobre o que significaria viver bem e sobre como efetivamente fazê-lo. Na interpretação de Pierre Hadot, ao longo da história as diversas filosofias igualmente se deram conta da importância para a nossa vida do que ele designou pelo conceito de consciência cósmica, isto é, uma peculiar maneira de nos relacionarmos com o mundo, na qual, em poucas palavras, somos mais atentos à realidade do nosso entorno e ao fato de que nossa própria existência ocorre nesse meio (a qual, com efeito, acreditamos estar em grande medida ausente no tempo de hoje, marcado pela inconsciência, seja devido às inquietações produtivas ou ao excesso de distrações de todos os tipos, por exemplo). Nisso, nossa mundividência estaria articulada com a perspectiva do Todo, a partir do que seríamos destituídos de uma representação do nosso ego ou eu individual enquanto individualidade. Para Pierre Hadot, portanto, a experiência que um sábio teria de seu próprio eu seria a de um eu cósmico, cuja existência não se identifica ao eu pessoal e particular, mas é expandida ao nível da realidade do Todo.

Em nosso trabalho, seja em vista dos limites de espaço ou do escopo de nossos interesses, não tivemos a intenção de adentrar nos detalhes ontológicos complexos (e possivelmente problemáticos, seja de um ponto de vista filosófico ou em suas perspectivas históricas) implicados nessas apreciações hadotianas. Buscamos apenas esclarecer que um elemento capital dessa maneira de representar a boa vida, para o autor, é a consequente ruptura com o egocentrismo que, assim ele acredita, é provocada no acesso a esse estado de consciência. Assim sendo, as práticas filosóficas (como, por exemplo, a percepção estética ou o olhar do alto) deveriam nos conduzir à conquista da consciência cósmica sobretudo em vista desse ulterior objetivo ético que, para Pierre Hadot, estaria no horizonte das diversas filosofias (e que concordamos ser tão necessário ainda nos tempos de hoje): a vitória sobre o exclusivo encerramento no próprio eu e a abertura para a

consideração das vidas das outras pessoas, assim como de seus interesses e necessidades.

Com base na compreensão dessas posições de Pierre Hadot, enfim verificamos que, para ele, o compromisso pedagógico, que emergiria necessariamente no seio mesmo da filosofia, resulta da conquista desse objetivo para o qual a atividade filosófica deveria nos preparar, isto é, a superação de nosso egoísmo. Dito de outro modo, pudemos explicar a tarefa educativa que o filósofo assumiria para si na medida em que evidenciamos esse efeito de ruptura do egocentrismo que, para Pierre Hadot, a filosofia teria o potencial de provocar. Pois, uma vez que o filósofo deixa de se preocupar apenas consigo mesmo no ínterim de sua aplicação à filosofia, ele então se torna mais permeável para os anseios, as dificuldades, as expectativas e etc. dos indivíduos de seu entorno, assim como da comunidade na qual está inserido. Dessa abertura, por conseguinte, resultaria a compreensão do papel que o filósofo poderia exercer entre seus próximos: beneficiar-lhes existencialmente. Enfim, assim emerge para ele um compromisso pedagógico em relação aos outros, isto é, o compromisso de lhes oferecer os caminhos propriamente filosóficos para a conquista de uma existência mais digna, completa e feliz. Isso que se realizaria em um contexto educativo, institucionalizado ou não, amplo ou restrito, no qual o filósofo exerceria sua vocação pedagógica de ensinar os outros naquilo que ele seria mais competente, isto é, nos conhecimentos e práticas filosóficas de transformação e aprimoramento da existência.

Essas perspectivas mobilizadas por Pierre Hadot sobre a filosofia, portanto, culminam em desdobramentos pertinentes para se repensar não somente a maneira como nos envolvemos particularmente com a atividade filosófica, mas também a maneira como a ensinamos nos diferentes contextos educativos que se colocam para nós hoje. Com base em sua abordagem da filosofia como modo de vida, desdobra-se um entendimento da prática e do ensino da filosofia para a atualidade que, em síntese, enfatiza a vocação ética e transformadora da filosofia. Assim sendo, Pierre Hadot inspira um entendimento sobre o ensino filosófico no qual, ao invés de enfatizar a teorização e conceituação, enfatiza-se a prática concreta e cotidiana, tanto no sentido de que o ensino da teoria (então focado em questões relacionadas à maneira de viver) deve possuir um impacto de transformação sobre a vida, como no sentido de que essa transformação é provocada também por vias práticas. O autor nos convida a reconsiderar, além de nosso envolvimento pessoal

com a filosofia, também nossas estratégias de ensino dessa disciplina, observando que, para esse objetivo da transformação dos indivíduos, a comunicação filosófica deve, para além do discurso sistemático e coerente, recorrer também a outras estratégias, como, por exemplo, às técnicas retóricas, à exemplaridade ou aos exercícios práticos. Dessa maneira, esse ensino deve possuir relevância não apenas para especialistas na filosofia, mas para todas as pessoas, pois se refere às questões que interessam a qualquer um, como, por exemplo, a pergunta sobre o que é a felicidade e sobre como alcançá-la. Sendo que, entre as diversas abordagens filosóficas acerca da maneira de viver desenvolvidas ao longo da história da filosofia (a serem criticamente estudadas e concretamente experimentadas nesse ensino filosófico alternativo que então toma forma), a própria perspectiva hadotiana se oferece como mais uma abordagem interessante, prometendo, a partir da tomada de consciência de nosso lugar no cosmos, uma existência mais consciente e aberta às outras pessoas (atitudes essas que, talvez, sejam tão necessárias às circunstâncias contemporâneas, marcadas, por exemplo, pelo relacionamento estritamente utilitário e industrial com o mundo natural e pela intensificação das desigualdades na qualidade da vida das pessoas).

Por fim, importa salientarmos que, não obstante a pertinência e originalidade dessas posições oriundas da obra de Pierre Hadot acerca da filosofia, as quais se dirigem, enfim, para posições provocativas sobre a educação filosófica (e, quiçá, sobre a educação em geral), restam ainda questões fundamentais que precisam ser colocadas como objeto de maior reflexão e aprofundamento nos estudos e discussões subseqüentes sobre essas temáticas. Cumpriria ainda em futuros desenvolvimentos na pesquisa sobre a obra desse autor, em específico, e sobre o modelo da filosofia como modo de vida, em geral, responder, entre diversas outras questões, por exemplo, à problemática sobre a efetiva possibilidade de reavivamento desse antigo modelo nos tempos de hoje, cujo contexto cultural, político, social, educacional e etc., de fato, é tão diferente daquele que se colocava aos filósofos antigos; ou ainda a questão de saber de que maneiras exatamente os professores de filosofia de nosso tempo poderiam exercer uma docência orientada para o aprimoramento existencial, tendo em vista, entre outras dificuldades, os obstáculos institucionais no qual esse ensino poderia ocorrer ou os riscos de dogmatismo aparentemente sempre presentes na dimensão ético-normativa que caracteriza esse modelo de filosofia.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henry. **La Pensée et le Mouvant**. Paris: 1946;

COLARES, Lorryne. Comentários sobre a relação entre discurso e modo de vida segundo Pierre Hadot. *In: Revista Ética e Filosofia Política*, v. 2, n. 18, p. 174 – 192, 2015;

DAVIDSON, Arnold I. Spiritual Exercises and Ancient Philosophy: An Introduction to Pierre Hadot. *In: Critical Inquiry*, v. 16, n. 3, p. 475-482, 1990;

FAUSTINO, Marta. Filosofia: uma escolha de vida? Hadot, Foucault e a “filosofia como modo de vida” como prática de dissidência e experimentação. *In: Revista Apena*, v. 4, n. 7, p. 91 – 109, 2022;

GENIS, Andrea Díaz; GALLO, Sílvio. Filosofia da Educação, Exercícios Espirituais e Arte de Existência. *In: Educação Em Foco*, v. 20, n. 2, p. 95–114, 2015;

GROETHUYSEN, Bernard. **Anthropologie Philosophique**. Paris: Gallimard, 1952;

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014a;

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2014b;

HADOT, Pierre. **A filosofia como maneira de viver**. Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson. Tradução de Lara C. Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016;

HADOT, Pierre. **Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais**. Tradução de Lara C. Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2019;

HULIN, Michel. **La Mystique Sauvage: Aux antipodes de l'esprit**. Paris: PUF, 1993;

KLEE, Paul. **Théorie de l'Art Moderne**, Paris: Denoel-Gonthier, 1975;

SELLARS, John. O que é a filosofia como modo de vida? *In: TESTA, Federico; FAUSTINO, Marta (org.). Filosofia como Modo de Vida: Ensaio Escolhidos*, Lisboa: Edições 70, 2022, p. 65 - 88;

TESTA, Federico; FAUSTINO, Marta (org.). **Filosofia como Modo de Vida: Ensaio Escolhidos**, Lisboa: Edições 70, 2022.